

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade em
Educação Especial: Domínio Cognitivo-Motor



**A FORMAÇÃO DOS DOCENTES EM SOBREDOTAÇÃO –
A ATUAL REALIDADE DA ESCOLA PORTUGUESA**

Rosa Cristina Guimarães de Matos

Lisboa, julho de 2015

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade em
Educação Especial: Domínio Cognitivo-Motor

**A FORMAÇÃO DOS DOCENTES EM SOBREDOTAÇÃO –
A ATUAL REALIDADE DA ESCOLA PORTUGUESA**

Rosa Cristina Guimarães de Matos

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação João de Deus com
vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na
Especialidade de Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor
sob a orientação da
Professora Doutora Cristina F. Saraiva Pires Gonçalves

Lisboa, julho de 2015

Resumo

Sobredotação - um tema repleto de significado que carece de cooperação para se autoafirmar no seio de uma sociedade que teima em fechar os olhos perante a presença de indivíduos com capacidades acima da média.

São ou não, os alunos sobredotados, crianças e jovens com necessidades educativas especiais? Estão os professores preparados para identificar e trabalhar com estes alunos no contexto regular de sala de aula? A formação que os docentes possuem é suficiente para dar resposta às exigências e carências deste grupo de crianças especiais?

Tomando como base este conjunto de questões e considerando a crise social e de paradigma que atravessa a sociedade portuguesa, foi desenvolvido o presente trabalho de investigação, com o objetivo de compreender se os professores que estão atualmente a lecionar nas escolas portuguesas estão ou não habilitados, com formação e conhecimentos devidos na área da sobredotação, a fim de trabalhar com este tipo de crianças, em contextos de ensino/aprendizagem regulares.

Para a elaboração e desenvolvimento deste projeto foi estruturado um quadro teórico pormenorizado através do qual se fundamentou, intimamente, o conceito de sobredotação e a formação de professores em Portugal, sempre baseado em depoimentos de reconhecidos autores do panorama escolar atual e na literatura científica concernente ao tema - sobredotação.

Procedeu-se à elaboração de um estudo empírico levado a cabo através da aplicação de um questionário por inquérito a uma amostra finita, representativa e não probabilística, por conveniência, composta por cento e três indivíduos. Os dados obtidos foram tratados de forma criteriosa através do programa Statistical Package for Social Science for Windows.

A análise efetuada, se bem que de forma generalizada, está longe de refletir uma veracidade de que nos possamos ensoberbecer. Irei dar a conhecer uma realidade que está obstante daquilo que seria a ideal, confirmada com base nos resultados obtidos.

Situação que nos leva a questionar sobre as múltiplas e danosas consequências que um mau atendimento, incompreensão ou negação educacional da criança sobredotada poderão gerar. Urge a necessidade de se atuar no campo da formação.

Palavras-chave: sobredotação, inteligência, capacidades, necessidades educativas especiais, educação especial, formação de docentes.

Abstract

Giftedness - a subject filled with meaning that lacks support to affirm itself within a society that insists to ignore the presence of individuals above average capacities.

Should we, or should we not, consider gifted students children and youngers, for special and educational needs? Are teachers prepared to identify and work with these students in the context of the regular classroom? Do teachers have proper training, to face the demands and needs in this group of special children?

Based on this set of questions and considering the social crisis and paradigm that runs throughout Portuguese society, this research work was developed, in order to understand whether teachers who are currently teaching in Portuguese schools, are enabled or not, with proper training and expertise in the area of Giftedness to work with such children in educational contexts and regular learning.

For the preparation and development of this project it has been structured a detailed and theoretical context, based firmly on the concept of Giftedness and teacher training in Portugal, always grounded on testimonials from recognized authors of the current school panorama and scientific literature concerning the theme - Giftedness.

It proceeded to the preparation of an empirical study based on a questionnaire survey of a finite, and not representative probability sample consisting of one hundred and three individuals. The data obtained was treated carefully through the *Statistical Package for Social Science for Windows*.

The analysis carried out, although across the board, is far from reflecting an absolute truth in overall statistical terms. Nevertheless, the fact that we will know she is fully confirmed and based on the results obtained.

This situation leads us to question about the multiple, harmful consequences that a bad call, misunderstanding or educational denial to a gifted child may generate. There is an urgent need to act in the field of education.

Keywords: giftedness, intelligence, skills, special needs, special education, teacher training.

“Os alunos sobredotados existem, estão aí e continuarão a estar.

Podemos identificá-los ou não, reconhecê-los ou não.

*O importante é não arruinarmos as suas possibilidades por
abandono ou negligência, por comodidade ou ignorância.*

A tarefa, sem dúvida, merece a pena...”

Tourón (1999)

Agradecimentos

*M*anifesto o meu mais genuíno agradecimento a todos aqueles, que de uma forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço pela paciência, disponibilidade, dedicação e por todo o apoio que me dispensaram.

Mas, o meu agradecimento particular vai para todos os profissionais, anónimos, crianças sobredotadas, crianças especiais, crianças padrão,..., com quem me cruzo diariamente, pessoas que me ajudam e me permitem adquirir, todos os dias, novos conhecimentos para a realização do meu objetivo primordial de vida profissional que é, dar um passo significativo em prol do enriquecimento e aquisição de informação basilar que me permita ajudar crianças especiais, desenvolvendo um trabalho cada vez melhor com o intento de o usar nas salas de aula por onde passar e de o partilhar com todos os colegas com quem me cruzar ao longo do meu percurso profissional e pessoal.

Siglas

ACCORD Able Children Clwyd and Oxfordshire Research and Development

AECS Atividades de Enriquecimento Curricular

ANEIS Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação

CPCIL Centro Português para a Criatividade Inovação e Liderança

DEB Departamento de Educação Básica

EE Educação Especial

IM Inteligências Múltiplas

NEE Necessidades Educativas Especiais

QI Quociente de Inteligência

LBSE Lei de Bases do Sistema Educativo

SPSS Statistical Package for Social Science for Windows.

VD Variável Dependente

VI Variável Independente

WISC Wechsler Intelligence Scale for Children

Índices

Resumo	IV
Abstract	V
Agradecimentos	VII
Siglas.....	VIII
Índices.....	IX
Índice de imagens.....	XI
Índice de gráficos	XI
Índice de tabelas.....	XI
Índice de quadros	XII
Introdução	1
Parte I Fundamentação Teórica.....	4
Capítulo 1 - A Sobredotação	5
1 Conceito de Sobredotação	6
1.1 <i>Problemática terminológica da definição de Sobredotação</i>	<i>8</i>
1.2 <i>Reconhecimento dos alunos sobredotados</i>	<i>10</i>
2 Inteligência ou Inteligências múltiplas	12
2.1 <i>Quociente Intelectual</i>	<i>17</i>
3 Instrumentos e meios de identificação.....	20
4 Características dos sobredotados	22
4.1 <i>Problemática dos sobredotados.....</i>	<i>26</i>
4.1.1 <i>Dissincronias</i>	<i>26</i>
4.1.2 <i>Efeito pigmaleão.....</i>	<i>28</i>
4.1.3 <i>Efeito Evereste.....</i>	<i>28</i>
5 Mitos e verdades sobre a Sobredotação.....	29
Capítulo 2 - Necessidades Educativas Especiais.....	31
1 Conceito de Necessidades Educativas Especiais.....	32
1.1 <i>Classificação das NEE por categorias.....</i>	<i>33</i>
2 Escola inclusiva - Uma escola para todos	35
3 Serão os sobredotados alunos com Necessidades Educativas Especiais?	37
3.1 <i>Necessidades educativas especiais dos Sobredotados.....</i>	<i>39</i>
3.2 <i>Atendimento às necessidades educativas especiais dos sobredotados</i>	<i>40</i>
Capítulo 3 - Legislação	42
1 Legislação sobre o direito à educação para todos	43
1.1 <i>Legislação educativa para a Sobredotação.....</i>	<i>45</i>

Capítulo 4 - Estratégias educativas essenciais.....	47
1 Estratégias educativas	48
1.1 <i>Papel dos Pais das crianças sobredotadas.....</i>	49
1.2 <i>Papel das Instituições.....</i>	51
1.3 <i>Papel da Escola</i>	54
1.4 <i>Papel do professor</i>	55
Capítulo 5 - Formação de professores.....	60
1 A formação de docentes.....	61
1.1 <i>Formação de docentes em Portugal – 1º Ciclo de estudos.....</i>	61
2 Educação especial	63
2.1 <i>Formação de docentes de Educação Especial em Portugal</i>	64
Parte II Fundamentação Empírica.....	66
Capítulo 1 - Processo de investigação.....	67
1 Definição do Problema	68
1.1 <i>Pergunta de partida</i>	69
1.2 <i>Identificação dos objetivos de investigação.....</i>	70
1.3 <i>Formulação de Hipóteses.....</i>	70
1.4 <i>Definição e operacionalização das variáveis</i>	72
1.5 <i>Escolha dos instrumentos para recolha de dados.....</i>	72
1.5.1 <i>Inquérito por questionário</i>	72
1.6 <i>Seleção da amostra</i>	74
1.7 <i>Procedimentos estatísticos.....</i>	75
Capítulo 2 – Apresentação dos resultados.....	76
1 Caraterização da amostra	78
Capítulo 3 - Discussão dos resultados	105
1 <i>Dados da caraterização da amostra</i>	106
2 <i>Resultados dos testes de hipóteses</i>	107
3 <i>Dados de opinião</i>	115
4 <i>Linhas futuras de investigação</i>	118
Conclusão.....	119
Bibliografia.....	123
<i>Sites consultados na internet.....</i>	126
<i>Legislação consultada.....</i>	127
<i>Declarações e Convenção</i>	128
Apêndice	129

Índice de imagens

Figura 1- Diagrama dos fatores -específico e geral-presentes nos testes de inteligência	14
Figura 2 - Diagrama demonstrativo do fator grupal presente.....	14
Figura 3 - Modelo Hexagonal de sobredotação.....	16
Figura 4 - Modelo dos 3 Aneis de Renzulli.....	18
Figura 5 - Nova versão do Modelo dos 3Aneis de Renzulli.....	18
Figura 6 - Modelo Pirâmide	21
Figura 7- Quadro dos alunos NEE.....	37

Índice de gráficos

Gráfico 1Género.....	78
Gráfico 2 Idade.....	79
Gráfico 3 Nível académico	80
Gráfico 4 Terminou a formação académica de base	81
Gráfico 5 Situação profissional no momento	82
Gráfico 6 Tempo de serviço.....	83
Gráfico 7 Ciclo que leciona.....	84
Gráfico 8 Tempo desempregado, ou noutra área.....	85
Gráfico 9 Desempregado com formação em educação especial.....	86
Gráfico 10 Educação especial na formação inicial	87
Gráfico 11 Abordagem ao tema sobredotação.....	88
Gráfico 12 Formação complementar em educação especial.....	89
Gráfico 13 Tipo de formação complementar.....	90
Gráfico 14 Tema sobredotação na formação complementar	91
Gráfico 15 Sente-se preparado para trabalhar com sobredotados	92
Gráfico 16 Conhece ou já teve alunos sobredotados	93
Gráfico 17 Reconhecimento das características dos sobredotados	94
Gráfico 18 Conseguiria identificar um aluno sobredotado.....	95
Gráfico 19 Considerando o tema sobredotação	96
Gráfico 20 Sobredotação e NEE.....	97
Gráfico 21 São alunos mais realizados na escola	98
Gráfico 22 Áreas de desenvolvimento.....	99
Gráfico 23 Afirmções sobre o tema sobredotação	100
Gráfico 24 Necessidade sentida na formação em sobredotação	101
Gráfico 25 Abordagem ao tema sobredotação	102
Gráfico 26 Conteúdos valorizados para estudo da sobredotação.....	103
Gráfico 27 Interesse em ação de formação sobre sobredotação	104

Índice de tabelas

Tabela 1 Género	78
Tabela 2 Idade.....	79

Tabela 3 Nível académico.....	80
Tabela 4 Terminou a formação académica de base	81
Tabela 5 Situação profissional no momento	82
Tabela 6 Tempo de serviço	83
Tabela 7 Ciclo que leciona.....	84
Tabela 8 Tempo desempregado, ou noutra área	85
Tabela 9 Desempregado com formação em educação especial	86
Tabela 10 Educação Especial na formação inicial.....	87
Tabela 11 Abordagem ao tema sobredotação.....	88
Tabela 12 Formação complementar em educação especial	89
Tabela 13 Tipo de formação complementar	90
Tabela 14 Tema sobredotação na formação complementar	91
Tabela 15 Sente-se preparado para trabalhar com alunos sobredotados	92
Tabela 16 Conhece ou já teve alunos sobredotados?	93
Tabela 17 Reconhecimento das características dos sobredotados	94
Tabela 18 Conseguiria identificar um aluno sobredotado	95
Tabela 19 Considerando o tema sobredotação	96
Tabela 20 Sobredotação e NEE.....	97
Tabela 21 São alunos mais realizados na escola.....	98
Tabela 22 Áreas de desenvolvimento	99
Tabela 23 Necessidade sentida na formação em sobredotação.....	101
Tabela 24 Abordagem ao tema sobredotação.....	102
Tabela 25 Conteúdos valorizados para estudo da sobredotação	103
Tabela 26 Interesse em ação de formação sobre sobredotação.....	104
Tabela 27 Teste de hipóteses H1 (questão 10)	109
Tabela 28 Teste de hipóteses H1 (questão 12)	109
Tabela 29 Teste de hipóteses H2	110
Tabela 30 Teste de hipóteses H3	111
Tabela 31 Teste de hipóteses H4	112
Tabela 32 Teste de hipóteses H5 (questão 17)	113
Tabela 33 Teste de hipóteses H5 (questão 20)	114

Índice de quadros

Quadro 1 - Características da sobredotação segundo Renzulli	23
Quadro 2 - Características da sobredotação segundo o projeto ACCORD	24
Quadro 3 - Mitos e verdades sobre a sobredotação	30
Quadro 4 - Tratamento de dados	G
Quadro 5 - Classificação das variáveis	J

Introdução

"Não possuo dotes excepcionais, sou apenas extremamente curioso."

Albert Einstein

No exercício das minhas funções como professora do Ensino Básico 1º Ciclo deparo-me diariamente, e irei continuar a deparar-me para o resto da minha vida profissional, com alunos que requerem um acompanhamento especial, alunos com necessidades educativas especiais (NEE). Necessidades especiais essas que surgem quer por capacidades débeis, ou então por capacidades superiores, como é o caso dos alunos sobredotados.

Estes últimos são muitas vezes compreendidos e rotulados como alunos hiperativos, desinteressados ou mesmo indisciplinados. Acabam por ser ignorados ou incompreendidos, com tendência a serem as “vítimas” das suas próprias aptidões especiais e excepcionais.

Isso acontece quando se veem marginalizados pelas outras crianças e também quando as suas aptidões não são corretamente reconhecidas, trabalhadas e desenvolvidas pelos seus próprios agentes educativos – professores e educadores.

À semelhança de Tourón e Reyere (2000) não se pode entender a sobredotação e a educação dessas crianças como uma situação de elitismo, mas sim como uma situação de normalidade dentro desse padrão, isto porque é tão injusto tratar de forma diferente aqueles que são iguais, como o é tratar de forma igual os que são diferentes.

Há um grande número de crianças sobredotadas que lentamente vão “perdendo”, ou camuflando as suas brilhantes capacidades, isto porque a família, a sociedade e a cultura em que estão inseridos os rejeita ou ignora. Para tal acontecimento negativo contribui ainda um sistema educativo que, não sendo capaz de criar condições para responder as necessidades dos mais capazes, vai, pouco a pouco, desmotivando-os das suas próprias potencialidades. Potencialidades essas que corretamente estimuladas e desenvolvidas poderão contribuir futuramente, de forma excelente, para o desenvolvimento da nossa sociedade e da humanidade, do nosso mundo.

Torna-se assim essencial uma boa formação e preparação adequada dos professores, para que estes os reconheçam, façam frente a estas barreiras e permitam uma inclusão correta e digna deste grupo minoritários de alunos, mas tão especiais.

Existe a necessidade de todos nós, enquanto educadores e professores do Ensino, fazermos frente a estes fatores nefastos, para que as crianças sobredotadas, que porventura possam ficar a nosso cargo, obtenham o desenvolvimento de uma personalidade sadia e equilibrada, em que todos os seus potenciais possam ser expandidos corretamente, para que as suas potencialidades possam futuramente vir a ser benéficas para todos nós.

O objetivo primordial da realização deste trabalho de investigação é dar um passo em prol do enriquecimento e aquisição de informação fundamental para futuramente poder ser partilhada com intervenientes educativos, para que também eles possam coadjuvar esse grupo de crianças especiais - crianças Sobredotadas.

Pretende-se ainda com a realização deste trabalho, permitir uma melhor compreensão do conceito sobredotação, apresentar as características das crianças sobredotadas, como as identificar e principalmente adquirir consciência de como lidar com estas crianças tão peculiares.

Será também feita referência aos problemas que caracterizam e afetam as crianças sobredotadas iniciando nas dissincronias referidas por Terrassier, passando pela legislação que se esquece de incluir os sobredotados, até aos mitos e descrença de que são padecentes. É apresentado um conjunto de estratégias que poderão ser levadas a cabo pelos principais intervenientes na educação e desenvolvimento destas crianças.

A importância do desenvolvimento deste trabalho prende-se ainda com uma investigação coerente e oportuna que possa dar a conhecer a realidade sobre o conhecimento (ou falta dele) que detêm os professores que estão atualmente a trabalhar nas escolas portuguesas com essas crianças.

Numa linha orientadora que pretende interrelacionar os objetivos e a importância deste estudo com a pergunta de partida e as hipóteses, este projeto apresentou como pergunta de partida a seguinte questão: Os professores que se encontram a lecionar, atualmente, nas escolas portuguesas têm formação que lhes permita trabalhar com alunos sobredotados?

Relativamente às hipóteses que se apresentaram, o estudo foi limitado àquelas que se afiguraram como sendo as intrínsecas ao tema: H1 - Os professores que estão atualmente a trabalhar nas escolas portuguesas não têm formação em sobredotação. H2 -

Os professores que terminaram a sua formação académica há mais de 10 anos sentem que precisam de formação no âmbito da sobredotação para a prática docente. H3 - Há um grupo de professores desempregados e com formação e conhecimentos sobre a temática da sobredotação, que estão a ser subaproveitados. H4 - Os professores que estão atualmente a trabalhar nas escolas portuguesas sentem dificuldades em identificar os alunos sobredotados. H5 - Os professores que estão atualmente a trabalhar nas escolas portuguesas não conhecem as características dos alunos sobredotados.

Este é, sem dúvida, um tema pertinente, atual, riquíssimo e repleto de novos caminhos para futuras investigações, que carecem ser estudado.

Concluindo, a presente dissertação realizada no âmbito do Projeto de Investigação, orientada pela Professora Doutora Cristina Saraiva Gonçalves, na Escola Superior de Educação de João de Deus, no ano letivo de 2014/2015 pretende contribuir para um maior e mais aprofundado autoconhecimento sobre o tema sobredotação; conhecimento que pretendo partilhar com colegas com os quais me cruzarei ao longo do meu percurso profissional; assim como pretende alertar e induzir todos os docentes a efetuarem uma reflexão consciente sobre os seus reais conhecimentos no que respeita ao tema sobredotação.

Parte I

Fundamentação Teórica

Capítulo 1

A Sobredotação

1 Conceito de Sobredotação

“Crianças superdotadas e talentosas são aquelas identificadas por pessoal profissionalmente qualificado como as que, em virtude das suas capacidades notáveis, conseguem um desempenho elevado. São crianças que exigem programas educacionais diferenciados e serviços além dos normalmente oferecidos pelo programa regular para contribuir para si mesmas e para a sociedade.”

(Kirk e Gallagher; 1996: 66)

A sobredotação é um conceito dado a alguma complexidade, o que permite uma grande “abertura” ao nível de definições propostas. Esta situação não alcança o consenso científico em torno de um único conceito de sobredotação, por isso mesmo há quem prefira referir-se a “sobredotação” como uma noção e não como um conceito.

Segundo defende o professor Leandro S. Almeida, este é *“um tema de fragilidades, sem certezas absolutas”* ou seja, um tema que carece de estudo e prática, que requer tempo para “amadurecer” nesse sentido devemos olhá-lo com uma *“postura relativista e construtivista”*.

Tradicionalmente, a sobredotação era confinada às habilidades cognitivas das crianças, recorrendo-se geralmente aos testes de quociente de inteligência (QI) para a sua identificação. Nos dias que correm, a maioria dos autores condena esse reconhecimento a demasiado redutor e sustenta uma definição mais alargada que inclui múltiplas áreas de capacidade e da atividade humana.

Os sobredotados/crianças sobredotadas passam a ser denominadas como sendo aquelas crianças que, face a um grupo etário e social no qual se encontram inseridas, se destacam claramente dos demais, por alcançar níveis de desempenho de excelência em alguma ou algumas atividades.

Tradicionalmente, denominam-se estes indivíduos como sobredotados, porém, este termo tende a ser abraçado por conceitos como "Indivíduo Portador de Alta Capacidade", ou de “Excelência”.

Estes indivíduos portadores de alta capacidade ou com talentos excepcionais diferem dos outros indivíduos pelas potencialidades que apresentam e pelo elevado nível de execução e concretização de que são capazes nas suas áreas de interesse. Essas

concretizações podem ser representadas sobre uma forma de inteligência que se apresente bastante desenvolvida e estruturada (por exemplo: a lógica-matemática), uma alta habilidade (por exemplo: para a liderança) ou um talento artístico (por exemplo: a criação musical).

Não há sobredotação sem uma capacidade superior, nesse sentido não se pode confinar o tema apenas à situação académica, nem ficar meramente pelos níveis de QI.

Outros autores acrescentam que a sobredotação sucede da confluência de uma aptidão/capacidade acima da média e de níveis superiores de criatividade e de motivação numa ou em várias das áreas antes mencionadas.

Efetuada uma delimitação - por criatividade entende-se que são habilidades de fluência e flexibilidade de ideias e soluções, bem como a originalidade das produções. Assim sendo, entende-se que “motivação” refere o entusiasmo, o envolvimento e a persistência nas tarefas, o interesse intrínseco pela aprendizagem e a realização em determinada área ou áreas.

É relevante ainda fazer a distinção entre sobredotação e precocidade, pois nem sempre traduz a evidência de sobredotação um desenvolvimento acelerado em idades mais precoces, numa ou mais áreas. Esse desenvolvimento poderá ser fruto de uma alta estimulação a nível familiar, por exemplo.

Contudo, posteriormente neste trabalho será completada uma referência mais intensiva e justificada da temática precocidade.

Normalmente, os sobredotados demonstram ter capacidades elevadas globais, mas atingindo o seu melhor desempenho em áreas específicas do seu interesse.

Este interesse por temáticas, por vezes desenquadradas para a sua faixa etária, faz com que os seus grupos de pares, os seus amigos, os seus companheiros não partilhem dos mesmos gostos, dos mesmos interesses, acabando por abandoná-los e fazendo com que as crianças sobredotadas se isolem porque não têm companheiros com quem partilhar a sua paixão, os seus interesses.

Uma criança sobredotada depressa se apercebe que há um claro desfazamento entre si e o grupo em que está inserido; percebe facilmente que não consegue manter determinadas conversas com aqueles que supostamente lhe deveriam ser mais próximos – as crianças do mesmo grupo etário, da mesma turma, do mesmo grupo de brincadeira – e tendem a sentir-se frustradas. As opções tomadas, mais frequentemente pela criança sobredotada, são o recurso a crianças mais velhas que geralmente tendem a não aceitar por se tratar de crianças de faixa etária inferior; ou então optam pelo resignado

isolamento. Vivem num mundo seu, tão rico e com uma trama tão complexa que poderiam permanecer por lá indefinidamente.

Quando adultos, os sobredotados ainda padecem deste problema de integração e aceitação social. Muitos procuram integrar-se socialmente, alguns conseguem-no, mas outros acabam por virar costas a uma sociedade injusta e hostil às suas capacidades acima da média e por vezes acabam por seguir os caminhos menos aceitáveis e até mesmo o caminho da delinquência.

Apesar da abrangência de conceitos ou noções de que é alvo, este é ainda um tema pouco explorado, tendo em consideração a sua urgência social, ele necessita de ser investigado para que não se desprezem os talentos promissores que por aí vagueiam.

1.1 Problemática terminológica da definição de Sobredotação

“...muitas pessoas já me caracterizaram como louco. Resta saber se a loucura não representa, talvez, a forma mais elevada de inteligência”

(Edgar Allan Poe)

Desde longa data definir sobredotação num conceito apresentou-se uma tarefa árdua e intemporal. Chegar a uma aprovação científica unânime e denominação do termo levou algum tempo e ainda hoje subsistem algumas incongruências.

Assim como também é uma tarefa muito delicada identificar os indivíduos sobredotados tendo em conta a análise das suas inúmeras e prodigiosas características, e atendendo às suas particularidades sabendo que cada caso é um caso e que também estes indivíduos passam por significativas mutações ao longo do seu desenvolvimento, apresentando surtos de progresso em que apresentam momentos altos e baixos de desenvolvimento podendo mesmo assistir-se a perturbações e atrasos.

Estes foram e continuam a ser apelidados dos mais variados substantivos e adjetivos. Detêm um conjunto de rótulos de uma diversidade considerável. Denominaram-se de “... *niños brillantes, precoces, prodigio, de cociente intelectual elevado, bien dotados, exceccionalmente dotados y otras*” (cf. Lombardo, 1997).

Atualmente parece chegar-se ou aproximar-se de um consenso na comunidade científica que estuda a sobredotação. Porém, é ainda necessário fazer a distinção clara

entre algumas dessas designações que se utilizam com frequência e de forma indiscriminada, para definir o que são sobredotados:

✓ Precoce – corresponde a atitudes e comportamentos prematuros que uma criança apresenta e que não condizem com as atitudes congruentes da sua idade cronológica. “*aquel individuo que tiene un comportamiento de individuos de mayor edad que él*” (cf. Gutiérrez, 1968).

✓ Talentoso – utiliza-se para designar os indivíduos com elevado conhecimento ou desenvolvimento numa determinada habilidade; por exemplo talento artístico, talento verbal, talento criativo, etc. Autores como (cf. Richert, 1982) referem-se a talento como sendo “...*um dom*...”.

✓ Génio – equiparado ao talentoso, mas com um elevado nível de criatividade. (cf. Hollingworth, 1954) defende que para se deter o título de génio será necessário ser portador de um QI acima de 180.

✓ Prodígio – aplica-se a crianças que sobressaem em algum tipo de talento num campo específico (artes, ciências...). Segundo Ellen Winner uma criança prodígio “...*é simplesmente uma versão mais extrema de uma criança com sobredotação, uma criança tão sobredotada que atua em algum domínio com o nível de um adulto*”.

Concluindo não se pode continuar a apelidar indiscriminadamente a sobredotação quando que nos referimos a crianças com capacidades excepcionais, extraordinárias e acima da média. E não se pode esquecer que cada caso é um caso e que todos os alunos deverão passar por um rigoroso processo de identificação para que não se comentam lacunas que possam interferir negativamente no seu desenvolvimento.

Então, como se verifica pelas descrições dos diversos autores do panorama científico o *sobredotado* está para a inteligência, assim como o *génio* está para a criatividade, o *talentoso* está para as habilidades e o *precoces* está para um desenvolvimento prematuro.

1.2 Reconhecimento dos alunos sobredotados

“Desde muito cedo os observadores notaram que algumas crianças pareciam aprender mais depressa, lembrar de mais coisas e resolver problemas com maior eficiência do que outras (...) essas crianças são chamadas de sobredotadas (...)”

(cf. Kirk e Gallagher, 1996)

Já na civilização grega, há mais de dois mil anos se referia os indivíduos com inteligência superior (Falcão, 1992). Platão apelidava-as de *“Crianças de Ouro”* e na sua obra *A República* sugeria a sua identificação e seleção para serem instruídas nas áreas das ciências, filosofia, matemática, para posteriormente assumirem a liderança dos cargos superiores de estado (Waddington, 1961, citado por Bastos 2009) .

Atualmente, os sobredotados ainda são considerados e vistos por muitos como um grupo de elite, indivíduos pertencentes a estratos sociais favorecidos, mas nesta situação de nada vale o estatuto ou elitismo, eles são fruto da biologia, é ela quem comanda e ela é cega aos estratos sociais.

Com base na comunidade científica de diversos países, Portugal apresenta uma taxa de 3% a 5% de população sobredotada. Esta população frequentou, ou frequenta as nossas escolas e alguns indivíduos passam por lá sem serem reconhecidos.

Segundo a doutora Helena Serra, em entrevista ao EDUCARE.PT (2015), só *“Nos ensinos básico e secundário são mais de 60 mil crianças e ninguém dá por elas.”*

Um número que cria algum alarmismo, uma vez que estas crianças nem sempre são identificadas porque não correspondem ao perfil preconcebido do “aluno perfeito”, e acabam por suportar um tratamento académico igual aos demais. E tendo em conta que *“tanto é injusto tratar de forma diferente os iguais assim como é injusto tratar de forma igual os diferentes”* é urgente que como professores consigamos reconhecê-los e identifica-los para prestar-lhes o correto auxílio

Com uma observação diária, o registo detalhado de atitudes e comportamentos e tendo em consideração as características identificadas e apresentadas por diversos e reconhecidos autores que estudam aprofundadamente o tema das crianças sobredotadas conseguiremos identificá-las e prestar-lhes a devida atenção e o correto acompanhamento.

Este tema referente à identificação e reconhecimento dos alunos com sobredotação será trabalhado posteriormente e mais forma mais aprofunda no capítulo *Instrumentos e meios de identificação*.

Contudo, antes de passar à exposição das características das crianças sobredotadas, ou seja, ao perfil que nos permite o reconhecimento de uma criança considerada sobredotada, e tendo em conta que a sobredotação está direcionada para a *inteligência* considero que é importante refletir, primeiramente, sobre o que se entende por inteligência baseando o trabalho em reconhecidos autores que ao longo dos tempos esboçaram o tema.

2 Inteligência ou Inteligências múltiplas

“...inteligência se associa com competência, sucesso acadêmico e proeminência. Observa-se ainda que ser considerado inteligente (...) é algo que todos almejam”

(cf. Alencar, 1986)

Como referido anteriormente e como se lê na mais variada literatura científica, a sobredotação está relacionada com a inteligência. Mas o que se entende por inteligência? Haverá uma só inteligência ou várias inteligências? Pode-se falar de inteligência ou inteligências diferentes? É possível medir ou quantificar a inteligência? Será o nível de inteligência hereditário? Quais os fatores que influenciam o nível de inteligência de cada um de nós?

Perante esta catadupa que questões, as respostas surgem da mesma forma, em catadupa, mencionadas pelos mais variados e reconhecidos autores.

De facto, é necessário conseguir decifrar e responder a estas perguntas para se compreender o porquê das características específicas dos sobredotados. E foram várias as personalidades que se dedicaram à elaboração de definições para o conceito de inteligência ao longo do tempo e desde muito cedo, passo a citar algumas, por ordem cronológica de evolução, referentes a alguns dos autores mais considerados no panorama:

“... julgamento, também chamado de bom senso, sentido prático, iniciativa, capacidade de se adaptar às circunstâncias. Ajuizar bem, compreender bem, raciocinar bem, estão são atividades essenciais da inteligência.”, (cf. Binet & Simon, 1916).

“...tudo o que é intelectual pode ser reduzido a algum caso especial...de educação, quer de relações quer de correlatos (...) A apresentação mental de duas ou mais referências quaisquer...tende a evocar imediatamente o conhecimento de uma relação entre elas... A apresentação de qualquer referências em simultâneo com qualquer relação tende a evocar imediatamente o conhecimento da referência correlativa”, (cf. Spearman, 1923).

“O agregado ou capacidade global do indivíduo para agir com um objetivo, para pensar racionalmente e para lidar de modo eficiente com o seu meio.”, (cf. Wechsler, 1958).

“...uma competência intelectual humana tem de envolver um conjunto de aptidões de resolução de problemas – capacitando o indivíduo para resolver problemas ou dificuldades genuínos com os quais se depara e, quando apropriado, para criar um produto efetivo – e deve também envolver a possibilidade de encontrar ou criar problemas – estabelecendo, assim as bases para a aquisição de novo conhecimento”, (cf. Gardner, 1983).

“...atividade mental envolvida na adaptação intencional, modelamento de meios do mundo real, relevantes para a vida do indivíduo” (cf. Sternberg, 1986)

“...teoria da inteligência, a Teoria Multifactorial da Inteligência.” (Thurstone ,1983)

Perante os depoimentos dos vários autores citados denota-se que o consenso na resposta para a questão “o que é a inteligência?” e a sua real identificação serão matérias de estudo que nos irão acompanhar ao longo da vida e das gerações.

De forma abreviada, a inteligência é então identificada como um processo cognitivo complexo que engloba várias capacidades como: a capacidade de adaptação, capacidade de resolver problemas, de raciocinar ou pensar abstratamente e a capacidade de aprender. Além disso, é importante salientar que nenhuma destas capacidades funciona de modo isolado, todas se complementam.

Durante muitos anos pensou-se que os seres Humanos seriam dotados apenas de uma inteligência conceptual e lógica; contudo convém lembrar que as primeiras investigações psicológicas, acerca da composição ou natureza da inteligência, datam do início do século XIX. E sendo este um tema de estudo, a sua conceptualização será algo a preencher ao longo dos tempos.

Para melhor compreender o conceito de inteligência ou inteligências considere relevante minudenciar o estudo de três personalidades associadas à temática: Spearman, Thurstone e Howard Gardner, cujos contributos permitiram perceber e desenvolver a composição da inteligência e assim como, responder a algumas das questões colocadas.

Spearman defendeu, inicialmente, a análise fatorial da inteligência e considerou-a como uma capacidade geral de caráter complexo, ou seja, mostrou (através de testes) que os indivíduos possuem um fator “g” - fator de inteligência geral - subjacente a todas as funções intelectuais. Para este psicólogo, ser inteligente significava possuir um elevado nível de capacidade mental geral.

Spearman considerava também a existência de fatores “s”, ou seja, fatores específicos relativos a tarefas particulares.

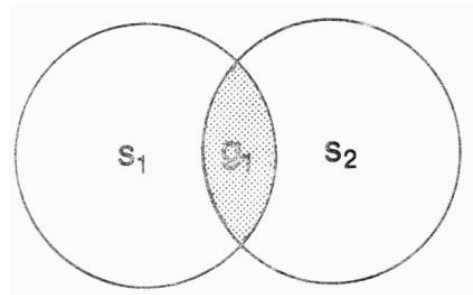


Figura ¹1- Diagrama dos fatores -específico e geral- presentes nos testes de inteligência

No entanto, é importante salientar que Spearman defendia o caráter unitário da inteligência precisamente porque a ênfase era toda colocada no fator “g” (geral).

Mais tarde, o mesmo autor propôs a elaboração de um modelo mais complexo da representação da inteligência no qual incluía também os fatores grupais. Porém, este autor continuava a colocar o realce no fator “g”, não atribuindo grande ênfase à introdução deste novo elemento, embora lhe atribuísse interesse.

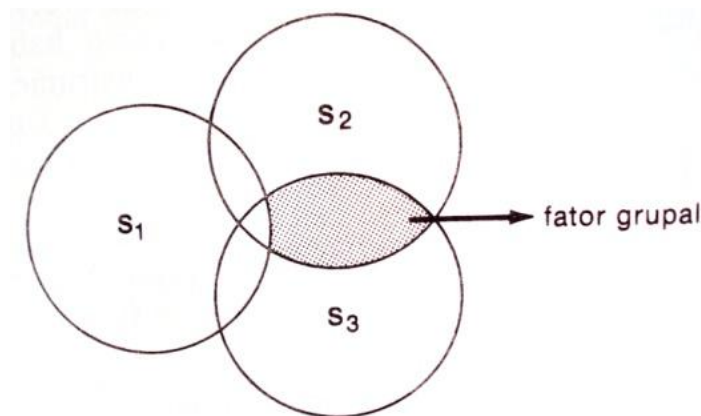


Figura 2 ² - Diagrama demonstrativo do fator grupal presente

¹ Figura retirada do livro *Psicologia e educação do superdotado* – Alencar

² Figura retirada do livro *Psicologia e educação do superdotado* – Alencar

✓ Posteriormente, Thurstone surge a contrariar a visão unitária de Spearman, e apresenta a teoria multifatorial. Defende que a inteligência consistia num conjunto de “*sete capacidades básicas*”³ independentes umas das outras, sendo elas a compreensão verbal, fluência verbal, aptidão numérica, visualização espacial, memória, raciocínio e rapidez de percepção.

Tendo em conta que estes autores basearam as suas teorias fatoriais em testes, mais tarde psicólogos cognitivistas procuraram reconhecer outros processos cognitivos tendo em apreciação comportamentos inteligentes.

✓ É então que surge Howard Gardner, neuropsicólogo americano, que apresenta a teoria das inteligências múltiplas (IM), na qual defende a existência de oito tipos de inteligências, e provavelmente um nono tipo⁴. São elas:

- A inteligência lógico-matemática; relativa à capacidade de usar os números.
- A inteligência linguística; referente à capacidade de usar as palavras, quer oralmente, quer na escrita.
- A inteligência espacial; a capacidade de perceber com precisão o mundo visuo-espacial e de conseguir realizar, através dessa mesma percepção, mudanças significativas.
- A inteligência musical; que se refere à capacidade de perceber, discriminar, transformar e expressar formas musicais.
- A inteligência corporal-cinestésica; a capacidade de usar com perícia todo o seu corpo para expressar ideias e sentimentos, assim como a facilidade de produzir ou transformar coisa com o uso das mãos.
- A inteligência interpessoal, capacidade para compreender os outros percebendo e distinguindo neles diferentes sentidos de humor, intenções, motivações, sentimentos.
- A inteligência intrapessoal; a capacidade de se autoconhecer e a capacidade de agir adaptativamente com base nesse conhecimento
- E a inteligência ecológica/naturalista; a perícia no reconhecimento e classificação das numerosas espécies do meio ambiente do indivíduo, assim como a preocupação pela sua preservação.
- A inteligência existencial; esta é fruto da capacidade humana que permite um tipo de relação com limites extremos do mundo como o infinito, o eterno, o

³ Capacidade que apelidou de aptidões mentais primárias.

⁴ Esta nona inteligência ainda não está comprovada cientificamente.

indefinido... são capacidades que geralmente estão direcionadas para as áreas da filosofia, da ciência, da religião...

Estas são as oito inteligências defendidas por Gardner, no entanto há ainda a acrescentar uma nona inteligência que se refere à inteligência existencial; esta narra às preocupações com questões básicas de vida.

Esta definição de Inteligências Múltiplas de Gardner é também defendida por Falcão, *“Criança sobredotada é aquela que possui um potencial humano de nível superior e frequência constante em qualquer uma, ou mais, das áreas da I.M. (Inteligências Múltiplas),...”* (Falcão, 1992, pp.71)

Falcão baseia-se nos argumentos de Gardner, porém, apresenta um leque mais reduzido de Inteligências uma vez que este agrupa algumas das várias inteligências. Por exemplo agrupa a lógico-matemática e a linguística num só conjunto a que designa de inteligência Intelectual como se pode observar na imagem seguinte, de Falcão 1992, pp.71.

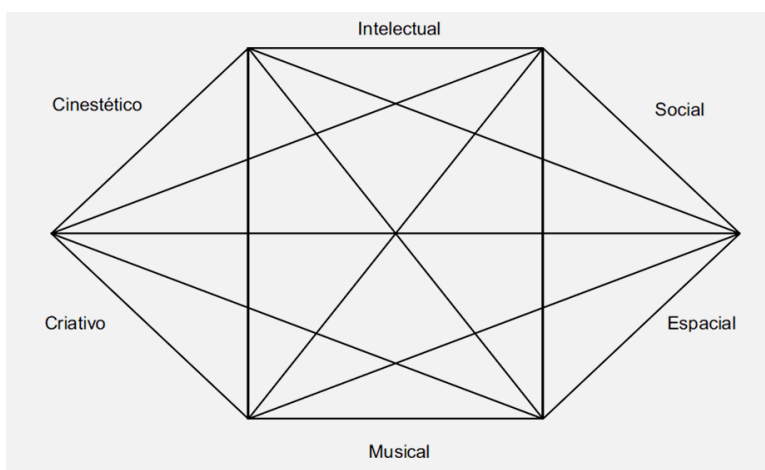


Figura 3 - Modelo Hexagonal de sobredotação

Concluindo, foi por meio destes estudos levados a cabo pelos diversos investigadores e autores e através da introdução destas declarações e desta evolução de conhecimentos relativo à inteligência que se procedeu a mudanças significativas ao nível da organização do próprio currículo escolar, na medida em que se passou a valorizar outras áreas como as artes, a informática, a música, o teatro, etc., no sentido de aproveitar os diversos potenciais e as diversas áreas do saber.

2.1 Quociente Intelectual

“O interesse pela natureza da inteligência é antigo, da mesma forma que o são as primeiras tentativas de se desenvolver instrumentos de medida na área.”

(Alencar, 1986: 2)

Podemos quantificar o nível de inteligência de cada um de nós?

De facto, existe uma idade mental que pode ser quantificada e que pode corresponder, ou não, à idade cronológica.

O termo Quociente de Inteligência ou Quociente Intelectual foi introduzido por Stanford-Binet e estabeleceu essa mesma relação entre idade mental e cronológica.

Assim, uma vez que o padrão se situa nos 100, estudos revelaram que um sobredotado terá um Q.I acima dos 130.

De facto, hoje em dia, considera-se que quantificar a inteligência é relativo, ou seja, basear-se exclusivamente na identificação do Q.I é extremamente redutor, na medida em que tal ignora a diversidade das capacidades humanas.

Então, quais serão os fatores que influenciam o nível de inteligência do ser Humano?

É um facto que não há “tábuas rasas”, nenhum ser humano é desprovido das suas marcas, a herança genética, assim como os fatores biológicos, sociais, culturais, a estimulação e motivação são condições marcantes para a influência do nível da inteligência humana.

Durante vários anos defendeu-se, seguindo as pegadas de Lewis Terman, que a sobredotação estaria íntima e exclusivamente ligada ao elevado Q.I. No entanto outras abordagens foram surgindo e atualmente existem já vários modelos que nos permitem explicar de forma mais ampla esse conceito.

De entre os vários modelos destacam-se:

- ✓ Teoria Triárquica da Inteligência de Sternberg que defende a existência de múltiplas componentes da sobredotação e também vários tipos de sobredotação.

- ✓ Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento de Gagné que reconhece a sobredotação mas defende as influências e interações ambientais.
- ✓ Modelo Multifactorial da Sobredotação de Monks que vincula a educação, as vivências e as realizações adequadas ou estimulantes como fatores relevantes.
- ✓ Teoria das Inteligências múltiplas de Gardner na qual defende uma abordagem ampla e multidimensional da inteligência através da qual sustenta que se deve ultrapassar as medidas centradas no Q.I.
- ✓ Modelo de Sobredotação dos 3 Anéis de Renzulli⁵ que defende as limitações que nos apresentam os testes de Q.I. e apresenta, associadas às habilidades acima da média, outras características como a criatividade e o envolvimento nas tarefas. O primeiro modelo por ele apresentado foi posteriormente substituído por um outro mais completo, pois além de defender que nenhum destes componentes por si só é suficiente para se observar sobredotação, defendeu também a necessidade da interação entre mais fatores.

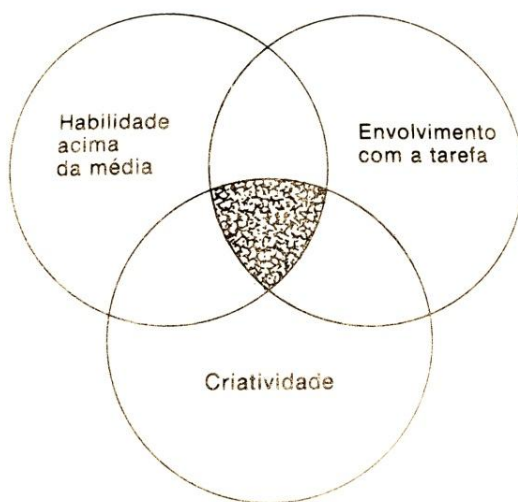


Figura 4 - Modelo dos 3 Anéis de Renzulli

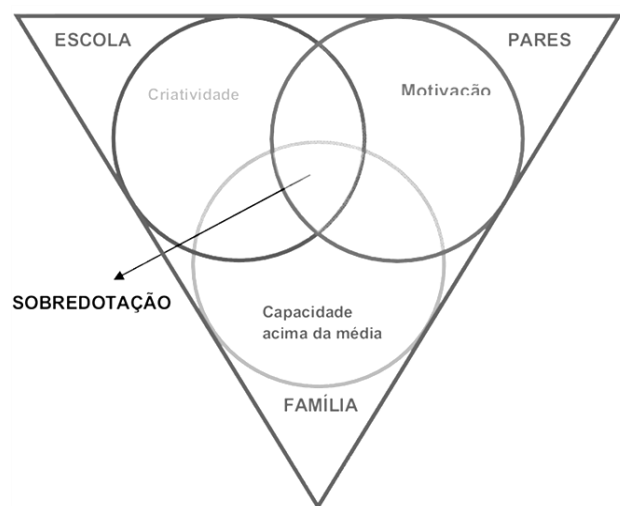


Figura 5 - Nova versão do Modelo dos 3 Anéis de Renzulli⁶

⁵ Joseph Renzulli dedicou-se ao estudo e investigação para a educação de alunos sobredotados na Universidade de Connecticut, USA

⁶ Informação retirada do livro de Alencar, “*Psicologia da Educação do superdotado*”, pp:26

Mas o facto é que a ambição em tornar a inteligência mensurável existe e sempre existiu, e para o efeito autores como Terman e Wechsler criaram escalas com medidas, como passo a citar:

Classificação de Terman ($\sigma=16$) segundo a pontuação de Q.I.

Superior a 140: Génio ou perto de genialidade

120-140 inteligência muito elevada σ

110-120 inteligência superior

90-110 inteligência normal

80-90 inteligência inferior

70-80 deficiência de borderline

Classificação de Wechsler ($\sigma=15$) por QI de percentagens de limites incluída:

Inteligência muito superior: 128 e acima de 2.2.

Inteligência Superior: 120-127 e portanto 6.7

Inteligência acima da média 111-119, ou seja, 16.1

Inteligência média: 91-110, 50

Inteligência inferior: 80-90, 16.1

Deficiência 66-79, 6.7

Demência: 65 e abaixo de 2.2

Todavia, no que se refere aos testes de inteligência, os diversos autores chamam à atenção para que não se cometam lacunas graves na análise deste tipo de avaliação; uma vez que a representação da medição destes testes apresenta limitações a nível da criatividade, do interesse subjacente ao envolvimento na realização de tarefas, e ainda a nível do desempenho das habilidades que não são mensuráveis.

3 Instrumentos e meios de identificação

“Quanto mais cedo descobrirem que ... é sobredotado melhor. Se não estão atentos nunca se vai descobrir essa particularidade. Depois, ... têm de criar um ambiente de confiança, acreditar e compreender as suas características.”

(cf. Fernandes, 2015)

Como referido anteriormente, é urgente que como professores consigamos reconhecer e identificar os alunos para lhes prestar a devida atenção e o correto acompanhamento.

Este é um trabalho possível de se realizar através de diversos meios como a observação diária, o registo detalhado de atitudes e comportamentos e tendo em consideração as características já apresentadas por diversos e reconhecidos autores que estudaram e outros que estudam aprofundadamente o tema da sobredotação.

Além da necessidade da elaboração de um diagnóstico, há todo um conjunto de vantagens em formulá-lo. Isto porque nos fornece, a nós professores, um quadro de referências que permite elaborar uma compreensão construtivista do problema e desmontar crenças negativas, além de ser “meio caminho andado” para a realização de uma forma mais simples das nossas tarefas, aumentando o conforto pela previsibilidade da trajetória que se permite definir durante as aulas.

Além disso, permite capacitar a escola, a família, os intervenientes educativos para uma cooperação mais proveitosa que se refletirá num auxílio mais produtivo.

Toda e qualquer identificação que seja realizada não pode ser entendida como uma situação estática em carácter multidimensional. Ela deve ser reavaliada ao longo do tempo e para isso há um conjunto de meios e instrumentos que nos permitem medir elaborar de forma criteriosa essa tarefa, dos quais passo a descrever alguns:

- Escalas de observação para pais e professores,
- Fichas de nomeação elaboradas pelos professores, pais e pares,
- Testes de inteligência
- Testes de aptidões específicas
- Testes de criatividade e estilos cognitivos
- Questionários de motivação e interesses

- Escalas de identidade e autoconceitos
- Grelhas para entrevista de anamnese
- Produções no domínio das expressões e ensaios
- Portfólio de processo escolar
- Escalas de métodos de aprendizagem
- Provas padronizadas de aprendizagens escolares, ...

Assim, perante uma tão diversificada panóplia de instrumentos não faz mais sentido defender-se que os testes de Q.I são os instrumentos de privilégio que permitem identificar os alunos sobredotados.

Como defende Ana Serra Fernandes, em entrevista ao EDUCARE.PT (2015), *“Quanto mais cedo os pais descobrirem que o filho é sobredotado melhor.... Se os pais não estão atentos nunca se vai descobrir essa particularidade. Depois, os pais têm de criar um ambiente de confiança, acreditar nos seus filhos e compreender as suas características.”*

Esta situação adequa-se na perfeição à escola, quanto mais cedo os intervenientes educativos descobrirem que o aluno é sobredotado melhor, pois poderão criar ambientes de confiança e poderão agir em prol do seu correto e ajustado auxílio.

Além disso, Serra (2015) apresenta de que forma a sobredotação está abrangida pela legislação, referindo o Despacho Normativo 13/2014 de 15 de setembro no qual refere que as *“crianças com capacidades excecionais poderão ser apoiadas pelas escolas, desde que se faça um plano de acompanhamento pedagógico Individualizado. Também diz que as escolas podem organizar grupos relativamente homogêneos de carácter temporário.”*

Apesar de ser de forma ténue percebe-se que através deste artigo, o Governo possibilita os alunos de poderem avançar um ano, por ciclo. Mas esta é uma medida muito redutora, outras medidas deverão ser tomadas em relação a estas crianças, como se pode observar através do Modelo da Pirâmide, o Pyramid Model de Cox, Daniel e Boston (1985)

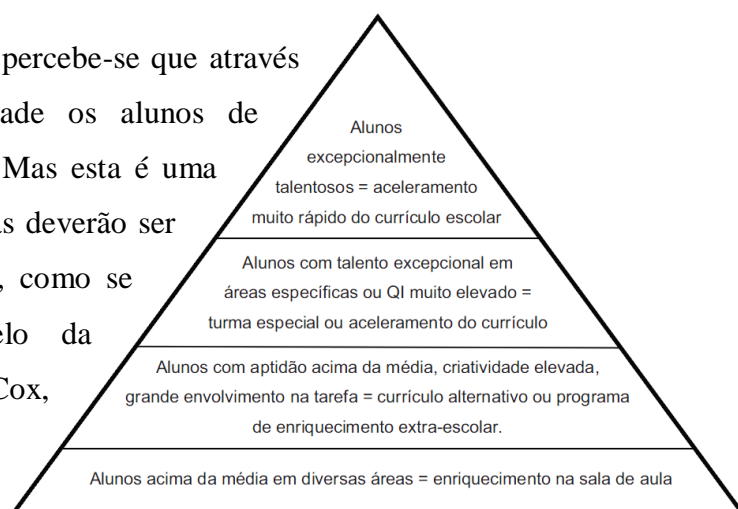


Figura 6 - Modelo Pirâmide

4 Características dos sobredotados

“... demonstram desempenho e/ou capacidade potencial em qualquer das seguintes áreas: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento criativo ou produtivo, capacidade de liderança, artes visuais e de representação”

(cf. Kirk & Gallagher, 1996)

Só conseguindo reconhecer as características dos alunos sobredotados conseguiremos identificá-los nas salas de aula. Foi com esta linha de pensamento que se optou por consultar vários autores que têm notoriedade na matéria, autores como Guenther, Novaes, Termen, Hollingworth, Torrance, Guilford e Renzulli,

Os sobredotados, nomeadamente as crianças sobredotadas que são as que têm a proeminência neste projeto, são indivíduos especiais, apresentam um conjunto de características extremamente peculiares às quais devemos prestar a nossa, mais sincera, atenção.

São um conjunto de indivíduos que não constituem um grupo homogêneo, mas sim um complexo grupo heterogêneo, com características muito próprias, o que não nos permite traçar um perfil único do sobredotado.

Segundo Joseph Renzulli (1971), os sobredotados apresentam um conjunto de características que os distingue dos outros indivíduos em oito diferentes planos, desses destacam-se o plano: das aprendizagens, motivacional, da criatividade, do social e do juízo de valor.

No plano das aprendizagens apresentam: vocabulário; hábitos de leitura independente; compreensão e domínio rápido da informação.

Em termos motivacionais, demonstram persistência, buscam a perfeição e aborrecem-se com as tarefas simples. Na criatividade são originais, curiosos.

No plano social demonstram juízo crítico e relacionam-se facilmente com pessoas mais velhas.

De forma mais elaborada apresenta-se o quadro de Renzulli com as características dos sobredotados:

ÁREA	CARACTERÍSTICAS
Plano de Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Vocabulário avançado para a idade e para o nível escolar; • Hábitos de leitura independente, e preferência por livros que geralmente interessam aos mais velhos; • Domínio rápido da informação e facilidade na evocação de factos; • Fácil compreensão de princípios subjacentes e capacidade para generalizar conhecimentos, ideias e soluções; • Conhecimentos excepcionais numa ou em mais áreas de atividade ou conhecimento;
Plano da Motivação	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência em iniciar as suas próprias atividades; • Persistência na realização de tarefas; • Busca a perfeição; • Desmotivação perante tarefas rotineiras; • Apresentam muitas ideias;
Plano da Criatividade	<ul style="list-style-type: none"> • Curiosidade elevada perante um grande número de coisas; • Originalidade na resolução de problemas; • Pouco interesse por situações de conformismo;
Plano da Liderança	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência em assumir a responsabilidade nas situações • Capacidade de liderança em várias tarefas • Fácil adaptação às situações novas
Plano Social e Juízo Moral	<ul style="list-style-type: none"> • Preocupação com os problemas do mundo • Ideias e ambições muito elevadas • Juízo crítico em relação a si próprio e aos outros • Preferência para interações sociais direccionadas para crianças/jovens mais velhos e/ou adultos • Resistência à pressão para o conformismo

Quadro 1 - Características da sobredotação segundo Renzulli

A Able Children Clwyd and Oxfordshire Research and Development ACCORD, (1991) apresentou também uma tabela⁷ com características das crianças sobredotadas, nela estão refletidas as potencialidades e as condicionantes que apresentam estas crianças e que se citam de seguida:

POTENCIAIS DE CRIANÇAS SOBREDOTADAS - PROJETO ACCORD	
Características positivas	<ul style="list-style-type: none"> • Pode mostrar capacidades artísticas ou intelectuais superiores • Pode mostrar um elevado nível de curiosidade • Pode preferir trabalhar autonomamente • É capaz de se concentrar por longos períodos de tempo • É capaz de trabalhar sobre problemas até à sua resolução • É criativo ou inventivo • É capaz de generalizar ideias através de um conjunto de circunstâncias • Aprecia jogos de palavras e puzzles • Pode mostrar qualidades de chefia
Características negativas	<ul style="list-style-type: none"> • Pode mostrar-se intolerante para com os outros • Pode mostrar um comportamento irregular – facilmente perturbável • Pode manifestar dificuldades em integrar-se com os outros • Pode manifestar desinteresse na realização de tarefas escritas • Pode parecer aborrecido • Pode exigir muito tempo de atenção ao professor • Pode revelar-se dominador na relação com outras crianças

Crianças Sobredotadas - intervenção educativa DGEBS.

Quadro 2 - Características da sobredotação segundo o projeto ACCORD

Consultando a bibliografia de Tuttle e Becker (1983) facilmente se elabora nova lista de características que complementam às referidas anteriormente, destacam-se:

✓ Curiosidade;

⁷ Quadro retirado do manual Crianças Sobredotadas – Intervenção Educativa da DGEBS.

- ✓ Sensibilidade face à injustiça tanto a nível pessoal como social;
- ✓ Entende com facilidade princípios gerais;
- ✓ Sentido de humor bastante desenvolvido quando é compreendido;
- ✓ Vê relação entre ideias diversas e entre objetos;
- ✓ Facilidade em propor ideias para um estímulo em específico;
- ✓ Empenha-se em satisfazer os seus interesses e curiosidades;
- ✓ Tem dificuldade em aceitar respostas superficiais;
- ✓ Flexibilidade de pensamento;
- ✓ São curiosos, gostam de questionar e investigar;
- ✓ Tem evolução rápida da marcha e da fala;
- ✓ Rapidez e facilidade de aprendizagem;
- ✓ Demonstram grande imaginação e fantasia;
- ✓ Perceção do desconhecido como um desafio;
- ✓ Resolvem problemas de forma original;
- ✓ Reage positivamente a elementos novos e estranhos.

Ainda, através de dois depoimentos visuais, apresentados nas reportagens “*Sobredotados em Portugal*” e “*Pequeno Génio*” que foram emitidas pelo canal de televisão SIC e se encontram atualmente disponíveis em: <http://www.youtube.com/watch?v=PMQantX9EPo> se confirma e acrescentam características apresentadas nos quadro acima expostos:

- ✓ Querem sempre saber mais (insatisfeitos);
- ✓ Reagem de forma intensa à frustração;
- ✓ Sentem grande necessidade de falar com adultos;
- ✓ Têm dificuldades em encontrar amigos da mesma idade e com os mesmos interesses;
- ✓ Não desistem com facilidade dos seus objetivos;
- ✓ Integram-se sem complexos em grupo de adultos, ou crianças mais velhas.

Estas são características que permitem identificar crianças sobredotadas, todavia é necessário reforçar que os sobredotados podem não reunir todas estas características em simultâneo, elas apresentam-se e distribuem-se em função dos interesses e nas áreas nas quais os alunos estão mais desenvolvidos.

4.1 Problemática dos sobredotados

“A criança pode ser sobredotada e não tirar sempre boas notas, por falta de hábitos de trabalho, desinteresse pela escola, aversão às rotinas, a desmotivação, o desinvestimento.”

(cf. Serra, 2015)

Tendo em consideração que os sobredotados pertencem a um grupo muito peculiar e simultaneamente muito heterogéneo no seu interior, torna-se imprescindível criar um traço das suas peculiaridades, para que se consiga criar um conjunto de recursos e estratégias que permitam atender às suas necessidades. Nomeadamente à sua integração e inclusão numa escola regular e numa sociedade que evolui a um ritmo estonteante e que se esquece, por vezes, dos seres humanos.

Nesse sentido é necessário compreender também quais são as problemáticas, as lacunas, as dificuldades que apresentam as crianças sobredotadas. Sim, porque os sobredotados também as têm!

4.1.1 Dissincronias

Uma das principais características das crianças sobredotadas, e que é considerada como a problemática central dos sobredotados, diz respeito às dissincronias.

O termo - dissincronia - desponta com o psicólogo francês Jean-Charles Terrassier. Este termo, próprio do grupo de sobredotados refere-se às discrepâncias existentes entre o veloz funcionamento intelectual que estas crianças apresentam numa área e às habilidades menos desenvolvidas que apresentam noutras.

Ou seja, expõe a dissemelhança existente entre o rápido desenvolvimento da capacidade intelectual e o dito normal desenvolvimento, ou moroso, que apresenta noutras áreas.

Uma das principais características dos sobredotados é o seu rápido ritmo de desenvolvimento intelectual que muitas vezes não é acompanhado pelo

desenvolvimento afetivo e psicomotor, nesse sentido Terrassier distingue entre três tipos de dissincronias:

- *Dissincronia intelectual e psicomotora*

Esta dissincronia é caracterizada pelo facto de as crianças sobredotadas geralmente terem mais facilidade em aprender a ler do que a escrever.

Isso ocorre nos casos em que o intelecto da criança evolui mais rápido do que as suas habilidades motoras, desde a motricidade fina, incapacidade para grafismos finos, Etc.

- *Dissincronia entre linguagem e pensamento/raciocínio*

Refere-se à disparidade existente entre a velocidade de pensamento de um sobredotado e a sua regular capacidade de comunicação oral.

A primeira pode ser de tal forma veloz que extrapola a capacidade de articulação da fala.

- *Dissincronia afetivo-intelectual*

Esta dissincronia ocorre quando a maturação emocional e o amadurecimento intelectual da criança sobredotada não seguem o mesmo ritmo.

Pode-se melhor compreender este tipo de dissincronia se se tiver em conta os alunos que são colocados em anos letivos mais adiantados devido às suas capacidades intelectuais acima da média. Estas crianças poderão apresentar dificuldades de relacionamento com os seus colegas de turma, por não estarem emocionalmente tão maduros como eles. Numa situação de convívio com crianças sobredotadas consegue-se observar as dificuldades de relacionamento, de vivência no grupo, de cumprimento de regras,..., que estas apresentam.

As dissincronias apresentadas vêm desmoronar a ideia defendida de que os alunos sobredotados, por apresentarem um desenvolvimento intelectual acima da média, são precoces em todas as capacidades humanas.

Nesse sentido é necessário, professores, educadores, pais, políticos, sociedade em geral....voltarem as atenções para estas desigualdades no desenvolvimento dos alunos sobredotados para, que em conjunto com pedagogos e psicólogos, possam realizar um esforço no sentido de suprir essas mesmas lacunas.

4.1.2 Efeito pigmaleão

Terrassier menciona também o Efeito Pigmaleão Negativo, este refere-se ao facto das crianças sobredotadas sentirem dificuldades em exprimir as suas reais potencialidades devido às expectativas que colegas, pais e professores depositam sobre eles.

Por um lado, podem sentir-se frustrados por sentirem que não estão a corresponder às expectativas que depositam neles.

Por outro, podem procurar danificar os seus resultados escolares para se conseguirem integrar no grupo dos colegas, tentando mostrar que são iguais a eles.

Tanto o primeiro ato, como o segundo - atos de camuflagem - podem influenciar os seus resultados escolares de forma negativa. A não-aceitação das crianças sobredotadas como elas são, o desrespeito pelo seu ritmo e as exigências que se lhe são apresentadas, por parte dos seus familiares, colegas e professores podem ter consequências dramáticas para as crianças e para o seu desenvolvimento.

4.1.3 Efeito Evereste

Um outro problema associado aos alunos sobredotados é denominado Efeito Evereste, Revol & Fourneter (2004).

Refere-se ao funcionamento dicotómico exercido por estes alunos que se reflete na resolução de problemas em contexto escolar.

A criança mantém-se interessada nas atividades que está a realizar, mas tendencialmente concentra-se no que é o seu ponto de interesse, o mais complexo, o mais difícil. Desta forma acaba por falhar na realização dos exercícios mais simples. Deste modo a criança sente-se frustrada porque cria a ideia de que a escola apenas lhe atribui níveis baixos de exigência. Se não for corretamente trabalhada, esta situação poderá causar fobia escolar no início da escolarização, aborrecimento, ou mesmo a construção de um falso self.

5 Mitos e verdades sobre a Sobredotação

“Imagine-se uma criança de palmo e meio a querer saber coisas sobre o anel de Saturno, já sabe tudo sobre os gases e está preocupada em saber mais coisas. Se calhar dá erros a escrever e tem uma péssima escrita. Ou detesta fazer cópias e redações”

(cf. Serra, 2015)

É uma verdade que muito se diz em relação aos sobredotados, à sobredotação, contudo é um mito que tudo o que se diz corresponde à realidade. Assim sendo, e para que seja feita uma melhor compreensão dessa situação considera-se pertinente a elaboração do seguinte quadro, no qual estão referidos alguns mitos e verdades sobre a sobredotação.

Este quadro foi elaborado ao longo do desenvolvimento das pesquisas efetuadas para a preparação deste projeto de investigação e ainda com base em anotações resultantes das aulas que tive com a Professora Doutora Helena Serra, durante a minha licenciatura, na disciplina de Escola Inclusiva Pedagogia Diferenciada no ano letivo 2005/2006.

Mitos	Verdades
As crianças e jovens sobredotados têm sempre bons resultados quando são submetidos a testes de inteligência.	Muitas vezes estas crianças respondem ao que lhes é pedido de forma tão peculiar e desajustada que acabam por tirar resultados baixos.
As crianças sobredotadas não revelam necessidades educativas especiais (NEE).	Estas crianças carecem de um atendimento individualizado, precisam de ver os programas curriculares adaptados às suas características. Necessitam de ajuda acrescida por parte dos educadores no que concerne aos métodos e estratégias usados para as aprendizagens.

As crianças sobredotadas não sofrem qualquer tipo de desajustamento emocional e social	A sobredotação pode conduzir ao aparecimento de esquemas cognitivos desadaptados, como por exemplo, ideias fixas de grandeza ou sobrevalorização das suas capacidades o que dá origem a problemas relacionais com os outros e até mesmo problemas psicológicos.
O contexto onde as crianças sobredotadas estão inseridas não faz qualquer tipo de diferença ao seu desenvolvimento.	Sobredotação implica capacidade em combinação com oportunidade, ou seja, o meio não deve ser adverso, mas sim, deve contribuir para o desenvolvimento deste tipo de crianças.
Toda a criança precoce será um sobredotado.	Vários estudos revelam que as crianças precoces não se destacam na vida adulta.
Trabalhar de maneira diferente com crianças sobredotadas é criar uma elite, não é democrático.	Pouco democrático é dar a mesma educação a todos e não respeitar as diferenças individuais.

Quadro 3 - Mitos e verdades sobre a sobredotação

Capítulo 2

Necessidades educativas especiais

1 Conceito de Necessidades Educativas Especiais

“São as necessidades que, no plano educativo alguns alunos apresentam, como seja o caso das crianças com deficiências mental, motora, auditiva e visual, ou multideficiências, com dificuldades específicas de aprendizagem, com problemas graves de comportamento, ou sobredotação”.

(cf. Warnock Report, 1978)

O conceito NEE surgiu nos finais da década de 70, foi introduzido com o ilustre relatório Warnock Report (1978), que resultou de um vasto estudo de investigação e que revolucionou as grandes perspetivas de intervenção no campo educativo/pedagógico junto das crianças e jovens com necessidades educativas especiais.

São várias as definições, são inúmeros os autores onde nos podemos debruçar para explicar o conceito de NEE. Segundo Luís Miranda Correia (2005), as NEE *“...dizem respeito a um conjunto de fatores de risco ou de ordem intelectual, emocional, e física, que podem afetar a capacidade de um aluno em atingir o seu potencial máximo no que concerne à aprendizagem académica e sócio-emocional”*

Assim, entendem-se as NEE como sendo as características, as (in)capacidades e carências de um grupo de alunos especiais que necessitam de auxílio extra e diferenciado para a concretização das suas atuações. Deste modo torna-se imprescindível a existência de um processo educativo que tenha como objetivo primordial dar resposta de forma adequada às necessidades dos alunos especiais.

O grupo dos indivíduos abrangidos pelos direitos intrínsecos nas NEE, tem sofrido mutações significativas ao longo das décadas. Atualmente continua a comportar alterações no seu íntimo, mas que pena é que essas alterações, a nível nacional, não sejam sempre no sentido ascendente do seu verdadeiro propósito. A sobredotação é uma dessas mártires que assistiu e assiste a alterações, mas não de forma positiva.

É um facto que a educação especial tem ganho pontos no campo da autoafirmação ao longo dos tempos, isto porque se recuarmos na história conseguimos justificar a sua evolução observando como eram (des)acompanhadas as crianças com NEE, contudo e pelo que se assiste hoje em dia, parece que o corte nas ajudas a este grupo especial nos levam ao retrocesso de outros tempos.

1.1 Classificação das NEE por categorias

“Nos últimos anos, ..., tem vindo a afirmar -se a noção de escola inclusiva, capaz de acolher e reter, no seu seio, grupos de crianças e jovens tradicionalmente excluídos.”

Decreto-lei 3/2008 de 7 de janeiro

Os países ocidentais criaram uma nomenclatura que diz respeito às categorias mais estudadas, universalmente, dentro do grande agregado das necessidades educativas especiais; isto para que seja possível que todos os intervenientes, desde investigadores, educadores, pais, etc., consigam comunicar sobre cada uma das categorias utilizando os mesmos conceitos, a mesma linguagem.

Desde há algum tempo, o grande grupo das NEE que se encontrava dividido em dois subgrupos, nos quais estavam compartilhadas as problemáticas sofreu alterações e algumas das problemáticas neles inseridos foram expulsas no estatuto de NEE, como é o caso do subgrupo sobredotação. Assim sendo:

1º Grupo:

- ✓ Dificuldade de aprendizagem específica
- ✓ Problemas de comunicação
- ✓ Deficiência mental ou Problemas intelectuais
- ✓ Perturbações emocionais ou do comportamento
- ✓ Multideficiência,
- ✓ Deficiência visual,
- ✓ Deficiência auditiva,
- ✓ Problemas motores,
- ✓ Traumatismo craniano
- ✓ Autismo
- ✓ Síndrome de Asperger
- ✓ Surdo – cegueira
- ✓ Desordem por défice de atenção e hiperatividade – onde se enquadram a falta de atenção, a hiperatividade, a impulsividade, risco educacional , autismo,

✓ Outros problemas de saúde, nos quais se integra o conjunto de problemas tais como tuberculose, febre reumática, asma, hemofilia, nefrite, leucemia, diabetes, epilepsia ou problemas cardiovasculares, que limitam a vitalidade ou a atenção da criança, vindo a afetar-lhe a sua realização escolar.

Este primeiro conjunto diz respeito a problemas associados a carências, incapacidade nos mais variados domínios quer sejam motores, quer sejam cognitivos, e que influenciam de forma direta a capacidade de resposta e o progresso na construção do processo de aprendizagem dos seus portadores.

2º Grupo

- ✓ Alunos em risco educacional
- ✓ Alunos sobredotados.

Neste grupo estão as crianças que diferem dos anunciados no primeiro grupo, porque em virtude das suas características conseguem alcançar um nível de rendimento escolar esperado, ou elevado - no caso dos alunos sobredotados-.

O grande princípio da Educação Especial assume a necessidade de se criar um conjunto de serviços e apoios especializados destinados a responder às necessidades especiais desses alunos, com base nas suas carências e necessidades, ou capacidades a fim de maximizar o seu potencial.

Apesar desse comunicado, continua-se a assistir a medidas que prejudicam grupos de crianças que serão entregues a si próprias, pois pela legislação não poderão ser abrangidas nos grupos citados. E os sobredotados são um desses grupos renegando.

Desse modo o Ministério da Educação falha com o seu verdadeiro propósito legislativo do Decreto-lei 3/2008 de 7 de janeiro, no qual defende que *“A educação inclusiva visa a equidade, sendo que por esta se entende a garantia de igualdade, quer por acesso que nos resultados”*

2 Escola inclusiva - Uma escola para todos

“A colocação de crianças em escolas especiais – ou em aulas ou sessões especiais dentro de uma escola, de forma permanente – deve considerar-se como medida excecional, indicada unicamente para aqueles casos em que fique claramente demonstrando que a educação nas aulas regulares é incapaz de satisfazer as necessidades pedagógicas e sociais do aluno, para aqueles em que tal seja indispensável ao bem-estar da criança com NEES ou das restantes crianças.”

(Declaração de Salamanca, 1994: 12)

Com a aplicação e introdução do conceito de Escola Inclusiva propõe-se como meta principal a inserção de todos os alunos no ensino, pelos princípios da igualdade de oportunidades, em contextos de aprendizagem regulares. Ou seja, todas as crianças são bem-vindas à escola, para nela beneficiarem de estímulos sociais, académicos, educativos, (...) inseridos num grupo de outras crianças com e sem necessidades educativas especiais. Nesse sentido propõe-se que todas as escolas desenvolvam um conjunto de estratégias de apoio para fazer com que estas abordagens sejam bem-sucedidas. Assim, uma escola inclusiva é aquela que permite uma diferenciação pedagógica de acordo com as características e necessidades educativas especial de cada caso de alunos.

Citando Adela A. Allen, *“Devíamos aceitar as diferenças, devíamos saudar as diferenças, até que a diferença deixe de fazer diferença”* ninguém é precisamente igual, todos somos diferentes, isso designa que todos somos especiais.

Todas as crianças têm vivências, fraquezas e talentos únicos; todas são sinónimo da diferença. Assim, para que ocorra o processamento de inclusão de todas as crianças, particularmente das crianças com NEE, nas nossas escolas e na nossa sociedade torna-se essencial que haja uma série de medidas que permitam o desenvolvimento das suas capacidades de emancipação, de escolarização e inclusão social

A expressão "escola inclusiva" ou "escola para todos" tem merecido a atenção de muitos organismos, entidades e personalidades nacionais e internacionais, nos últimos anos, nomeadamente da Comissão das Comunidade Europeias. Perante o crescente número de "movimentos" socioeducativos, fundamentados em importantes estudos,

reflexões e recomendações que visam adequar o processo de ensino e aprendizagem às características e singularidade de cada aluno, e criar condições humanas, físicas e materiais que permitam uma participação efetiva e plena de todos os indivíduos na escola e na sociedade, essas entidades defendem a inclusão e determinam que a cooperação prestada deve ser tanto maior quanto mais acentuadas forem as dificuldades e/ou deficiências de que o indivíduo é portador.

Para melhor compreender esta necessidade pode-se usar a metáfora do sapato que apresentou o professor doutor Marcelino Pereira num dos seus seminários, no qual nos explicava que usar o meu currículo para todos os alunos era como se obrigássemos todos os nossos alunos a calçar um sapato do mesmo número independentemente do tamanho do seu pé e isto não era atender às individualidades dos alunos, apesar de todos terem acesso aos sapatos, a inclusão não seria obrigá-los a calçar o mesmo número.

Entende-se como escola inclusiva, no literal sentido da expressão, aquela, na qual todos os intervenientes educativos procuram inculir nos alunos que todos têm capacidades, independentemente do seu grau de dificuldade; aquela que apresenta, a todos os alunos, currículos numa perspetiva personalizada para desta forma atender às necessidades individuais de cada aluno; aquela que utiliza métodos, estratégias, recursos materiais e humanos mais adequados para alcançar os objetivos mais altos aos quais se propõem.

Neste sentido, na educação inclusiva, as individualidades dos alunos são atendidas em contextos regulares através de apoios possibilitados e simultaneamente orientados por professores especializados. Toda a comunidade educativa trabalha em conjunto para esse objetivo, sempre com uma posição reflexiva e dinâmica no sentido de encontrar e criar uma verdadeira escola inclusiva, uma escola de todos e para todos.

Como refere Roldão deve-se pensar curricularmente, agindo diferenciadamente caminhando-se para uma verdadeira escola inclusiva, rumo ao sucesso dos nossos alunos, do nosso próprio sucesso e ao sucesso da nossa sociedade.

3 Serão os sobredotados alunos com Necessidades Educativas Especiais?

“Têm N.E.E. os alunos que não correspondem ao menu que a escola lhes oferece.”

Mel Ainscow (s/d)

Os alunos sobredotados são, como defende Renzulli, aqueles que demonstram ou têm um potencial elevado num determinado domínio ou área, de acordo com os seguintes critérios:

- Capacidades elevadas (incluindo inteligência significativamente acima da média);
- Criatividade elevada (capacidade para formular novas ideias e aplicá-las na resolução de problemas);
- Perseverança elevada no desempenho de tarefas (um nível elevado de motivação e a capacidade para visualizar um projeto até à sua conclusão).

Assim sendo, a interseção destas três características parece determinar os alunos sobredotados como alunos com N.E.E., isto porque, não se enquadram no modelo dos alunos padrão, como passarei a exemplificar no quadro elaborado aquando a minha licenciatura, nas aulas lecionadas pela professora doutora Helena Serra.

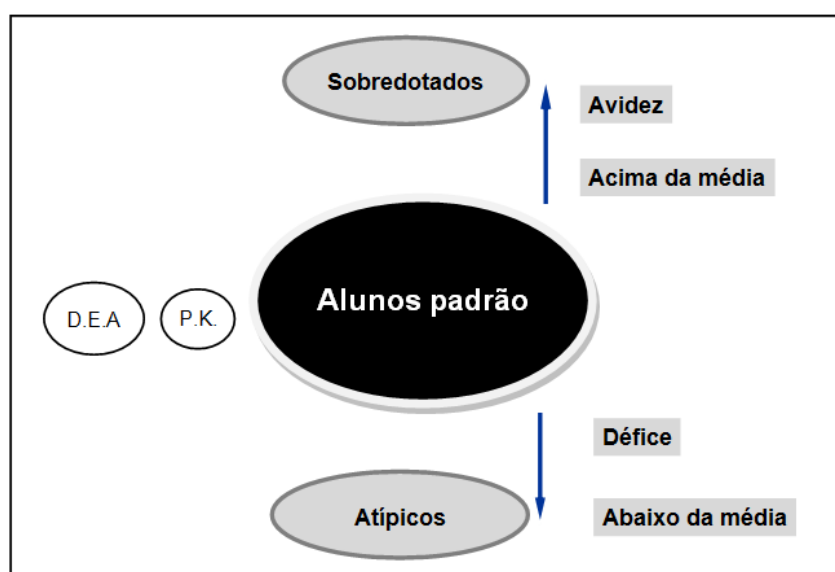


Figura 7- Quadro dos alunos NEE

No quadro encontra-se, no centro, a grande “fatia” dos alunos que frequentam as nossas escolas - os alunos padrão, ou típicos. Fora desse grupo, mas dentro da média encontram-se os alunos com dificuldades específicas de aprendizagem D.E.A, e problemas de comportamento P.K.

Abaixo da média, no que diz respeito às suas limitações e capacidades, encontra-se o grupo dos alunos com algum tipo de handicap.

O grupo dos alunos sobredotados encontra-se acima da média, em relação ao grupo dos alunos padrão, tendo em conta as suas capacidades e avidez.

Ou seja, observando o quadro com a devida atenção que ele merece é simples e evidente verificar que os alunos com sobredotação são alunos com NEE. Eles não pertencem ao grupo de crianças com capacidades abaixo da média e também não pertencem ao grupo de alunos padrão; eles pertencem a um grupo com capacidades acima da média, o que requer um acompanhamento específico que lhes crie desafios e lhes permita um desenvolvimento “normal” dentro do que são as suas necessidades, e tendo em conta as suas capacidades.

É impensável apresentar a um aluno sobredotado um currículo que é traçado para um aluno pertencente ao grupo dos alunos padrão.

Os sobredotados necessitam de um currículo que lhes permita novas experiências, desafios interessantes, atividades estimuladoras, tal qual como um aluno padrão, mas tendo em conta as suas capacidades acima da média. Para melhor se compreender pode-se exemplificar como se estivéssemos a dar aos nossos alunos do 4º ano exercícios do 1º ano, que para ele são extremamente básicos e não constituem desafio, nem aprendizagem, isto durante um ano letivo inteiro. É compreensível a frustração e fácil perceber que ao fim de algum tempo os alunos irão canalizar a sua atenção e concentração para atividades extra. Ou seja, irão destabilizar o normal funcionamento da aula, irão incomodar os colegas, o professor, etc.

No processo de aprendizagem e progresso académico e social é primordial determinar as características exclusivas de cada criança e determinar as intervenções pedagógicas ajustadas para coadjuvar a construção de uma educação justa, que respeita, ajuda, integra e atende a todos, independentemente das suas heterogeneidades, apreciado as suas singularidades abaixo, ou acima da média.

3.1 Necessidades educativas especiais dos Sobredotados

O cérebro do sobredotado é desnivelado, discrepante. Tem domínios de alta performance como, por exemplo, o interesse científico ou pela matemática, mas depois nos domínios motor e psicomotor os seus neurónios não são tão eficientes.

(cf. Serra, 2015)

Tende-se a acreditar que as crianças sobredotadas não precisam de acompanhamento especial, pois tendo capacidades acima da média facilmente conseguem resolver os problemas, porém, e como já se observou, isso não corresponde à realidade e facilmente se depreende que essa afirmação não passa de um mito.

Estas crianças apresentam carências, necessidades educativas especiais, mas ainda há que as negue. Uma vez duvida-se da existência deles, outras vezes aponta-se que já possuem capacidades mais do que suficiente para resolverem sozinhos, outras, perante a avidez e exigência de mais trabalho, manda-se esperar e ter calma para acompanhar os outros colegas, ou então pede-se sucessivamente que “vá explicando ao colega do lado que tem dificuldades”...entre outras estratégias que se usam para arrastar o problema em vez de o resolver.

Os sobredotados existem, não são uma utopia e devido às suas capacidades de excelência nem sempre se realizam na medida das suas ambições. Por vezes ainda passam despercebidos (de forma obrigatória) pelas instituições, que são para eles oportunidades de socialização mas que os obrigam a “esperar”. Algumas tornam-se conhecidas negativamente, são rotuladas pelas contrariedades que apresentam na intervenção, adaptação e exposições incompreendidas. *“O impacto muitas vezes nefasto de rótulos na vida das crianças – a classificação de um aluno como sobredotado, por si só, tem pouco ou nenhum valor educacional”* Feldhusen, (1998).

Não podemos deixar de nos aperceber da complexidade do problema e com isso defender que este grupo deve ser incluído no grupo dos alunos NEE.

Vários estudos demonstraram que os professores desconhecem a sobredotação. Mas o problema não resulta apenas do fraco conhecimento que têm os professores, uma

vez que a própria ⁸legislação, em Portugal, não prevê a sobredotação como um grupo de N.E.E fazendo com que vivam à sombra das leis.

Apoiada no que defendi anteriormente, os sobredotados são um grupo de alunos que carece de uma educação especial, são alunos que necessitam de apoio educativo adaptado e devem incluir no grupo das N.E.E visto que podem apresentar um padrão de desenvolvimento desajustado, indesejado e problemático, o que poderá traduzir-se na necessidade de requerer apoios educativos especiais, pois podem converter-se num grupo de risco. Por outro lado, há a consciência dos principais fatores de risco que se colocam aos alunos sobredotados nos seus contextos escolar e como tal é necessário expor as estratégias educativas que poderão atuar como fatores de proteção deste grupo.

Também é necessário ter em conta que são o grupo minoritário mais esquecido do sistema escolar de inclusão embora o sistema de educação especial reconheça e admita a sua existência e as suas reais carências.

3.2 Atendimento às necessidades educativas especiais dos sobredotados

“É da especial responsabilidade do estado promover a democratização do ensino garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolar.”

LBSE, art.º 2º, 2005

As carências especiais de um aluno com capacidades acima da média são, sem dúvida alguma, diferentes das necessidades dos alunos padrão, nesse sentido é necessário um trabalho pedagógico, psíquico e social que satisfaça as diferenças individuais dessas crianças, visando uma melhoria na sua qualidade de vida, considerando que é necessário/urgente um atendimento individualizado para estes alunos, assim como métodos e estratégias adequadas para lidar com este grupo “diferente” dentro dos diferentes.

É urgente, também, uma adaptação de carácter inclusivo que se baseie no enriquecimento dos programas curriculares e na utilização de várias formas de estimulação aplicada pelo professor do ensino regular, em diversas áreas dirigidas

⁸ Ver capítulo IV Legislação

especialmente ao aluno sobredotado, como se pode observar através do Modelo da Pirâmide, Pyramid Model de Cox, Daniel e Boston (1985). Só assim se conseguirá criar nos desafios (que estas crianças tanto querem/precisam) oportunidades interessantes, motivadoras adaptadas às suas necessidade - especiais, que se traduzam em satisfação e AUTOESTIMA e acima de tudo em continuidade no seu desenvolvimento.

As atividades planeadas podem ser desenvolvidas através de estudos independentes, aprofundamento em determinado campo de saber, pesquisas bibliográficas na biblioteca escolar, atividades de ensino junto a pequenos grupos, assistente do professor, etc.

Estas crianças ambicionam desenvolverem-se ao seu ritmo, se as obrigarmos a esperar, elas não estarão a desenvolver o seu caminho normal (dentro dos padrões que apresentam) pelo que irão atrofiar, ou mesmo canalizar todo o seu potencial para outras áreas, talvez menos aceites nos padrões normais da sociedade, como por exemplo, tornando-se crianças agressivas, futuros adultos marginais, etc. Ou então, farão mal a si próprias, pois tenderão a isolar-se, mostrar indiferença no envolvimento com os demais, levando ao seu desajustamento emocional e social, podendo até anular-se perante os outros. Citando Helena Serra (2015) *“Há muitos casos de sobredotados perdidos. Uns têm a sorte de ter um ou outro professor que os ajuda. Outros entram em depressão e até cometem suicídio. É um problema sério.”*

A criança sobredotada por ser diferente encontra na maior parte das situações incompreensão e resistência, como forma de defesa e tentativa de integração, pode atrofiar ou não continuar o seu processo evolutivo de desenvolvimento com naturalidade, optando pela sua autoanulação para conseguir a sua aceitação dos outros.

A análise aqui efetuada, se bem que de forma generalizada, está longe de refletir as múltiplas e danosas consequências que um mau atendimento, incompreensão ou negação de uma criança sobredotada sobredotado podem gerar.

Perante este cenário é incompreensível perceber como é que o novo Decreto-lei nº3/2008 revogou o artigo, do Decreto-Lei anterior que dava voz ao grupo dos sobredotados. Torna-se inexplicável perceber porque é que a legislação portuguesa teima em cometer lacunas como a não-aceitação destes alunos no grupo de NEE, e teima em deixar vazios e revogações legislativas para este grupo de crianças.

Capítulo 3

Legislação

1 Legislação sobre o direito à educação para todos

“Constitui desígnio do XVII Governo Constitucional promover a igualdade de oportunidades, valorizar a educação e promover a melhoria da qualidade do ensino.”

(Decreto-lei 3/2008 de 7 de janeiro)

São vários os documentos que têm sido criados e alterados ao longo dos tempos e que levaram à existência de um regulamento em que todas as crianças devem ter livre acesso à educação. Esta deveria ser para todos, independentemente da raça, da cor, do sexo, da nacionalidade, do credo, etc.

Com esse intuito surgiu já em 1948 a Declaração Universal dos Direitos do Homem já determinava que *“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos”*.

Em 1990 a Convenção sobre os Direitos da Criança que determinava que *“ Toda criança tem direito à educação...”*

Em 1994, surge um documento participado pelas Nações Unidas - a Declaração de Salamanca que revela ser de uma importância extrema pois refere-se aos princípios, à Política e à prática da Educação Especial. Defende como princípio primário uma educação que inclua todos os jovens e crianças inseridos em escolas do ensino regular com base em práticas e orientações inclusivas referindo que, efetivamente *“– toda a criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem – toda criança possui características, interesses, habilidades de aprendizagem que são únicas...”*.

Refere ainda que os *“sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades...construindo uma sociedade inclusiva e alcançando a educação para todos...”*.

A Lei de Bases do Sistema do Educativo refere a *«...igualdade de oportunidades de acesso e de sucesso escolar...a todos os indivíduos»*. Ou seja todas as crianças, jovens, adultos, têm direito a ter uma oportunidade para aceder à escola e a conquistar o seu respetivo sucesso, independentemente da média do seu nível de (in)capacidade..

Decreto-lei 319/91, 23 de agosto direcionou-se, especificamente para as necessidades educativas especiais dos alunos do Ensino Básico e Secundário e advogou

“a abertura da escola a alunos com necessidades educativas especiais, numa perspetiva de escolas para todos” e «Um mais explícito reconhecimento do papel dos pais na orientação educativa dos seus filhos».

O Ministério da Educação, em novembro de 2005 divulgou um despacho normativo DN nº50/2005, que defende o apoio e acompanhamento de crianças e jovens sobredotados. Este despacho aponta, essencialmente para o êxito educativo, para tal, é fundamental a elaboração de planos de desenvolvimento quer para os educandos com capacidades extraordinárias, bem como acompanhamento específico de alguns casos.

Estes planos de desenvolvimento complementam-se através de pedagogias diferenciadas, encaminhamento personalizado do aluno e atividades específicas de enriquecimento em qualquer altura do ano. Porém, não está divulgado qualquer tipo de desenvolvimento relativo às atividades, nem ao número de alunos que vão necessitar desta forma de acompanhamento.

O Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de Janeiro, apesar de já não incluir os alunos sobredotados tem como premissa a qualidade de ensino orientada para o sucesso de todos os alunos e o desenvolvimento de uma escola inclusiva, que consagra princípios, valores e instrumentos fundamentais para a igualdade de oportunidades.

Neste sentido, o Decreto-Lei n.º 3/2008 abarca as respostas educativas a desenvolver no âmbito da adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos que necessitam de *“apoios especializados visam responder às necessidades especiais educativas dos alunos ...com dificuldades contínuas ao nível do relacionamento interpessoal.”*

Assim sendo, não se entende o discernimento perante as crianças sobredotadas, visto que em alguns países do mundo, os respetivos sistemas educativos estão especializados para receber crianças sobredotadas através programas especializados, nomeadamente a existência de turmas específicas, onde os alunos com capacidades mais avançadas formam grupos de trabalho. Outro dos programas dedica-se à aceleração, ou seja, torna-se possível desenvolver, rapidamente na escolaridade, temas ou conteúdos curriculares.

Por último, apresenta um programa de enriquecimento que faculta atividades extracurriculares com o objetivo de ampliar os pontos fortes e os pontos fracos dos alunos.

1.1 Legislação educativa para a Sobredotação

“ Toda criança tem direito fundamente à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem ”

Declaração de Salamanca, 1994

Segundo o recente Decreto-lei nº3/2008 os alunos sobredotados deixam de ser considerados - crianças com necessidades educativas especiais.

A revogação do artigo do decreto anterior que permitia a entrada da criança sobredotada, na escola, mais cedo deixou de fora os alunos sobredotados, apostando num vazio que os deixa sem amparo e à sombra das leis mais abrangentes. Situações de precocidade excecional deixaram de ter enquadramento legal, fazendo com que as crianças sobredotadas fiquem penalizadas.

Perante esta situação e como refere Serra (2009), presidente da APCS do Porto, *“é uma dor de alma”* verificar que os alunos não podem ser todos iguais, e que apesar de tanto se falar numa escola inclusiva, há uns com mais direitos do que outros.

É deveras *“uma dor de alma”* verificar que estas crianças tenham de ficar à margem da lei. São mentes brilhantes que injustamente são ofuscadas por entidades superiores dignas de fazer, aprovar e aplicar leis e que apagam o desenvolvimento “normal” dum grupo de crianças excecionais.

Tendo como base o que foi referido nos capítulos anteriores acerca das necessidades educativas que apresentam os sobredotados, é incompreensível a fraca prestação de apoios de que são vítimas as crianças sobredotadas.

Aparte disto, como docentes, pais, etc. devemos estar informados que este grupo de crianças é especial, é diferente e como tal têm de ser abrangidos pela legislação.

Convém então reconhecer a legislação que ainda menciona que os alunos sobredotados têm direitos que vão de encontro ao que foi referido anteriormente, a uma integração e inclusão correta no seu processo de aprendizagem, esperamos apenas que não sejam revogados... Apoiada no site da internet da Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação (ANEIS), passo a mencionar alguns desses documentos legislativos⁹ onde podemos verificar esses mesmos direitos e a sua utilização:

⁹ Informação retirada do site <http://aneiscoimbra.no.sapo.pt/legisla.htm>

Despacho n.º 6/ SERIE/ 88, de 6 de abril

- Cria as condições para os alunos com ritmos de aprendizagem diferentes poderem ingressar mais cedo no 2º Ciclo do Ensino Básico.

Decreto-lei n.º 319/ 91, de 23 de agosto

- Define medidas de regime educativo especial a aplicar a alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) do Ensino Básico e Secundário.

Despacho 173/ ME/ 91, de 23 de outubro

- Regulamentação do Decreto-Lei n.º 319/91. Nos pontos 21, 22 e 23 estão previstas as crianças com precocidade excecional a nível de desenvolvimento global.

Circular n.º 22/ 93, de 2 de março, da Direção-Geral do Ensino Básico e Secundário

- Esclarece a aplicação do Despacho 173/ ME/ 91, de 23 de outubro, e referente à matrícula das crianças que completem os 5 anos de idade antes do início do ano letivo.

Despacho 178- A/ ME/ 93

- Clarifica o conceito de Apoio Pedagógico, responsabilidades e meios necessários. Prevê o ensino diferenciado na sala de aula, o grupo de nível de carácter temporário, os programas específicos, os programas de tutoria, etc.

Despacho da Secretária de Estado da Educação e Inovação n.º 16935/ 99, de 30 de agosto (Revoga o Despacho n.º 6/ SERE/ 88, de 15 de março)

- Permite que alunos possam concluir o 1º Ciclo sem terem completado os 9 anos até 15 de setembro.

Despacho Normativo n.º 30/ 2001, de 19 de julho (Substitui o Despacho Normativo 98-A/ 92, de 20 de junho)

- Avalia e antecipa alunos excecionais.

Despacho Normativo nº 13/2014, de 15 de setembro,

- Prevê que crianças com capacidades excecionais poderão ser apoiadas pelas escolas. Desde que se faça um plano de acompanhamento pedagógico Individualizado.

Capítulo 4

Estratégias educativas essências

1 Estratégias educativas

“A identificação em si não melhora a aprendizagem. As crianças identificadas e colocadas em programas comuns não mostram nenhuma mudança... Mas se um programa bem planejado reduzir estas ou outras falhas o desempenho e a realização de uma criança sobredotada melhorarão consideravelmente”

(cf. Martinson, 1972)

As crianças sobredotadas possuem capacidades acima da média, podem apresentar ótimos ou até elevados resultados cognitivos, motivacionais, criativos, de juízo de valor e moral numa ou em várias áreas, porém, podem também apresentar resultados opostos noutras. Os sobredotados são bons estudantes e são empenhados em construir o seu próprio ambiente de estudo, são ávidos consumidores de informação e conhecimento sobre o mundo e tudo o que os rodeia, sobre o passado, as leis da natureza, etc. Se as áreas de conhecimento dos sobredotados, quer as que os motivam, quer aquelas em que estes são menos hábeis, forem devidamente estimuladas, pelos seus familiares, pelos seus professores, ou por qualquer interveniente no seu processo educativo, podem vir a ser mais desenvolvidos e podem conseguir atingir “limites” máximos de conhecimento, de autoestima, confiança, interesse e futuramente alcançar lugares profissionais de destaque, o que nos permitirá, a todos nós, um mundo melhor.

Caso as crianças sobredotadas não estejam abrangidas por um meio social, familiar ou escolar benéfico para o seu acolhimento e desenvolvimento, e não obtenham o apoio necessário para o engrandecimento das suas capacidades, estas poderão apresentar comportamentos preocupantes e desviantes.

As crianças sobredotadas, como qualquer criança, têm direito a serem tratadas como seres únicos e irrepetíveis. Não podem ser culpabilizadas por o seu ritmo de aprendizagem ser mais acelerado e de apresentarem capacidades diferentes das de outras crianças, assim como as crianças com DEA não podem ser martirizadas por não conseguirem acompanhar o grupo de alunos padrão, assim como as crianças padrão não podem ser culpadas por não conseguirem alcançar os níveis de excelência dos sobredotados. Não esqueçamos que em qualquer turma há necessidades educativas, contudo só algumas são especiais, mas em todas elas é preciso “preparar a terra para

semear conhecimento”. As características dos sobredotados devem ter a mesma consideração e relevância que as características de todas as outras crianças.

1.1 Papel dos Pais das crianças sobredotadas

“Os pais são a primeira linha de educação dos seus filhos. E, no caso destas crianças, sentem-se desamparados dadas as características que os filhos apresentam.”

(cf. Serra, 2015)

Helena Serra emitiu à Revista EDUCARE.PT, 2015 que *“Há um somatório muito grande de pais que suspira de alívio quando [na Associação Portuguesa de Crianças Sobredotadas] lhes dizemos que o filho apesar de ter um Quociente de Inteligência (QI) de 120, e ter um nível de inteligência elevado, não é sobredotado.*

Como primeiros e principais educadores, aos pais cabe amar os seus filhos com as suas características de sobredotação, e amar significa aceitar, estimular, elogiar e respeitar o seu filho tal qual como ele é. Mas o que acontece quando descobrem que os seus filhos são sobredotados?

Ao saberem que têm um filho sobredotado, os pais não devem entrar em pânico, não devem criar excessivas expectativas, nem pretender modificar os seus filhos. Cada menino é um ser único e encontrará mais depressa o seu verdadeiro caminho se não for pressionado, se lhe for dado espaço para decidir, errar e aprender com os seus erros.

Os pais não devem compará-los a ninguém, muito menos aos irmãos, caso os tenham, aos colegas, a outros familiares.

Não devem ignorar as capacidades acima da média do seu filho; sobreocupar a criança com atividades; exigir e exhibir a criança; esconder factos ou enganar e culpá-la por ser como é.

Estereotipar a criança sobredotada é algo que não deve acontecer, pois uma criança sobredotada é apenas uma criança, e que o “melhor problema” que esta tem é o de ter capacidades excepcionais.

Há a necessidade de aceitar as limitações depois de as reconhecer, e tentar sempre melhorá-las. Nesse sentido os pais devem procurar estar informados sobre o

tema, devem saber o máximo sobre a sobredotação, “formar-se” no tema para ajudar e acompanhar o filho nesta “batalha”.

O papel dos pais deve assentar essencialmente no acompanhamento do percurso do seu filho tanto na escola, como a nível familiar, nas relações com os outros, nas capacidades que apresenta, orientando-o, para que lhe possa proporcionar um melhor desenvolvimento dessas capacidades naturais, maximizando as suas áreas fortes e desenvolvendo em simultâneo as menos fortes, onde apresenta dificuldades.

Uma boa forma de acompanhar o filho sobredotado e de o conhecer melhor é conversar com ele, explorar interesses novos, fornecer-lhe recursos materiais livros, jogos, etc, levá-lo a conhecer locais ricos em aprendizagem para conhecer a suas histórias e discutir os seus acontecimentos em conjunto.

Assim, os pais devem cooperar juntamente com a escola/professor, em associações de pais, estando informado das necessidades do seu filho.

Há associações de crianças sobredotadas e essas mesmas associações estão abertas à comunidade, têm aprazimento em auxiliar a comunidade nessa aventura que é dar a conhecer as características e formas de ajudar as crianças. Nessas mesmas associações poderão conhecer outras crianças sobredotadas, outros pais, outras histórias, outros depoimentos, sempre apoiando o contacto com outras crianças semelhantes a si, para que não se sintam completamente diferentes, ou únicos no mundo deles.

Os pais precisam de responder às dúvidas dos seus filhos sobredotados, partilhando problemas e alegrias, encorajando-os e elogiando os pontos fortes, amparar nas suas limitações e, sobretudo, serem muito pacientes. Os sobredotados devem ter espaço para os seus trabalhos, para o seu pensamento e para os seus passatempos.

Têm como dever ajudar na tomada de decisões, na organização do tempo e dos planos do seu filho sobredotado, para um melhoramento do estudo.

Caso a criança sobredotada não encontre um meio familiar que propicie a aceitação, o elogio, o apoio e o desenvolvimento da sua potencialidade, o sobredotado poderá apresentar comportamentos preocupantes, como: a agressividade, a intolerância, a solidão, o sentimento de rejeição, a instabilidade emocional, a rebeldia e a arrogância.

Convém não esquecer que os pais dos sobredotados também sofrem por não saberem lidar com a situação, e os seus problemas devem merecer atenção e respeito, pois eles são o *“equilíbrio destas crianças quando a escola falha”* Helena Serra, (2006).

No fundo, e sintetizando, *“A sobredotação é mais temida que amada pelos pais. Têm receio de ter um filho sobredotado porque vão percebendo as consequências que*

isso acarreta.” Serra (2015). Mas os pais precisam apenas de fazer jus ao título e ser pais, não podem é esquecer que têm um filho especial, assim como são (ou deveriam ser considerados) todos os filhos.

1.2 Papel das Instituições

“A A.N.E.I.S. é uma associação portuguesa, sem fins lucrativos, fundada em Dezembro de 1998, que se destina ao estudo e à intervenção na área da sobredotação.”

Site A.N.E.I.S.

Nos dias que correm, o sistema educativo português apresenta ainda várias e graves lacunas e mostra uma despreocupação relativamente às crianças sobredotadas.

Embora o Ministério da Educação já reconheça a existência de crianças sobredotadas no nosso país, pouco faz para instalar os meios necessários e apoios que estes alunos tanto precisam. Prova evidente disto é a apresentação de um sistema massificado e opaco, que “vira as costas” a problemas cruciais para a evolução da educação.

Porém, há, felizmente, aqueles que tentam “remar contra a maré”. Apesar de serem em número reduzido, existem associações que minimizam esta discriminação e lacunas prejudiciais oferecendo e dinamizando apoios fundamentais quer para as crianças sobredotadas quer para as suas famílias. Tudo fazem para construir oportunidades para desenvolver as suas capacidades, o sentido social, o espírito crítico e consequentemente atingirem estabilidade emocional.

A Associação Portuguesa das Crianças Sobredotadas (APCS), dirigida pela professora doutora Helena Serra, foi a primeira associação a ser criada em Portugal, em 1986. Tem como objetivos primários consciencializar a sociedade para as problemáticas das crianças sobredotadas, dar oportunidades, apoios de forma a identificar e desenvolver as suas capacidades e o apoio às famílias.

A APCS procura formar espaços para ativar a criatividade, o convívio entre as crianças e jovens com o intuito de respeitar as diferenças de cada um, as aptidões e interesses que evidenciam.

Para divulgar e dinamizar a associação organizam-se encontros, colóquios, participação em eventos científicos, entrevistas, formação de polos de expansão por todo o país, entre outros.

Esta associação oferece três Centros de apoio insubstituíveis para compreender com mais eficácia o problema da criança, a posição dos pais e a posição dos professores num contexto social e educativo, são eles: Centro de Formação; Centro de Atendimento e Centro de Documentação.

O Centro de Formação tem como objetivo dar resposta às necessidades dos professores e dos pais. Seguidamente, o Centro de Atendimento que tem como intuito conduzir e acompanhar as crianças ou jovens e concludentemente a família e as escolas. Por último, o Centro de Documentação direciona-se à divulgação da associação.

Cada caso é tratado como um caso individual no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem e no programa de aperfeiçoamento social e pessoal do jovem ou criança sobredotada, nas ligações interpessoais entre a família e amigos.

É de referir que a APCS tem dado um grande contributo para a expansão e sensibilização da problemática acerca dos sobredotados, nomeadamente, apoios de carácter informativo, particularmente, através da comunicação social.

Para impulsionar o desenvolvimento das capacidades das crianças sobredotadas, a associação tem criado estratégias para motivar as crianças, nomeadamente com o “Projeto Sábados Diferentes”. O projeto realiza-se em locais diversos, ao sábado e são especificamente, direcionados para as crianças em parceria com os pais e professores. Os objetivos a considerar neste projeto são: desenvolver a interação social e a motricidade fina e dar resposta aos seus saberes para que estes jovens ou crianças possam atingirem o equilíbrio do seu próprio crescimento.

Intrínseco a este projeto aparecem outras atividades: “Clube júnior”, “Viver o corpo”, entre outros.

Em março de 1989 surgiu uma outra instituição, denominada de: Centro Português para a Criatividade, Inovação e Liderança (CPCIL). Esta associação direciona-se à investigação e intervenção junto das crianças sobredotadas, para que estas consigam atingir a igualdade de oportunidades na nossa sociedade.

Esta associação segue, em parte, alguns dos princípios levados a cabo pela APCS, visto que procura encaminhar as famílias realizando entrevistas e uma formação específica para os professores através de ações de formação e Workshops.

A CPCIL conduz as crianças no seu estabelecimento escolar, especialmente os casos mais problemáticos, como por exemplo, com as crianças que se encontram mais desmotivadas e até com problemas de indisciplina. Fazem-no porque pretendem pôr fim à discriminação e superstição inexplicável sobre alunos sobredotados.

Por último, em dezembro de 1998 inaugurou-se a Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação (ANEIS), uma associação direcionadas para a sobredotação e que neste momento tem várias parcerias, nomeadamente com o Instituto do Desenvolvimento de Paredes.

Tal como as duas associações já referidas, a ANEIS pretende sobretudo realizar um trabalho específico e direcionado aos técnicos de educação, familiares dos alunos, filhos sobredotados e sensibilizar a sociedade em geral para a controvérsia da sobredotação.

Um dos projetos da ANEIS que teve grande impacto na sociedade foi realizado num campo de férias, tendo como nome: “Estímulo ao talento e à cooperação...”. Este programa tinha como propósitos incitar a autoestima, a realização interpessoal, incentivar as crianças e jovens sobredotados para o conhecimento das ciências, expressões artísticas, história, etc. visando a estimulação nas áreas de menos interesse para cada caso.

A associação tem como atividades principais a consultadoria às escolas, apoio às famílias, consulta psicológica de crianças, adolescentes e jovens, programa de enriquecimento, ações de formação, estudos na área da sobredotação e apoio bibliográfico e edição de materiais.

Estas associações são, efetivamente uma mais-valia para a educação em Portugal e para combater as vicissitudes pelas quais as crianças sobredotadas passam. Pois o que se verifica é que os currículos postos em prática nas instituições escolares estão direcionados para um grupo padrão e não para este público-alvo. Assim sendo, e deste ponto de vista, verifica-se que para as entidades superiores, talvez, o investimento em novos recursos seja entendido como um desperdício humano e material. Por este facto, um país que não adota legalmente a existência de sobredotados e as suas necessidades educativas especiais é um país que se desconhece a si próprio. Isto é, considera-se indiretamente mediano e desinteressado pela evolução de todos. Isso vai contra a política de uma escola para todos tendo em conta as características particulares de cada um, e vai desta forma deixando cair o véu que esconde uma escola hipoteticamente integradora e inclusiva.

São algumas as associações que começam a emergir para prestar apoio a crianças, pais, professores que lidam com crianças sobredotadas, estas apresentam “soluções” /auxílio para algumas das inúmeras questões que surgem em catadupa a todos os agentes educativos que lidam com crianças sobredotadas.

Todavia, urge a proliferação de novas associações que auxiliem e apoiem estas crianças dotadas de capacidades superiores, os seus pais e aos seus educadores.

Expõem-se de seguida alguns *sites* de reconhecidas associações de sobredotação que poderão ser úteis:

<http://www.apcs.co.pt/>

<http://www.aneis.org/>

<http://sobredotados.com.sapo.pt/>

<http://www.institutodainteligencia.net/>

1.3 Papel da Escola

“Cada escola deve ser uma comunidade, conjuntamente responsável pelo sucesso de cada aluno. É a equipa pedagógica, mais do que o professor individual, que se deve encarregar da educação das crianças com necessidades educativas especiais”

Declaração de Salamanca, Art.º 37º, 1994

O sistema de ensino atual está organizado em classes sucessivas não respeitando a progressão acelerada do aluno sobredotado, impossibilitando desta forma a individualidade de cada aluno, em especial dos sobredotados. Em inúmeros casos, o sobredotado pode não ser identificado e quando o é, a escola e a comunidade escolar usualmente não se encontram preparados para lidar com o seu ritmo de aprendizagem e as suas peculiaridades.

A identificação destas crianças, no meio escolar, é fundamental na medida em que torna possível a criação de condições para a expressão e desenvolvimento das suas qualidades excecionais e permite resolver situações problemáticas que frequentemente surgem.

A escola deve articular todos os seus potenciais de forma a proporcionar uma educação que permita desenvolver as habilidades próprias de cada criança, como um

currículo adaptado às características dos alunos, mais enriquecido, contemplando atividades criadas no sentido de ampliar e desenvolver interesses, curiosidade, conhecimento, etc.

Tanto a escola, como os profissionais de educação que trabalham nesse espaço devem elaborar programas educacionais diferenciados e individualizados para estas crianças, para acelerarem o nível escolar e impedirem a repetição, a monotonia e a inquietação nestes alunos. Isto implica, sobretudo, a constante formação e renovação de conhecimentos por parte do professor.

Caso, na escola, a criança sobredotada não encontre um ambiente que proporcione o rendimento das suas potencialidades, um clima harmonioso com os colegas e professores, estimulação para a aprendizagem, o aluno sobredotado poderá apresentar comportamentos inaceitáveis, como: baixos resultados e falta de sucesso para se integrar no seio dos colegas, falta de hábitos de trabalho e de persistência, atitude negativa em relação à escola, ao professor e aos colegas, culpabilizar posteriormente o professor, ser perturbador e malcriado, ser desatendo e irreverente, etc.

Na escola existem os objetivos dos Programas Específicos para Sobredotação que são os seguintes: alargar as perspetivas culturais; utilizar uma grande variedade de estratégias; aprender a trabalhar em grupo; estimular as potencialidades individuais; desenvolver a autoconfiança; prever situações; aprender a projetar-se no futuro; desenvolver o juízo crítico; fomentar a aprendizagem de resolução de problemas e de tomada de decisões; estimular a criatividade.

Contudo, os profissionais da educação, bem como a comunidade científica, sabem que estas crianças também exprimem dificuldades variadas ao longo da escolaridade, muitas vezes sendo identificadas como alunos incertos, quer ao nível do seu comportamento na sala de aula, quer ao nível do relacionamento com o professor e com os colegas.

1.4 Papel do professor

“Educadores, de uma forma geral, mantêm uma relação do tipo amor-ódio com os seus alunos mais dotados e mais capazes, isto é, admiram-nos, mas também os temem, desejam ajudá-los a crescer e a desenvolver-se, mas ao mesmo tempo querem mantê-los dentro dos limites do manejável e sob alguma forma de controlo. É necessário que isto

seja discutido com eles, para que tragam esses sentimentos à superfície da consciência e possam assim assimilá-los, ou trabalhar sobre eles, no decorrer das suas interações...”

(cf. Guenther, 2000)

Julgo ser esta uma das melhores expressões que encontrei ao longo do meu trabalho, para definir o sentimento existente na relação dos docentes para com os alunos sobredotados. É desejo assente o de qualquer professor ter um aluno sobredotado na sua experiência profissional, porque eles são um ícone de inteligência, e a ideia construída sobre essas crianças faz com que o desejo de as ter na sala seja acrescido. Porém, é muito delicado ter um aluno sobredotado na sala de aula, isto porque as exigências que colocam são acrescidas, o trabalho será redobrado, assim como o nível de exigência será bastante superior ao restante grupo. Sentimentos de ambivalência que são despertados e testemunhados por professores que tiveram, ou têm a presença de alunos sobredotados, na sua sala de aula.

Os sobredotados são curiosos instáveis, insaciáveis e repletos de questões, tornando-se, por vezes incómodos e agressivo, exigindo muito do papel do professor, que nem sempre está física e psicologicamente preparado para lidar com eles, levando-o a pensar que se trata de atitudes de provocação que o conduzem ao sentimento de inferiorização perante o grupo. Colocam questões “difíceis”, com frequência, para as quais o professor não tem a resposta de imediato e deste modo abala o título de “professor o detentor do saber”.

O professor como modelo para as crianças deverá aproximar-se do aluno, ouvir, responder sem preconceitos, evitar a humilhação, a troça e o julgamento, respeitar a individualidade da criança sobredotada evitando conflitos e possíveis erros, deve promover a curiosidade, o clima de confiança, e a distinção positiva. Deve evitar tarefas rotineiras, pouco desafiantes, utilizar metodologias pouco diversificadas; deve estar atento às evoluções e retrocessos dos alunos e às causas de tal.

Ele tem como função prestar redobrada atenção e partilhar as suas observações com os pais, recorrendo se necessário a técnicos especializados da(s) área(s) a que a criança mostra mais e menos aptidão/capacidades.

Cabe ao professor respeitar tanto a idade mental como a idade cronológica da criança sobredotada, assim como o seu ritmo de aprendizagem permitindo a criatividade e aceitando a fantasia.

Devido ao facto de terem grande avidez no processo de aprendizagem, na assimilação de conteúdos sentem necessidade compulsiva de novos conteúdos em tempo real, não compreendem que é necessário esperar para cumprir uma aula que está programada para um grupo. Além disso tendem a resolver os problemas com base nos seus raciocínios e não nos que lhe são “impostos” pelo sistema, e pelas normas.

A nível psicológico e social apresentam características muito específicas que diferem dos restantes membros do grupo.

É um facto que estes alunos necessitam de um tratamento educacional diferenciado, para seu próprio bem, para o decorrer da normalidade das atividades em contexto de sala de aula, assim como para a autoconfiança do próprio professor perante um aluno destes.

É fundamental que os professores tenham formação nesta área –Educação Especial, para que estejam preparados para lidar com estas crianças nas diferentes etapas do seu processo de desenvolvimento, desde a identificação, avaliação e intervenção nos mais variados domínios, quer sejam eles de avidez ou de carência.

Como para com todas as restantes crianças, o papel do professor é essencialmente o de facilitador e orientador do processo de aprendizagem dos seus alunos. O seu papel não difere muito no que respeita ao trabalho do docente com crianças sobredotadas. É primordial o reconhecimento da criança sobredotada, para a partir daí traçar um plano de estudo que vá de encontro às suas reais necessidades, e não ao encontro do currículo estipulado para uma turma típica.

Serra (2004) define um conjunto de sugestões a apresentar aos docentes que trabalham com estas crianças, das quais importa salientar:

- ✓ Respeitar o ritmo de aprendizagem;
- ✓ Facultar informações sobre os assuntos que são as suas áreas de interesse, apelando sempre a um pensamento divergente e ao aprofundamento da pesquisa nesse e noutros temas;
- ✓ Estimular o espírito observador;
- ✓ Permitir liberdade na tomada de decisões;
- ✓ Proporcionar materiais individualizados relacionados com pesquisas a efetuar;

- ✓ Encorajar e permitir o trabalho independente, respeitando a sua individualidade alistando o debate de assuntos do seu interesse;
- ✓ Dar oportunidade para alcançar os seus objetivos e mobilizar-se em torno dos seus interesses;
- ✓ Evitar situações que causem desmotivação e desinteresse;
- ✓ Não rotular, ou exibir a criança como um troféu de sala de aula;
- ✓ Elogiar e reconhecer o seu trabalho;
- ✓ Sustentar o espírito auto crítico para que procure elevar e aperfeiçoar as suas capacidades;
- ✓ Ensinar a lidar com os momentos de insucesso (motivo de grandes momentos de frustração nestas crianças);
- ✓ Criar situações problemáticas com nível de exigência cada vez mais rigorosos;
- ✓ Oferecer novas ideias sobre vários temas;
- ✓ Enriquecer a sua experiência de vida;
- ✓ Criar situações que lhe permitam fantasiar, imaginar e criar;
- ✓ Promover e enriquecer a relação com os seus companheiros;
- ✓ Etc.

Todas as crianças veem a escola como o local de aprendizagem, de crescimento, de evolução significativa, é tanto que se observarmos todas as crianças ambicionam entrar para a escola, o papel muda após a entrada na mesma; é necessário repensar esse facto.

O mesmo acontece com os alunos sobredotados, por vezes a escola, o local onde mora o conhecimento, a sapiência que tanto ambicionam, apresenta-se como o espaço onde são privados de evoluir e de mostrar o seu potencial. Alguns alunos limitam-se a ocupar os lugares físicos na sala de aula assentando o pensamento nas atividades e nos conceitos que realmente lhe proporcionam interesse. Outros ainda, não conseguindo controlar o seu impulso, encaminham-se para a destabilização da harmonia na sala exigida pelo professor, e deste modo passam a ser vistos como os desestabilizadores do equilíbrio e do bem-estar na sala de aula. Sem conhecimentos e sem compreender os alunos sobredotados o professor pode impedir o aluno de intervir corretamente.

Urge então a criação de um currículo diferenciado fundamentado na preparação de incentivos que permitam a aceleração, a complexidade e o aprofundamento dos seus conhecimentos, indo ao encontro das suas necessidades educativas especiais:

- Aceleração com vista ao avanço no processo de aprendizagem.
- Complexidade assente na ampliação e enriquecimento dos conteúdos curriculares introduzindo sempre um nível superior de dificuldade.
- Aprofundamento na descoberta de detalhes, na aquisição de novas informações, assim como a reconhecimento de novas perspetivas do aprendido anteriormente.

Sintetizando, como defende Helena Serra (2015) *“Como educadores, importa ter consciência de que a maneira como estruturamos o ambiente para as crianças, modifica a sua estrutura biológica e neurológica. Quando o cérebro se torna mais acelerado e não integrativo nas suas funções, o individuo expressa características que identificamos como inteligência elevada... essas mudanças vão continuar a ocorrer enquanto houver estimulação apropriada, pelo que o aluno deve sentir desafios, dirigidos ao seu nível de desenvolvimento...”*

Mas estarão os professores preparados para tal? A sua formação académica proporciona-lhe as bases essenciais para trabalhar com estas crianças na sala de aula? Os docentes que ocupam os lugares nas escolas portuguesas sabem identificar e lidar com este grupo tão especial de crianças com capacidades acima da média?

É o que irei responder, na segunda parte deste trabalho, com a apresentação dos resultados de um estudo empírico.

Capítulo 5

Formação de professores

1 A formação de docentes

“Pelo menos, os educadores, os professores e os assistentes/auxiliares de ação educativa necessitam de formação específica que lhes permita perceber minimamente problemáticas que os seus alunos apresentam...”

(cf. Correia, 2008)

Perante o assumir do compromisso de uma escola inclusiva – uma escola para todos – onde se encontram alunos com as mais diversas características, carências e talentos, é imprescindível que se aposte, como defende Correia (2008), de forma *“praticamente obrigatória”* na formação de professores na área da Educação Especial.

É função das entidades que promovem os cursos de ensino superior, dos quais saem formados os professores que trabalharão com crianças com as mais variadas características incluírem nos currículos das suas ofertas formativas temáticas respeitantes à educação especial, de modo a que sejam estudados conteúdos que são imprescindíveis para sensibilizar os professores, e para que estes saibam responder às exigências que lhes colocam crianças com necessidades educativas especiais.

1.1 Formação de docentes em Portugal – 1º Ciclo de estudos

“A formação é importante! Seja do professor titular no 1.º ciclo ou do diretor de turma a partir do 2.º ciclo.

(cf. Fernandes, 2015)

Vários países têm demonstrado uma preocupação acrescida em que os novos professores do ensino regular possuam um agregado de conhecimentos e formação na área da educação especial, que lhes permita trabalhar com alunos com NEE. Vários estados dos EUA impõem que *“todos os professores sejam versados em todas as facetas da educação incluindo a educação especial”*(Independent, 28 de junho de 2006.)

O The Guardian de 2 de julho de 2006 notifica que *“ a preparação em Necessidades Educativas Especiais deve ser uma parte integrante da formação de*

professores) ”¹⁰. Todavia, Portugal rema de forma muito tímida nesse sentido e em algumas situações, incompreensivelmente, rema no sentido contrário destes depoimentos.

Estar consciente de que é indispensável preparar, convenientemente, os futuros profissionais da educação que exercerão funções num contexto inclusivo é:

Assumir a importância de reconsiderar a formação inicial de professores; de incluir nos planos de estudo de formação inicial disciplinas que acolham a Educação Especial com a importância que ela merece;

Assumir o papel de impulsionadores ativos na formação e preparação de futuros profissionais conscientes da realidade e dificuldade que constitui trabalhar com crianças NEE, nos mais variados domínios.

Porém, a realidade da escolaridade portuguesa, como referi, é diferente e a Educação Especial é uma “cadeira” que ainda não encontrou o seu verdadeiro e vincado lugar nas salas de aula de alguns estabelecimentos de ensino superior e escolas superiores de educação.

Com a entrada em vigor do Processo de Bolonha, Portugal teve uma oportunidade única de melhorar significativamente os cursos que dão acesso à docência, no que se refere à introdução da Educação Especial na formação inicial de educadores, mas essa oportunidade foi desperdiçada e em vez de se avançar um passo em prol da Educação Especial, recuou-se dois em prol do abandono da escola inclusiva. O Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro, que define as condições mínimas exigidas para a obtenção da habilitação de profissional para a docência, não faz qualquer referência à Educação Especial. Como se não fosse suficiente, o artigo 15º do Decreto-lei nº344/89 de 11 de outubro foi revogado

Nesse artigo defendia-se que “*Os cursos regulares de formação de educadores de infância e de professores dos ensinos básico e secundário devem incluir preparação inicial no campo da educação especial*”. Deixou, deste modo, de ser necessário incluir no plano de estudos dos profissionais de educação, alguma área de estudo que aborde a educação especial. No entanto, reina o bom senso de alguns estabelecimentos de ensino superior, que apresentam aos futuros profissionais da educação a oportunidade de tomar contacto e conhecimento com a educação especial, e os preparam para a realidade sobre as crianças especiais que futuramente lhes passarão pelas salas de aulas.

¹⁰ Bibliografia consultada indiretamente

2 Educação especial

“ ... serviços de apoio especializado, do foro académico, terapêutico, psicológico, social e clínico, destinados a responder às necessidades especiais dos alunos com base nas suas características com o fim de maximizar o seu potencial.”

(cf. Correia, 2000)

A Educação Especial foi instituída na década de 80, pela ONU com um programa mundial dedicado às pessoas com deficiências, aquando a tomada de consciência da existência de um número avultado de pessoas com *handicaps* em virtude de apresentarem uma deficiência mental, motora, ou sensorial.

Todos os países civilizados comprometeram-se a desenvolver esse mesmo programa que veio afirmar que, no campo da educação essas pessoas com características especiais têm o mesmo direito à educação perante o princípio da igualdade de oportunidades. Por isso, requerem adaptações no processo de aprendizagem que deverão ser providenciadas pelos serviços especializados.

Assim, a Educação Especial é uma área de estudo científico dirigida também às crianças com qualquer tipo de NEE, sejam elas deficientes, ou não, na qual integram um grupo de peritos especializados desde professores de Ensino Especial, educadores, terapeutas, técnicos de braille etc. Como refere no Decreto-Lei n.º 3/2008 *“tem por objetivos a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, bem como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida pós -escolar ou profissional.”*

Apresenta-se como a área pedagógica dedicada ao atendimento de pessoas com NEE, facilitando-lhes ou mesmo permitindo-lhes o acesso à educação com adaptações especiais direcionadas para as características de cada caso. Isto é, perante *“Situações onde são evidentes dificuldades na aprendizagem, ou seja, em aceder ao curriculum oferecido pela escola, exigindo um atendimento especializado, de acordo com as características específicas de cada aluno”* Madureira (2004) há um conjunto de medidas que irão permitir que o aluno ultrapasse obstáculos causados pelas suas limitações motoras ou cognitivas, melhorando o seu desempenho a todos os níveis, favorecendo deste modo a integração e a inclusão no ambiente escolar.

2.1 Formação de docentes de Educação Especial em Portugal

“...extrema importância que se repense a formação especializada, uma vez que ela, pelo menos, no caso dos alunos com NEE, é um dos pilares fundamentais para o seu sucesso escolar”

(cf. Correia, 2008)

Perante o cenário dramático/desastroso pelo que passa a formação inicial de profissionais da educação, no que concerne à EE, em Portugal, olha-se para a pós-formação especializada, como salvação que poderá auxiliar professores e crianças NEE a alcançar o sucesso de que são merecedoras.

Em Portugal ainda não existe formação inicial em Educação Especial. É necessária, primeiramente, a obtenção duma licenciatura em Educação Básica para, posteriormente, se adquirir uma pós graduação/especialização/mestrado que permita obter competências e conhecimentos acreditados para trabalhar com crianças com NEE.

A especialização de um docente em EE tem como requisitos obrigatórios que o docente seja licenciado, profissionalizado e tenha cinco anos de serviço na área da educação. As ofertas de formação são facultadas por estabelecimentos de ensino superior e escolas superiores de educação privados e públicos.

Para colmatar essa falha de formação, os docentes vão procurando formação de forma célere, através da frequência de ações de formação que vão sendo proporcionadas pelas mais variadas entidades, desde sindicatos, centros de Formação de Professores, secretaria da educação, etc. Contudo esta formação é redutora face às responsabilidades que assumem os docentes. Assim defende-se que é necessário, diria mesmo imprescindível que o primeiro ciclo de estudos dedique algum tempo à Educação Especial, para que os alunos/professores saiam dos cursos com informação útil que poderá ser, posteriormente, acrescentadas com formações, enquanto esperam perfazer os cinco anos de carreira.

Em Portugal os professores especializados integram nas escolas e aí têm a seu cargo todas as providências necessárias em relação a qualquer criança que apresente qualquer tipo de handicap, isto porque pertinentemente *“...tais serviços devem efetuar-se, sempre que possível, na classe regular”* Correia (2008). Isto é, nas salas de aula

regulares o professor especializado assume o trabalho direto com o aluno; ele presta o apoio e a orientação necessários ao professor regular, aos pais e à escola no seu todo, permitindo a todos os intervenientes educativos o apoio especializado construindo deste modo uma escola inclusiva com diferenciação pedagógica adaptada.

Parte II

Fundamentação Empírica

Capítulo 1

Processo de investigação

1 Definição do Problema

“Este é o tipo de criança que um professor sonha pelo menos uma vez na vida ter como aluno. Mas agora que o temos não sabemos o que fazer com ele”

(cf. Gallagher & Weiss, 1979)

A sobredotação encerra no seu interior um conjunto de indivíduos que carecem de ajuda para vincar e afirmar a sua presença de forma significativa e para desabrochar numa sociedade que teima em se esquecer deles, nomeadamente nos bancos das salas de aula por onde passam.

Assim sendo, é necessário que um outro grupo de indivíduos profissionalizados não lhes seja alheio, que tenha consciência e admita a sua existência, as suas reais características, as suas efetivas capacidades, mas também as suas lacunas para que o auxílio que lhes prestam seja, de facto, o mais correto, pertinente e adequado para que não sejamos nós o entrave ao desenvolvimento destas crianças, como defende Almeida.

Sendo o meio escolar o espaço onde o aluno passa pelas mutações mais incríveis, é necessário que todos os intervenientes educativos, nomeadamente os seus professores, estejam preparados para receber, acolher, identificar e ensinar os alunos sobredotados. Mas será esta a realidade? Que impacto tem a presença dos alunos sobredotados para os professores? Como lidam com esses alunos tão especiais? Têm formação adequada para corresponder às suas necessidades educativas especiais?

É com base neste agregado de questões que surge a intencionalidade e a necessidade de elaboração deste projeto de investigação.

Procura-se saber até que ponto os professores que se encontram atualmente a lecionar nas nossas escolas possuem formação que lhes atribua conhecimento e sensibilidade que lhes permitam intervir no terreno com os alunos sobredotados.

A partir do momento em que se encontrou a situação considerada problemática, pertinente, atual e extremamente útil para dissertar partiu-se para a investigação com o intento de a compreender, explicar, lançar futuras questões e ainda algumas soluções de intervenção, sempre com base em depoimentos de autores conhecidos do nosso panorama escolar atual e na literatura científica concernente ao tema - sobredotação.

1.1 Pergunta de partida

“Com esta pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível aquilo que procura saber, elucidar, compreende melhor. A pergunta de partida servirá de primeiro fio condutor de investigação”

(cf. Quivy, 2003)

Estruturar uma pergunta de partida, de modo a conseguir orientar a investigação para adquirir um melhor conhecimento do fenómeno; sempre ciente de que, da sua formulação dependeria o bom ou mau resultado deste trabalho, foi um dos objetivos fulcrais. Segundo Quivy (2003), é finalidade da pergunta de partida *“a rutura com os preconceitos e as falsas evidências”*, deste ponto de vista e à luz da problemática escolhida, surgiu a seguinte pergunta de partida:

✓ Os professores que se encontram a lecionar, atualmente, nas escolas portuguesas têm formação que lhes permita trabalhar com alunos sobredotados?

Pretende-se, com esta a questão, alcançar, informações mais específicas e relevantes para o estudo. Compreender o tipo de formação, o conhecimento e a sensibilidade que os docentes possuem sobre a temática sobredotação. Que tipo de informação têm que lhes permita intervir com os alunos sobredotados. Pretende-se saber que formação académica inicial possuem e se adquiriram posteriormente outras formações complementares onde obtiveram informação referente ao tema sobredotação.

Por isso mesmo, esta questão englobava no seu interior um conjunto de outras questões mais particulares, nomeadamente:

- ✓ Apresentam conhecimentos na área da intervenção perante estas crianças?
- ✓ Quando frequentaram o curso superior tiveram formação em sobredotação?
- ✓ Precisaram de complementar a sua formação de base e optaram pelo estudo do tema sobredotação?
- ✓ Conseguem reconhecer as características dos alunos sobredotados?

Considera-se que esta é uma pergunta de partida específica, mas simultaneamente ampla ao ponto de permitir adquirir um conjunto de informações que possibilita conduzir esta investigação de forma autêntica.

Além disso, é uma questão que corresponde às características referentes ao trabalho de investigação, referidas por Quivy (2003), no sentido em que:

- ☑ Tem caráter realista e como tal é exequível;
- ☑ É atual, pertinente, clara e precisa;
- ☑ É passível de ser operacionalizada e observável e mensurável;
- ☑ É um assunto que merece preocupação.

1.2 Identificação dos objetivos de investigação

Considerando esta crise de paradigma, social e económica que o país atravessa, nomeadamente na área da Educação, pretendia-se aferir se os docentes que estão, atualmente, a exercer funções nas escolas portuguesas estão, ou não preparados para trabalhar com as crianças com capacidades acima da média, em contextos de ensino/aprendizagem regulares. Quer-se saber se esses professores têm a formação e o conhecimento necessário que lhes permita identificar e intervir, no terreno, com alunos sobredotados. E pretende-se ainda saber, se essa formação foi adquirida num primeiro nível de estudos, ou se a adquiriram posteriormente, na realização de formações complementares.

1.3 Formulação de Hipóteses

“...levando a cabo a investigação e testando as hipóteses, no fundo o que se testa é a teoria que está por detrás dela e a sustenta.”

(cf. Coutinho, Clara, 2014)

Ao projetar a hipótese não se atua, simplesmente, no imaginar da relação entre termos, mas sim na explicitação da lógica da(s) relações que existem e unem as noções evocadas Quivy (1992). Intuitivamente perspetiva-se a possibilidade de ir ao encontro

de novas conclusões e obtenção de resultados com interesse, apresentando distância ou proximidade do prognóstico inicial. Deste modo, no que concerne à formulação das hipóteses é importante salientar que estas tinham como objetivo fragmentar a pergunta de partida enunciando uma estrutura orientadora. Deste feito pretendia-se validar as seguintes hipóteses direcionais:

H1 - Os professores que estão atualmente a trabalhar nas escolas portuguesas não têm formação em sobredotação.

Variável independente: situação profissional dos professores;

Variável dependente: formação em sobredotação.

H2 - Os professores que terminaram a sua formação académica há mais de 10 anos sentem que precisam de formação no âmbito da sobredotação para a prática docente.

Variável independente: tempo de serviço;

Variável dependente: necessidade sentida em formação sobre sobredotação.

H3 - Há um grupo de professores desempregados e com formação e conhecimentos sobre a temática da sobredotação, que estão a ser subaproveitados.

Variável independente: situação profissional dos professores

Variável dependente: conhecimento dos professores sobre sobredotação.

H4 - Os professores que estão atualmente a trabalhar nas escolas portuguesas sentem dificuldades em identificar os alunos sobredotados.

Variável independente: situação profissional dos professores;

Variável dependente: capacidade de identificação dos alunos sobredotados.

H5 - Os professores que estão atualmente a trabalhar nas escolas portuguesas não conhecem as características dos alunos sobredotados.

Variável independente: situação profissional dos professores

Variável dependente: conhecimento dos professores sobre sobredotação.

1.4 Definição e operacionalização das variáveis

Tendo em consideração as hipóteses, nas quais se encontram as características e atributos que podem tomar diferentes valores no interior do grupo de inquiridos apresentaram-se como:

Variável independente (VI) - tempo de serviço dos docentes / a situação profissional dos mesmos.

Variável Dependente (VD) – formação em sobredotação / conhecimentos sobre sobredotação.

Para que a validação da hipótese fosse possível teria de se assistir a uma mudança de resultados da VD perante a averiguação da VI. Nesse sentido a impreterível **Operacionalização das variáveis** foi efetuada através da aplicação de um inquérito por questionário onde constavam questões que permitiram obter informação referente às variáveis: tempo de serviço dos docentes, os conhecimentos e a formação que apresentam sobre sobredotação.

1.5 Escolha dos instrumentos para recolha de dados

1.5.1 Inquérito por questionário

“Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma serie de perguntas relativas à sua situação social, profissional, ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou questões humanas sociais, às expectativas, ao nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores.”

(Quivy & Campenhoudt, 1998)

Atendendo aos objetivos propostos com a organização deste projeto de investigação, à situação problemática, à pergunta de partida e às hipóteses formuladas o inquérito por questionário afigurou-se como sendo a opção metodológica mais

adequada para a recolha de dados, no sentido em que se pretende obter uma análise de resultados com cariz quantitativo.

O inquérito de auto preenchimento foi enviado a uma amostra finita, representativa e não probabilística, por conveniência, composta por um grupo de educadores, docentes dos 1º, 2º, 3º ciclos do Ensino Básico, Secundário e estudantes de educação. Foi enviado através da internet por e-mail, pelas redes sociais e preenchido presencialmente.

Trata-se de um questionário por inquérito composto por um conjunto de vinte e sete itens de resposta dicotómica e multiopcional; dividido em três partes distintas e intencionais, encontrando-se a última parte subdividida:

- ✓ 1ª Parte - Caraterização dos inquiridos;
- ✓ 2ª Parte - Caraterização da formação dos docentes;
- ✓ 3ª Parte-Reconhecimento do tema sobredotação e alunos sobredotados;
- ✓ Necessidade sentida em formação no âmbito da sobredotação.

Na primeira parte do questionário procurou-se obter informação referente aos dados pessoais dos inquiridos, através do reconhecimento do género, idade, nível académico, tempo de serviço e situação profissional no momento.

A segunda parte foi direcionada para a busca de informação relativa à formação dos indagados. Pretendia-se reconhecer o tipo de grau académico, há quanto tempo concluíram essa formação e se durante esse primeiro ciclo de estudos tiveram alguma unidade curricular onde tivesse sido abordada a temática Educação Especial, com principal destaque para o tema sobredotação. Procurou-se também compreender se os inquiridos sentiram necessidade de fazer formação complementar na área da Educação Especial e se durante a frequência dessa formação foi estudado o tema sobredotação.

A terceira parte foi direcionada para a busca de informação sobre o conhecimento que os inquiridos demonstravam ter acerca do tema sobredotação. Procurou-se compreender se conheciam as características dos alunos sobredotados; se sentiam que os conseguiriam identificar nas suas salas de aula; assim como se sentiam que estavam preparados para trabalhar com estes alunos. O inquérito ficou finalizado com um conjunto de questões onde se pretendia aferir a necessidade e o interesse que os docentes tinham em participar em formação no âmbito da temática sobredotação.

O inquérito é de autoria própria, foi pré testado e garante a confidencialidade e anonimato dos inquiridos.

1.6 Seleção da amostra

“...um grupo de sujeitos ou objetos selecionados para representar a população inteira de onde provieram”

(cf. Charles, 1998:145)

A amostra é um dos elementos sem o qual não se pode obter um processo de investigação. Na amostra é selecionado um determinado número de sujeitos que representarão uma determinada população.

Sendo o cerne deste trabalho o conhecimento que os professores apresentam sobre as características que possibilitam o reconhecimento de alunos sobredotados tendo em conta a sua formação, são eles – profissionais da educação – a população alvo selecionada para ser a amostragem deste projeto.

Obteve-se a resposta de cento e três (103) indivíduos. Alguns dos inquéritos chegaram após ter concluído a análise de dados, o que fez com que este projeto tivesse sido alterado algumas vezes, todavia verificava-se que as percentagens iniciais contidas na análise de resultados dos dados não alteravam significativamente com a introdução dos novos dados. Os valores estatísticos obtidos aplicam-se apenas a essa amostra e não poderão ser extrapolados para a população.

Tendo em conta que o número de anos da conclusão da formação académica inicial, a situação profissional atual (empregado/desempregado) e o conhecimento sobre a sobredotação são variáveis basilares deste projeto, procurou-se dividir o estudo em grupos de amostragem:

- ✓ Professores que concluíram os seus estudos há mais de 10 anos; antes da introdução do Processo de Bolonha em Portugal;
- ✓ Professores que concluíram os cursos há menos de 10 anos;
- ✓ Professores a exercer funções de docência;
- ✓ Professores desempregados, ou a exercer funções noutras áreas;
- ✓ Estudantes universitários a concluir o 1º ciclo de estudos.

1.7 Procedimentos estatísticos

No tratamento da informação foi efetuada uma análise descritiva quantitativa, numa vertente correlacional com método não paramétrico, analisando escalas ordinais e nominais através da utilização software SPSS-22.0 (*Statistical Package for the Social Sciences for Windows*).

Para inferência estatística foi utilizado o teste do Qui-Quadrado (χ^2), teste que é empregado para testar se dois ou mais grupos independentes diferem relativamente a uma determinada característica, isto é, se a frequência com que os elementos da amostra se repartem pelas classes de uma variável qualitativa é ou não aleatória.

Foi também utilizada a Continuity Correction^b dado que se tratam de tabelas de 2x2 (Maroco, 2014). E ainda, como alternativa ao Qui Quadrado, foi aplicado o Teste Exato de Fisher.

Na abordagem aos dados recorreu-se à utilização de tabelas de frequência absoluta (N) e tabelas de frequência relativa (%).

Iniciados os testes para aferir acerca da formação e do conhecimento dos professores relativamente ao tema sobredotação, conforme os valores de *Pearson Chi-Square* e de *p value* obtidos, tal como se apresentaram verificou-se que o teste de Qui-Quadrado não permitiriam testar as hipóteses. Isto porque teria de se observar as seguintes condições: Não mais de 20% das células com frequência esperada igual ou superior a cinco observações; Todas as células com frequência esperada igual ou superior a um (Maroco, 2014), e tal não se verificou. Desse feito, como alternativa, procedeu-se ao cálculo do *p-value* exato através do Teste Exato de Fisher.

Convém ainda referir que foram criados diferentes níveis para as variáveis tempo de serviço e anos de conclusão do curso base, de modo a tornar o teste mais claro; passou-se então a trabalhar com os valores: 1= < ou =10anos e 2= >10 anos para ambas as variáveis.

Capítulo 2

Apresentação dos resultados

¹¹ Os dados encontram-se no Quadro 4, em Apêndice

Introdução

Nesta parte do projeto procede-se à apresentação estatística dos dados recolhidos e que foram previamente analisados através do programa SPSS.

Os elementos aqui apresentados correspondem às respostas obtidas através de um inquérito por questionário de perguntas fechadas, direcionado a um grupo de cento e três docentes, educadores de infância e estudantes de Educação Básica (E.B.)

Os resultados obtidos são apresentados em forma de gráficos circulares e gráficos de barras. A par da representação dos gráficos estão apresentadas tabelas com a respetiva análise estatística. E com estes elementos – gráficos e tabelas – é realizada ainda uma breve nota descritiva referente à informação que neles está contida.

1 Caraterização da amostra

A apresentação dos dados está organizada em três partes distintas. Primeira parte: dados pessoais dos inquiridos; segunda parte: formação dos professores e terceira parte: conhecimentos em sobredotação.

Género

Dos cento e três inquiridos neste projeto de investigação referente ao tema sobredotação, a larga maioria das respostas, 77,67% pertencem a elementos do sexo feminino, 22,33% das respostas pertencem a indivíduos do sexo masculino.

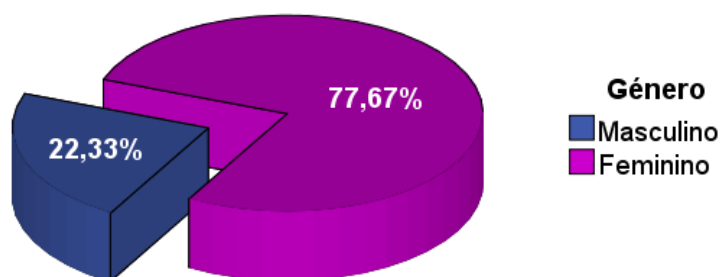


Gráfico 1Género

Tabela 1 Género

Amostra (n = 103)		
	N	%
Masculino	23	22,3%
Feminino	80	77,7%

Faixa etária

Relativamente à idade dos questionados verificou-se que predomina a faixa etária compreendida entre os 26 e os 36 anos com 47,57%. Segue-se a faixa dos indivíduos com > de 36 anos representando 40,78% das respostas. Por fim 11,65% das respostas respeitam a elementos com idade até 26 anos.

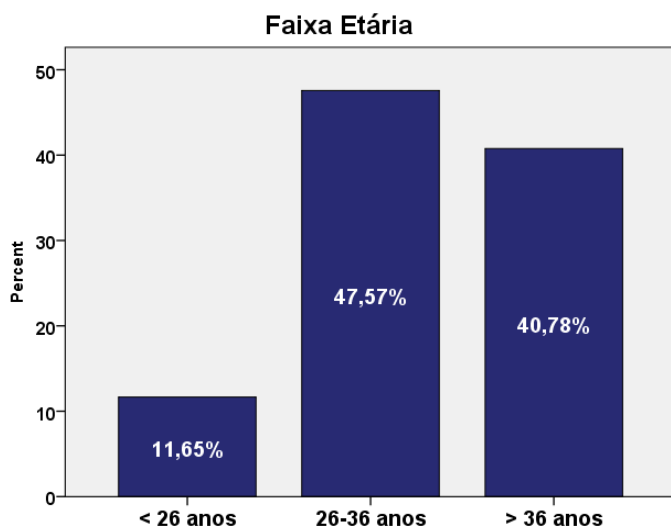


Gráfico 2 Idade

Tabela 2 Idade

Amostra (n = 103)		
	N	%
< 26 anos	12	11,7%
26-36 anos	49	47,6%
>36anos	42	40,8%

Nível académico

Quanto ao *Nível Académico base* deparou-se com uma miscelânea de resultado, sendo atribuída a maior talhada aos elementos licenciados com 59,22% das respostas e a menor aos detentores do grau doutoramento (n=2). Não se obteve representantes de grau bacharelato, nem Outro nível.

Dos restantes inquiridos observa-se uma regularidade entre os detentores de pós graduação com 11,65% e especialização com 10,68% das respostas.

Com o grau mestre há uma representação de 16,50% e com grau doutoramento 1,94%.

É relevante referir que se aceitou como detentores de mestrado também os inquiridos estudantes, isto porque o assinalaram no inquérito e de acordo com o processo de Bolonha em vigor estes alunos terminarão o seu percurso académico com o grau de mestres.

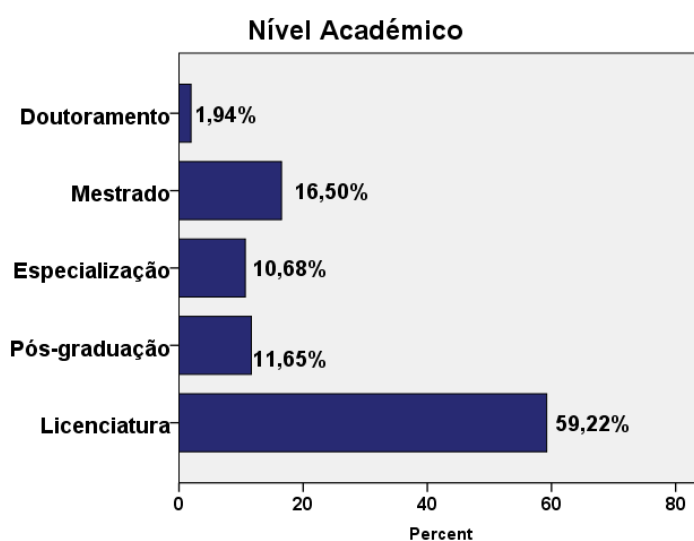


Gráfico 3 Nível académico

Tabela 3 Nível académico

Amostra (n = 103)		
	N	%
Doutoramento	2	1,94%
Mestrado	17	16,50%
Especialização	11	10,68%
Pós-graduação	12	11,65%
Licenciatura	61	59,22%

Há quanto tempo terminou a sua formação académica base?

Perante a questão “*Há quanto tempo terminou a formação académica base?*” das respostas obtidas verificou-se que a maior parte dos questionados, 42,72%, terminou a sua formação inicial há mais de 10 anos. Enquanto 11,65% dos inquiridos ainda não terminou, este número corresponde integralmente ao grupo dos estudantes.

Um grupo composto por 19,42% dos indivíduos terminou num período de tempo que se compreende entre 1 e 5 anos e um outro grupo, de 26,21%, corresponde aos que terminaram entre 6 e 10 anos.

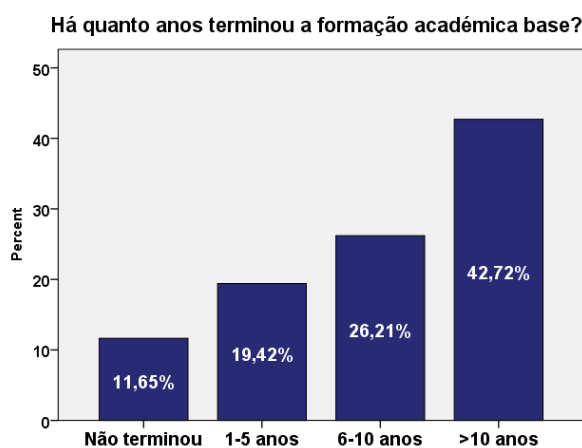


Gráfico 4 Terminou a formação académica de base

Tabela 4 Terminou a formação académica de base

	Amostra (n = 103)	
	N	%
Não terminou	12	11,7%
1 – 5 anos	20	19,4%
6 – 10 anos	27	26.2%
>10anos	44	42,7%

Qual a sua situação profissional, no momento?

Questionados sobre a *situação profissional no momento*, questão fulcral para a relação entre as variáveis; obteve-se a resposta 11,65% estudantes na área da educação, 12,65% de inquiridos empregados noutra área, 2,91% de indivíduos desempregados e uma larga maioria de 72,82% de respostas representam elementos empregados na área da educação.

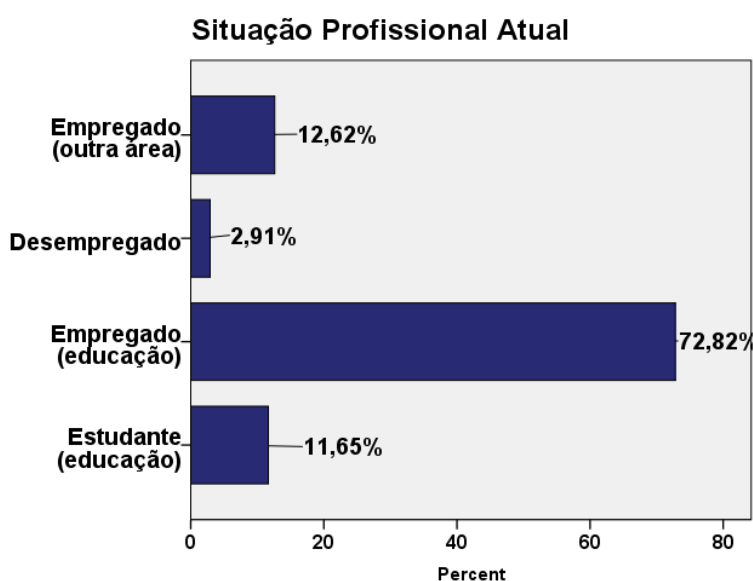


Gráfico 5 Situação profissional no momento

Tabela 5 Situação profissional no momento

Amostra (n = 103)		
	N	%
Empregado (outra área)	13	12,6%
Desempregado	3	2,9%
Empregado (área educação)	75	72,8%
Estudante (educação)	12	11,7%

Se indicou estar “Empregado na área da educação”, indique há quantos anos leciona.

Nesta questão, dirigida apenas aos inquiridos que na resposta anterior indicaram estar Empregados na área da educação, pretendia-se saber há quantos anos lecionavam.

Observou-se que 52% dos inquiridos lecionam há 10 ou menos anos, e 48% lecionam há mais de 10 anos. Não se obteve a resposta de (n=28) pois pertencem ao grupo dos estudantes, desempregados, ou empregados noutra área.

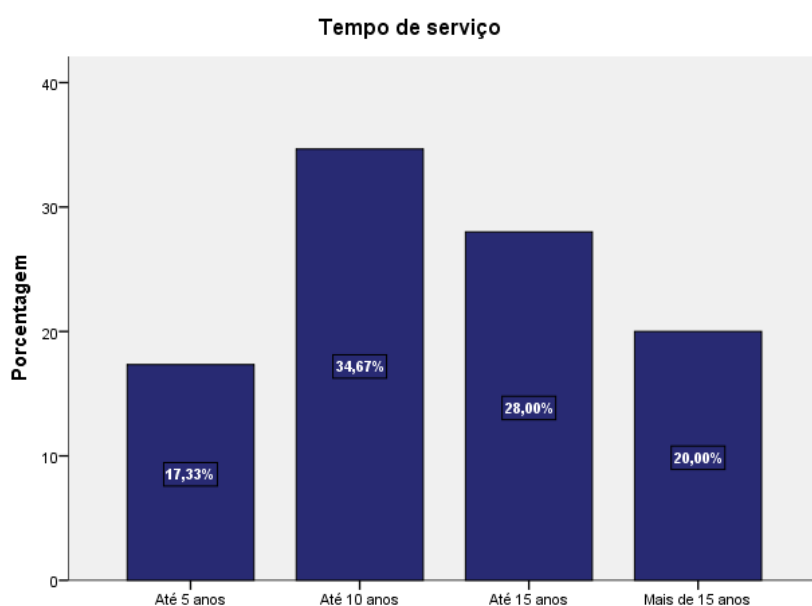


Gráfico 6 Tempo de serviço

Tabela 6 Tempo de serviço

	Amostra (n = 75)	
	N	%
Até 5 anos	13	17,3%
Até 10 anos	26	34,7%
Até 15 anos	21	28%
Mais de 15 anos	15	20%

Indique o(s) ciclo(s) que leciona.

Alusivamente ao ciclo que lecionavam os indagados, verificou-se que 2,67% dos inquiridos pertencem ao ensino secundário, 6,67% pertencem ao 2º ciclo e 12% ao pré-escolar. Trabalham no 1º ciclo, 78,67% dos consultados, sendo que 42,67% desses docentes trabalham nas atividades de enriquecimento curricular direcionadas ao 1º ciclo. Não se obteve resposta de docentes do 3º ciclo nem Outro.

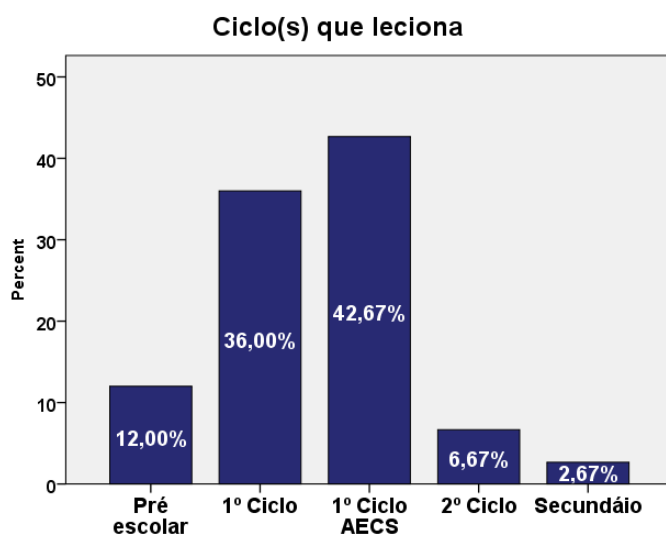


Gráfico 7 Ciclo que leciona

Tabela 7 Ciclo que leciona

	Amostra (n = 75)	
	N	%
Pré escolar	9	12%
1º ciclo	27	36%
1º Ciclo AECS	32	42,7%
2º Ciclo	5	6,7%
Secundário	2	2,7%

Se respondeu “Desempregado” ou “Empregado noutra área”, há quanto tempo esta nessa situação?

No que concerne aos inquiridos desempregados ou empregados noutra área (n=28) verificou-se que 10,71% está nessa situação há menos de um ano; 28,57% está há mais de um ano e menos de três anos e 60,7% está há mais de três anos.

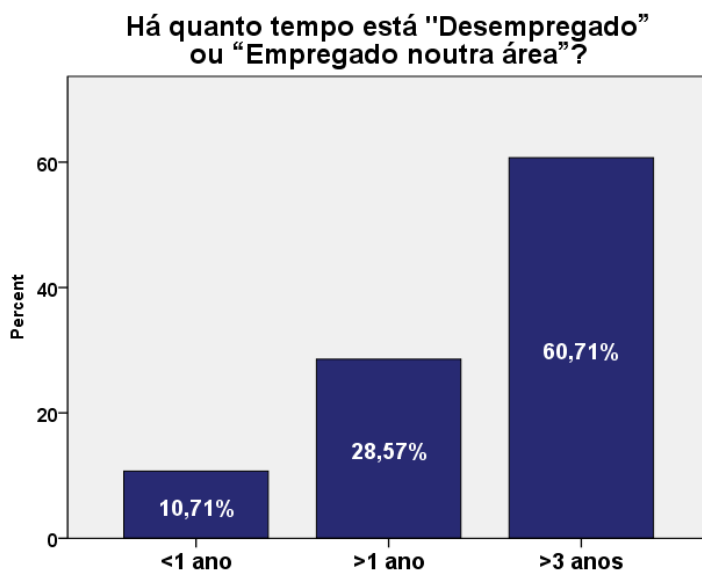


Gráfico 8 Tempo desempregado, ou noutra área

Tabela 8 Tempo desempregado, ou noutra área

	Amostra (n = 28)	
	N	%
< 1ano	3	10,7%
>1 ano	8	28,6%
>3anos	17	60,7%

Se respondeu “Desempregado” ou “Empregado noutra área” tem formação e conhecimentos na área da sobredotação?

No gráfico seguinte está representada a percentagem de participantes desempregados, ou empregados noutra área (n=28) onde se pode observar que a maioria dos participantes (89,29%) tem formação e conhecimento na área da sobredotação.

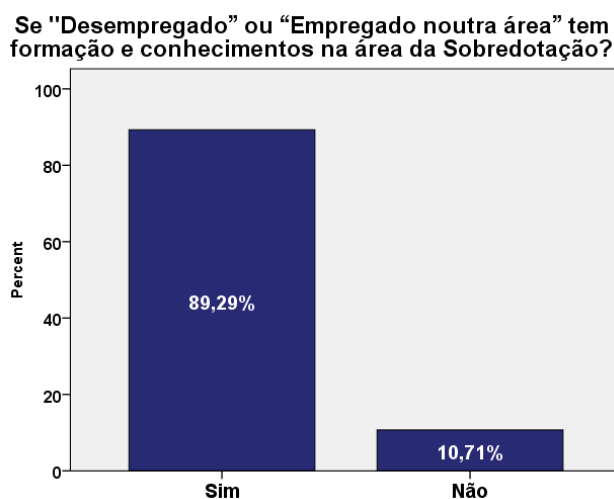


Gráfico 9 Desempregado com formação em educação especial

Tabela 9 Desempregado com formação em educação especial

Amostra (n = 28)		
	N	%
Sim	25	89,3%
Não	3	10,7%

Durante a sua formação académica inicial teve alguma unidade curricular na qual abordou o tema: Educação Especial?

Com intuito de obter informação que permitisse aferir sobre a formação dos inquiridos, foi colocada a questão *Durante a sua formação académica inicial teve alguma unidade curricular na qual abordou o tema: Educação Especial?*, pergunta à qual 58,25% dos profissionais respondeu não ter tido formação em Educação Especial no seu primeiro ciclo de estudos enquanto 41,75% deram resposta afirmativa.

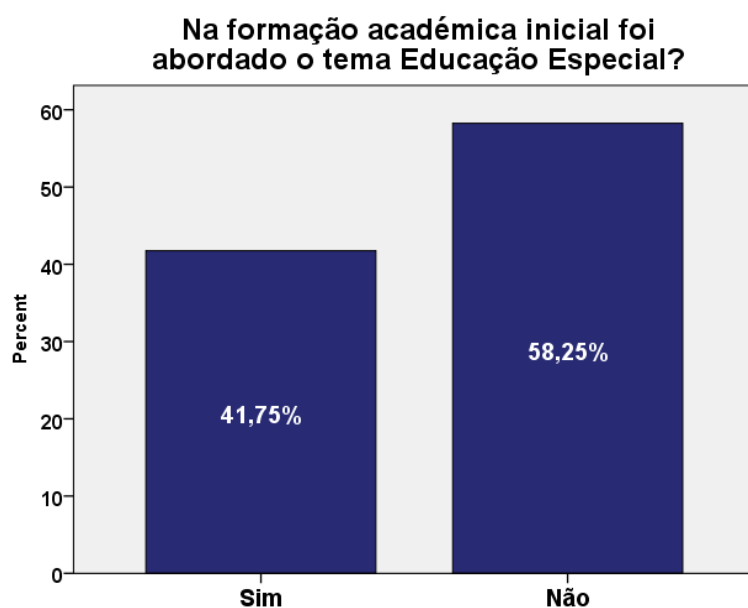


Gráfico 10 Educação especial na formação inicial

Tabela 10 Educação Especial na formação inicial

Amostra (n = 103)		
	N	%
Sim	43	41,8%
Não	60	58,3%

Se respondeu SIM, a sobredotação foi um dos temas trabalhado?

De acordo com as respostas afirmativas à questão anterior (n=43), verificou-se que 72,09% dos professores que tiveram educação especial abordaram o tema sobredotação, enquanto 27,91% não o trabalhou.

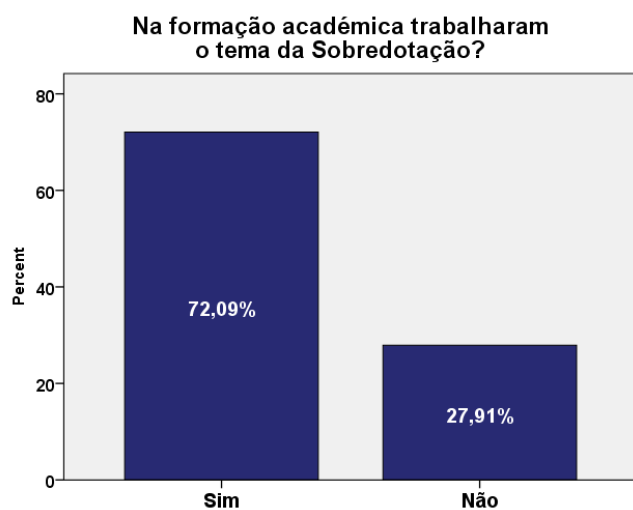


Gráfico 11 Abordagem ao tema sobredotação

Tabela 11 Abordagem ao tema sobredotação

	Amostra (n = 43)	
	N	%
Sim	31	72,1%
Não	12	27,9%

Fez alguma formação complementar em Educação Especial?

Para compreender as necessidades sentidas em aprofundar os conhecimentos em educação especial questionou-se se “*Fez alguma formação complementar em Educação Especial?*”. Perante as respostas verificou-se que um número significativo de questionados (n=72) não teve qualquer formação complementar em E.E., enquanto 30% dos inquiridos respondeu que Sim.

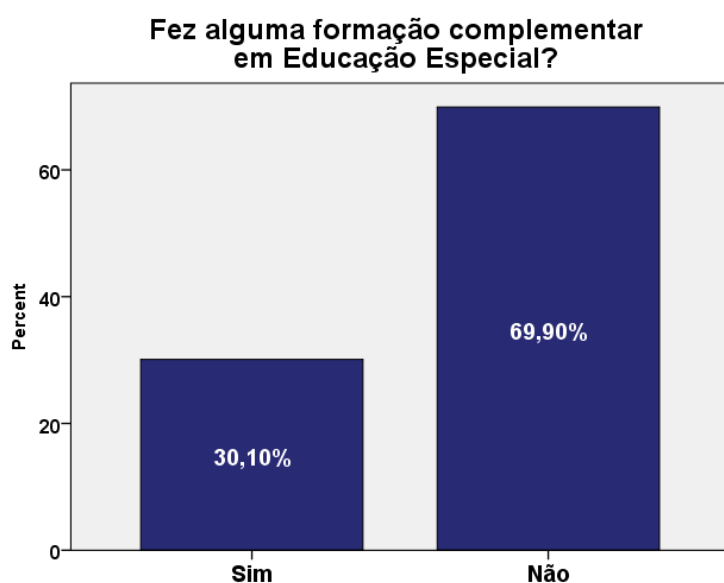


Gráfico 12 Formação complementar em educação especial

Tabela 12 Formação complementar em educação especial

	Amostra (n = 103)	
	N	%
Sim	31	30,1%
Não	72	69,9%

Se respondeu SIM na questão anterior, indique os tipos de formação que realizou.

Ainda com a mesma ordem de ideias procurou-se saber que tipos de formação realizaram. As respostas obtidas (n=31) mostraram que 9,7% realizaram mestrado nessa área, 16,13% dos questionados participaram em ações de formação; 35,48% indivíduos referiram que frequentaram pós graduação e 38,71% especialização.

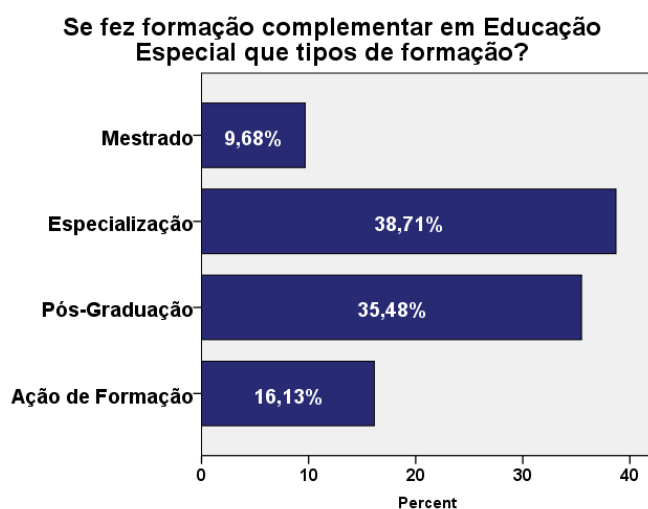


Gráfico 13 Tipo de formação complementar

Tabela 13 Tipo de formação complementar

Amostra (n = 31)		
	N	%
Ação de formação	5	16,1%
Pós-graduação	11	35,5%
Especialização	3	38,7%
Mestrado	31	9,7%

O tema sobredotação foi trabalhado nessa formação?

Perante as respostas obtidas anteriormente pretendia-se saber se a temática sobredotação foi trabalhada nessas formações complementares. Apurou-se que em 36,71% dos casos os docentes que realizaram alguma formação complementar em Ensino Especial abordaram o tema sobredotação, enquanto 61% não o tiveram.

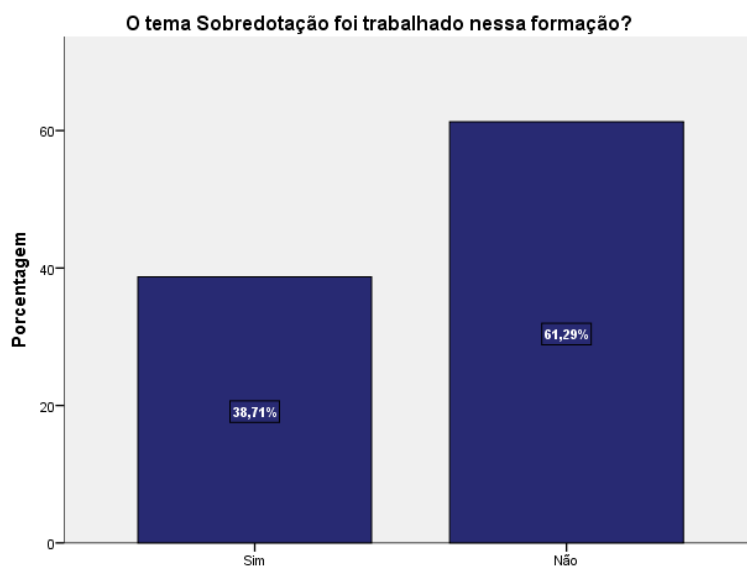


Gráfico 14 Tema sobredotação na formação complementar

Tabela 14 Tema sobredotação na formação complementar

	Amostra (n = 31)	
	N	%
Sim	12	38,7%
Não	19	61,3%

Sente-se preparada/o para trabalhar com alunos sobredotados?

Na terceira parte do inquérito pretendia-se averiguar e compreender a relação existente entre as respostas dadas nas questões anteriores e os reais conhecimentos que os professores têm acerca do sobredotação. Nesse sentido iniciou-se colocando a questão “*Sente-se preparada/o para trabalhar com alunos sobredotados?*” e verificou-se que com uma percentagem dominadora de 90,29% das respostas afirmam sentir-se preparados para trabalhar com este tipo de crianças.

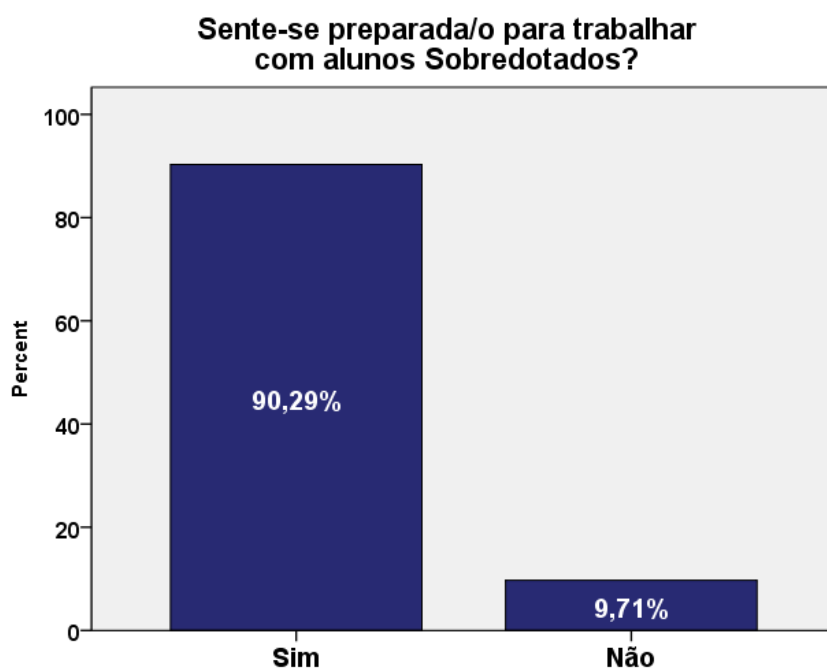


Gráfico 15 Sente-se preparado para trabalhar com sobredotados

Tabela 15 Sente-se preparado para trabalhar com alunos sobredotados

Amostra (n = 103)		
	N	%
Sim	93	90,3%
Não	10	9,7%

Conhece, ou já teve algum aluno sobredotado?

Os inquiridos foram indagados se conheciam ou se já tinham trabalhado com algum aluno sobredotado, ao que 95% respostas confirmam que Não e 5% dos auscultados conhecem ou tiveram algum aluno sobredotado.

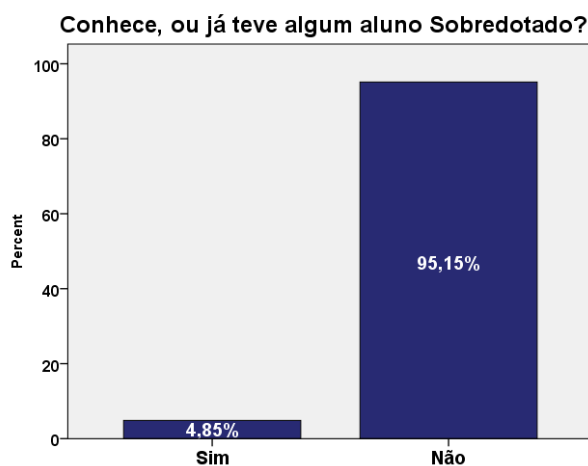


Gráfico 16 Conhece ou já teve alunos sobredotados

Tabela 16 Conhece ou já teve alunos sobredotados

Amostra (n = 103)		
	N	%
Sim	5	4,9%
Não	98	95,2%

Conhece as principais características de um sobredotado?

À questão “*Sabe quais as principais características de um sobredotado?*” Com as respostas obtidas pode-se observar que nenhum dos inquiridos declara desconhecer as características dos alunos sobredotados, no entanto a larga maioria 80,58% dos indivíduos afirma conhecer apenas algumas e 19% afirmam que conhecem as suas principais características.

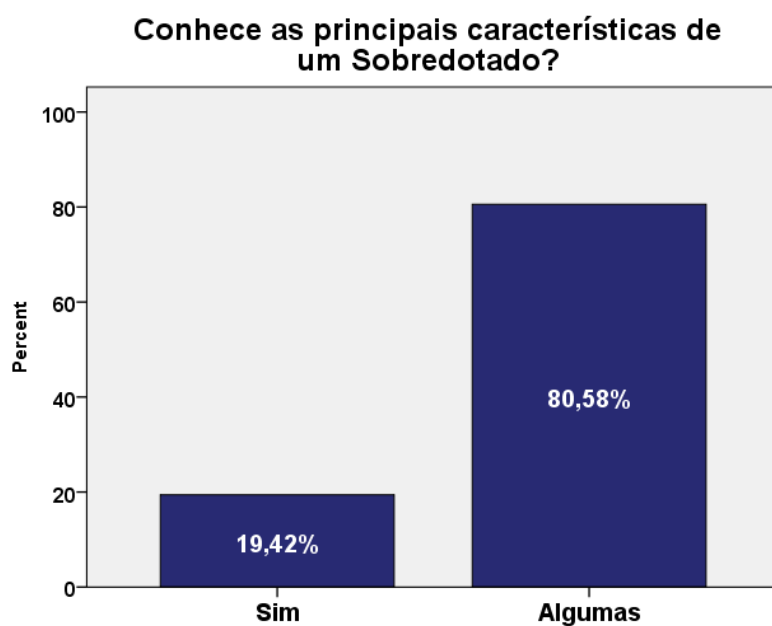


Gráfico 17 Reconhecimento das características dos sobredotados

Tabela 17 Reconhecimento das características dos sobredotados

Amostra (n = 103)		
	N	%
Sim	20	19,4%
Algumas	83	80,6%

Conseguiria identificar um aluno sobredotado na sua sala de aula?

No gráfico seguinte está representada a percentagem de participantes mediante a questão “*Conseguiria identificar um aluno sobredotado na sua sala de aula?*”. Assistiu-se a um certo equilíbrio entre as respostas Sim com 46,6% e 53% de respostas Talvez. Não se obteve a resposta Não.

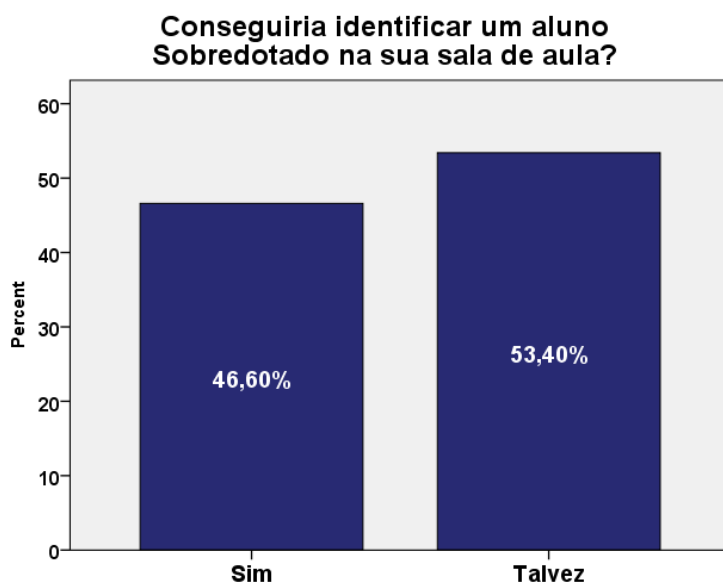


Gráfico 18 Conseguiria identificar um aluno sobredotado

Tabela 18 Conseguiria identificar um aluno sobredotado

Amostra (n = 103)		
	N	%
Sim	48	46,6%
Talvez	55	53,4%

Independentemente das respostas anteriores, considere o tema - “Sobredotação”:

Para confirmar os reais conhecimentos dos inquiridos acerca do tema sobredotação esmiuçaram-se as questões e pediu-se que, independentemente das respostas anteriores considerassem o tema sobredotação e de acordo com as respostas obtidas assistiu-se a uma esmagadora maioria das respostas (98%) que assumem conhecer o tema; (n=2) afirmam dominá-lo e não há qualquer inquirido que defenda desconhecer o tema.

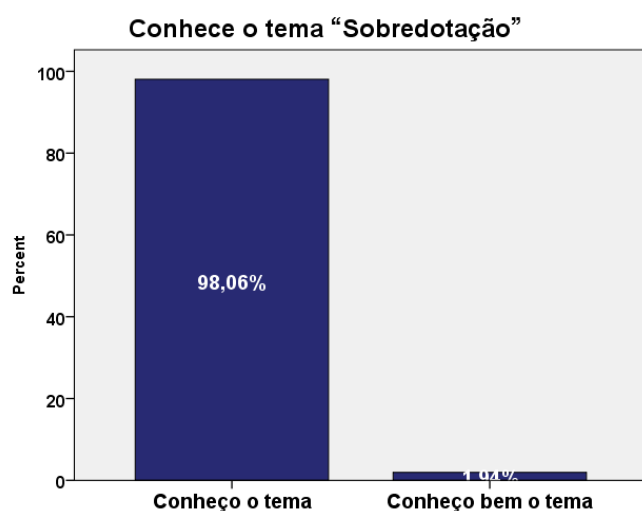


Gráfico 19 Considerando o tema sobredotação

Tabela 19 Considerando o tema sobredotação

Amostra (n = 103)		
	N	%
Conheço o tema	101	98,1%
Conheço bem o tema	2	1,9%

Na sua opinião, os alunos sobredotados são alunos com necessidades educacionais especiais?

Com o mesmo intuito de continuar a desdobrar e a confirmar as respostas obtidas anteriormente, relativamente ao conhecimento do tema, colocou-se a questão *Os sobredotados são alunos com necessidades educacionais especiais?* E num conjunto de 103 respostas obtidas, 37% considera os alunos sobredotados como alunos NEE. Uma grande parte do conjunto dos inquiridos, um total de 63,11%, considera que Não ou que se encontram na dúvida, abarcando desse modo a larga maioria das respostas.

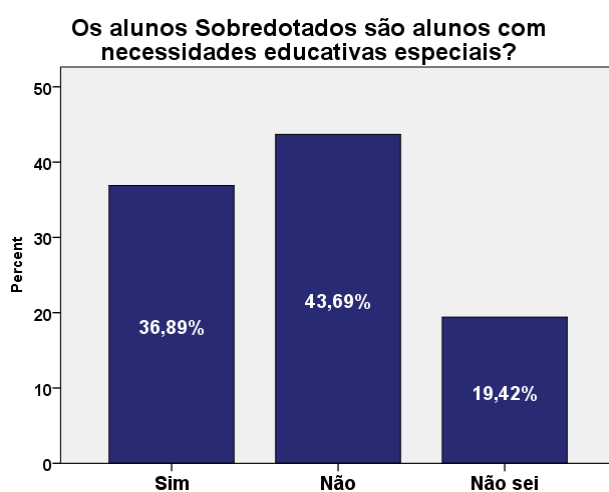


Gráfico 20 Sobredotação e NEE

Tabela 20 Sobredotação e NEE

	Amostra (n = 103)	
	N	%
Sim	38	36,9%
Não	45	43,7%
Não sei	20	19,4%

Considera que os alunos sobredotados são crianças mais realizadas do que as outras, na escola?

Quando se questiona se *Os sobredotados são crianças mais satisfeitas/ realizadas do que as outras?* As respostas são muito semelhantes às da questão anterior, 47,57% considera que Sim, 41% consideram que Não, mantendo-se na dúvida 12% dos indivíduos.

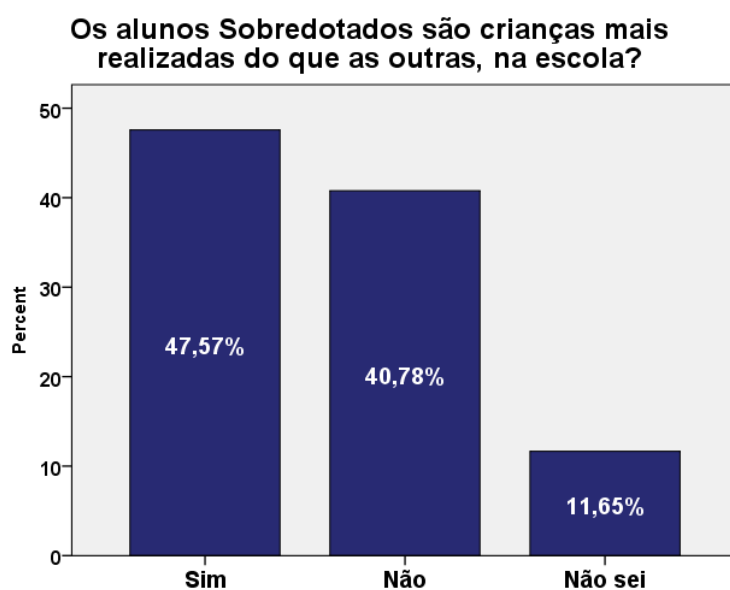


Gráfico 21 São alunos mais realizados na escola

Tabela 21 São alunos mais realizados na escola

Amostra (n = 103)		
	N	%
Sim	49	47,6%
Não	42	40,8%
Não sei	12	11,7%

Os alunos sobredotados são desenvolvidos em:

Os alunos sobredotados são desenvolvidos em que áreas? Pelo observável o mito ainda deixa dúvidas, mesmo em quem tem conhecimento sobre o tema, isto porque 27% dos inquiridos consideram que os sobredotados são desenvolvidos em todas as áreas do saber; 18,45% apreciam que são desenvolvidos apenas numa área específica; 44 respostas correspondentes a 43% dos inquiridos respondem que são em algumas áreas e 12% não sabem responder.

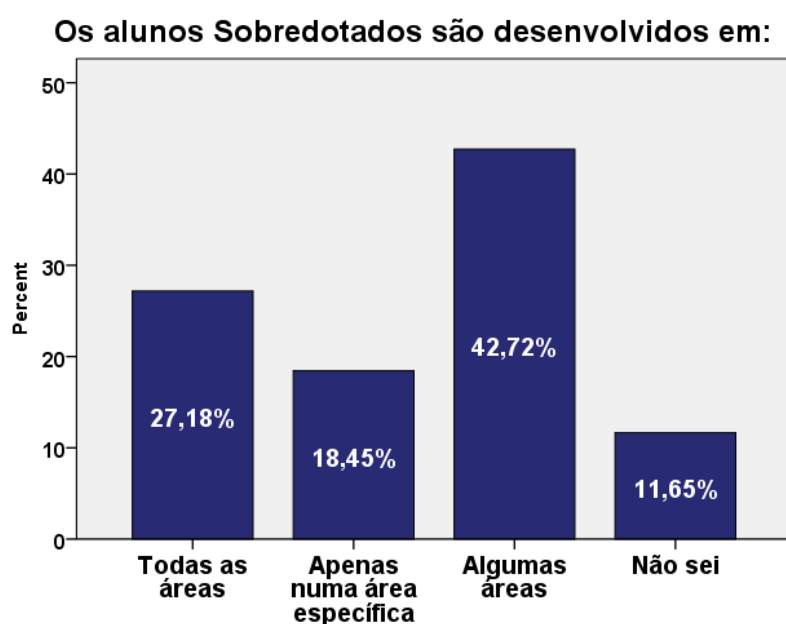


Gráfico 22 Áreas de desenvolvimento

Tabela 22 Áreas de desenvolvimento

Amostra (n = 103)		
	N	%
Todas as áreas	28	27,2%
Apenas numa área específica	19	18,4%
Algumas áreas	44	42,7%
Não sei	12	11,7%

Das seguintes afirmações assinale TODAS as que considera CORRETAS:

Como síntese desta parte, referente aos conhecimentos acerca do tema sobredotação, rematou-se um conjunto de afirmações para as quais se pediu aos inquiridos (n=103) que assinalassem todas as respostas que consideravam estar corretas: Obtiveram-se os seguintes resultados

- a) Os sobredotados apresentam níveis díspares de desenvolvimento. (n=97)
- b) Os sobredotados sofrem desajustes emocionais e sociais. (n=91)
- c) São alunos que muitas vezes se anulam perante os outros. (n=59)
- d) Tendem a ter comportamentos desajustados na sala de aula. (n=72)
- e) São alunos pacientes. (n=46)
- f) Adaptam-se facilmente a rotinas e regras. (n=66)
- g) São o grupo minoritário mais esquecido do sistema escolar. (n=52)
- h) Existe legislação específica para alunos sobredotados. (n=30)

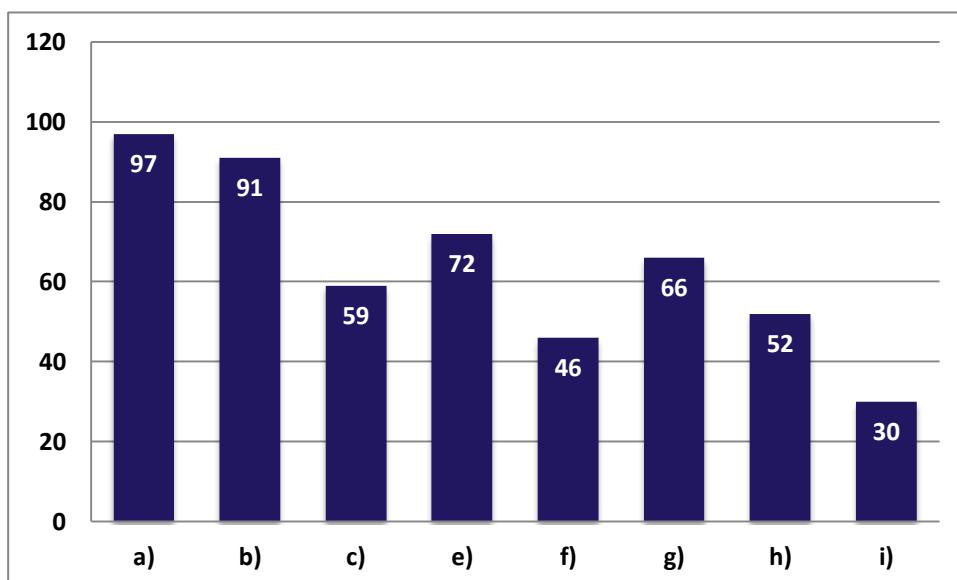


Gráfico 23 Afirmações sobre o tema sobredotação

Sente necessidade de fazer algum tipo de formação em sobredotação?

Para finalizar o inquérito e numa perspetiva de compreender o interesse/necessidade que os docentes têm em relação a informação e formação no âmbito da sobredotação colocou-se um conjunto de questões respeitantes. Interrogou-se se sentiam necessidade de fazer algum tipo de formação sobre sobredotação e obteve-se um total de 24% de respostas que informaram que Sim e um grupo de 76% de respostas Não.

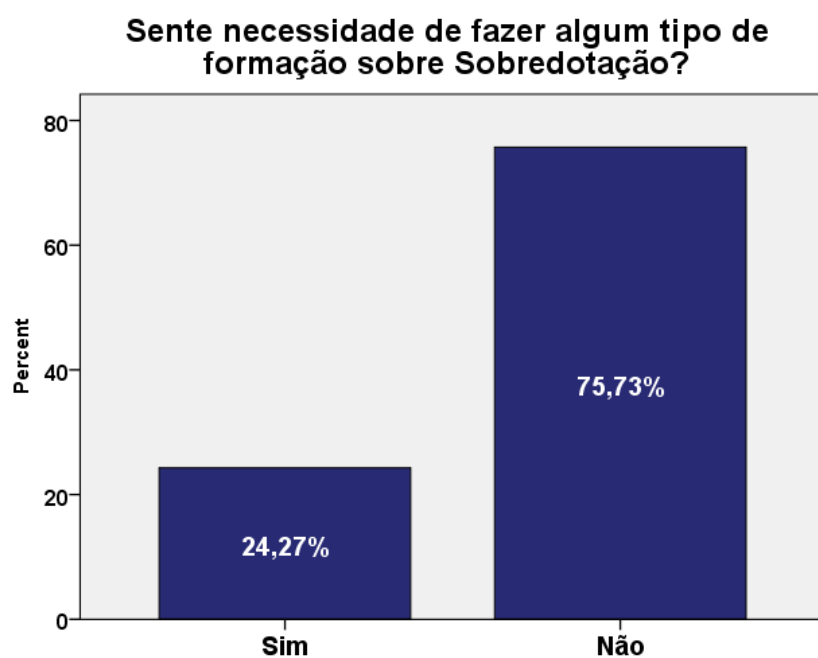


Gráfico 24 Necessidade sentida na formação em sobredotação

Tabela 23 Necessidade sentida na formação em sobredotação

Amostra (n = 103)		
	N	%
Sim	25	24,3%
Não	78	75,7%

Considera que a abordagem ao tema sobredotação na formação académica é:

Consultou-se a opinião dos questionados procurando saber se consideram que a abordagem ao tema sobredotação na formação académica inicial é importante e 71% dos auscultados defende que ela é necessária; 26% consideram ser indispensável; para uma minoria n=3 indivíduos ela não é necessária, afirmam que é dispensável.



Gráfico 25 Abordagem ao tema sobredotação

Tabela 24 Abordagem ao tema sobredotação

	Amostra (n = 103)	
	N	%
Indispensável	27	26,2%
Necessária	73	70,9%
Dispensável	3	2,9%

Qual/quais os conteúdos, acerca de sobredotação, que considera importantes serem lecionados na formação inicial de docentes?

Relativamente aos conteúdos, acerca de sobredotação, que consideram importantes serem lecionados na formação inicial de docentes, os inquiridos (n=103) apresentaram as seguintes respostas:

Características para identificação (n=103); Estratégias educativas para intervenção (n=103), Adaptações curriculares (n=98); Legislação (n=70).

Há ainda quem tenha opinião de que há outros temas a conhecer, mas não os mencionaram na opção de resposta Qual.

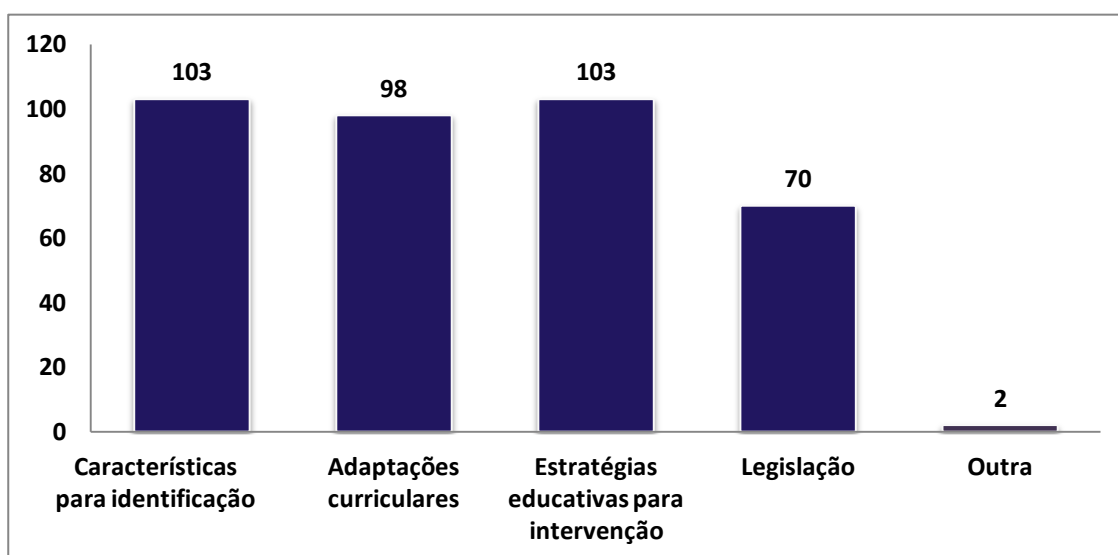


Gráfico 26 Conteúdos valorizados para estudo da sobredotação

Estaria interessado em frequentar uma ação de formação sobre sobredotação?

Para finalizar o inquérito pretendia-se compreender se os inquiridos estariam interessados em frequentar alguma ação de formação sobre a sobredotação. Das cento e três respostas obtidas observou-se que 23% demonstram interesse na formação, 13% não estariam interessados em formação e a maioria 64% refere que talvez frequentasse uma ação de formação.

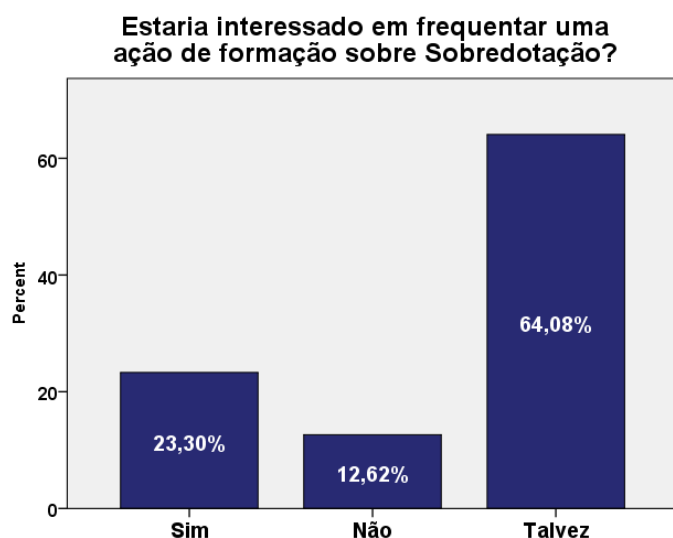


Gráfico 27 Interesse em ação de formação sobre sobredotação

Tabela 26 Interesse em ação de formação sobre sobredotação

Amostra (n = 103)		
	N	%
Sim	24	23,3%
Não	13	12,6%
Talvez	66	64,1%

Capítulo 3

Discussão da análise dos resultados

Introdução

Na parte final deste trabalho pretende-se apresentar os resultados mais significativos com vista a responder e tecer considerações sobre a pergunta de partida, sobre as questões de investigação expostas no inquérito e sobre as hipóteses previamente formulada.

Ou seja, pretende-se verificar a validação, ou não, das hipóteses tendo em conta as principais dimensões que se pretendiam analisar inicialmente, de modo a responder de forma fidedigna à pergunta de partida.

1 Dados da caracterização da amostra

Numa breve análise do tratamento dos dados contidos nos Gráficos e Tabelas apresentados anteriormente, verifica-se que a maioria de inquiridos correspondem ao grupo do sexo feminino (Gráfico e Tabela 1). Enquadram-se numa distribuição etária diversa, prevalecendo as idades compreendidas entre os 26 e 36 anos (Gráfico e Tabela 2).

Apresentam-se numa miscelânea de formações académicas sendo que dominam os licenciados, sucedendo-se os mestrados. Observa-se um equilibrado entre os pós graduados e especializados e uma minoria doutorados (Gráfico e Tabela 3).

Verifica-se uma hegemonia de auscultados que terminou a formação académica inicial há mais de dez anos e denota-se um equilíbrio entre o número de inquiridos que concluíram num período compreendido entre um e dez anos. Há um grupo de indivíduos estudantes que ainda não terminou a sua formação académica (Gráfico e Tabela 4). Prevalece, no que referente à ocupação profissional, (Gráficos e Tabelas 5 e 7), o grupo que corresponde aos empregados na área da educação, sendo a maioria docentes das AEC do 1º ciclo.

Presencia-se a uma heterogeneidade de respostas relativamente à distribuição do tempo de serviço, sendo que a maioria trabalha num período de tempo compreendido entre 1 e 10 anos. (Gráfico e Tabela 6)

Analisa-se que a maior parte dos inquiridos que terminaram a formação base há mais anos não tiveram no plano de estudos abordagem ao tema Educação Especial, nem à temática sobredotação, porém uma larga percentagem defende não ter sentido necessidade de realizar formação nessa área. Contudo, os inquiridos referem que se

sentem preparados para trabalhar com alunos sobredotados, apesar de a maioria ter referido que nunca trabalhou nem conhece alunos sobredotados (Gráficos e Tabelas 10, 11, 15, 16 e 24).

Porém, há quem tenha optado por ampliar a formação na área da educação especial e adquirir conhecimentos sobre a temática, sendo que para tal, a maioria optou pela especialização e pós-graduação (Gráficos e Tabelas 12 e 13). Desses inquiridos a maior parte informou que o tema sobredotação não foi trabalhado nessa formação (Gráfico e Tabela 14).

Verificou-se uma certa dissemelhança entre determinadas respostas, o que conduziu a alguma contrariedade na hora da apresentação de dados, uma vez que os inquiridos referiam conseguir identificar crianças sobredotadas (gráfico e Tabela 18) contudo, perante as opções de algumas respostas demonstraram um conhecimento antagónico (Gráfico e Tabela 23).

Apurou-se ainda que a maioria dos questionados acredita que os alunos sobredotados não são alunos NEE (Gráfico e Tabela 20) e consideram que são alunos mais realizados a nível académico (Gráfico e Tabela 21)

Todavia, na sua predominância, os dados recolhidos e rigorosamente trabalhados no programa SPSS apresentam uma genuína concordância, o que permite considerar que a informação aqui apresentada representa um grau de veracidade efetivo. Como se verificará de seguida.

2 Resultados dos testes de hipóteses

A presente análise estatística foi conduzida com o *software* SPSS *Statistics* onde, sempre que necessário, se considerou uma probabilidade de erro de tipo I de exatamente 5% ($\alpha = 0,05$) e percentagens aproximadas às décimas de unidade.

A estatística teste (ET) apresentada corresponde sempre ao Qui-quadrado (ou à sua correção para dimensão 2x2) à exceção dos casos onde não se verifiquem os pressupostos da legítima aplicação do teste do Qui-quadrado (por exemplo, no máximo 20% das “células” dos valores observados da tabela de contingência superiores a 5) onde será visualizado o valor de prova correspondente ao teste exato de Fisher que é uma alternativa e que em rigor pode ser aplicado a tabelas de contingência não apenas de dimensão 2x2.

A presente análise inferencial procura, via teste do Qui-quadrado de independência, avaliar a significância estatística da relação amostral entre pares de variáveis categóricas. Para isso há que conduzir os testes de hipóteses com as hipóteses definidas do modo seguinte:

H_0 : As variáveis são independentes

H_1 : As variáveis são dependentes.

Para cada hipótese operacional vai ser então conduzido um teste de hipóteses nas condições anteriormente estipuladas.

H1 - Os professores que estão atualmente a trabalhar nas escolas portuguesas não têm formação em sobredotação.

Variável independente: situação profissional dos professores;

Variável dependente: formação em sobredotação. (aferida pelas questões 10 e 12)

Questão 10

Situação profissional atual * Na formação académica trabalharam o tema da Sobredotação? **Crosstabulation**

Count

		Na formação académica trabalharam o tema da Sobredotação?		Total
		Sim	Não	
Situação profissional atual	Estudante (educação)	12	0	12
	Empregado (educação)	19	12	31
Total		31	12	43

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	6,443 ^a	1	,011	,019	,009	,009
Continuity Correction ^b	4,663	1	,031			
Likelihood Ratio	9,537	1	,002	,010	,009	
Fisher's Exact Test				,019	,009	
Linear-by-Linear Association	6,293 ^c	1	,012	,019	,009	
N of Valid Cases	43					

a. 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 3,35.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is 2,509.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal	Contingency Coefficient	,361	,011	,019
N of Valid Cases		43		

Tabela 27 Teste de hipóteses H1 (questão 10)

Questão 12

Situação profissional atual * Fez alguma formação complementar em Educação Especial? Crosstabulation

Count		Fez alguma formação complementar em Educação Especial?		Total
		Sim	Não	
Situação profissional atual	Estudante (educação)	12	0	12
	Empregado (educação)	19	56	75
	Desempregado	0	3	3
	Empregado (outra área)	0	13	13
Total		31	72	103

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	35,569 ^a	3	,000	,000		
Likelihood Ratio	41,112	3	,000	,000		
Fisher's Exact Test	34,023			,000		
Linear-by-Linear Association	21,482 ^b	1	,000	,000	,000	,000
N of Valid Cases		103				

a. 4 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,90.

b. The standardized statistic is 4,635.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal	Contingency Coefficient	,507	,000	,000
N of Valid Cases		103		

Tabela 28 Teste de hipóteses H1 (questão 12)

A menos de 5% de probabilidade de erro pode-se afirmar que a situação profissional dos professores e formação em sobredotação são dependentes (p_value (Fisher)=0.019 < α e p_value (Fisher)=0.001 < α para as variáveis aferidas pelas questões 10 e 12 respetivamente). O grau de dependência¹² é moderado-forte (0.361 e 0.507 para as questões 10 e 12 respetivamente).

¹² Aferido pelo coeficiente de contingência e considerado forte caso a estimativa exceda 0.3.

H2 - Os professores que terminaram a sua formação académica há mais de 10 anos sentem que precisam de formação no âmbito da sobredotação para a prática docente.

Variável independente: tempo de serviço;

Variável dependente: necessidade sentida em formação sobre sobredotação. (aferida pela questão 24)

Há quanto tempo terminou a formação académica base? * Sente necessidade de fazer algum tipo de formação sobre Sobredotação? Crosstabulation

Count		Sente necessidade de fazer algum tipo de formação sobre Sobredotação?		Total
		Sim	Não	
Há quanto tempo terminou a formação académica base?	< ou =10 anos	25	34	59
	>10 anos	0	44	44
Total		25	78	103

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	24,620 ^a	1	,000	,000	,000	
Continuity Correction ^b	22,368	1	,000			
Likelihood Ratio	33,751	1	,000	,000	,000	
Fisher's Exact Test				,000	,000	
Linear-by-Linear Association	24,381 ^c	1	,000	,000	,000	,000
N of Valid Cases	103					

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 10,68.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is 4,938.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal Contingency Coefficient	,439	,000	,000
N of Valid Cases	103		

Tabela 29 Teste de hipóteses H2

A menos de 5% de probabilidade de erro pode-se afirmar que o “tempo de serviço” categorizado dos professores e a necessidade de formação em sobredotação percecionada pelos mesmos são dependentes ($\chi_{\text{corrigido}}^2 = 22.368$; $p_value < 0.001 < \alpha$)

O grau de dependência entre as duas variáveis é forte (0.439).

H3 - Há um grupo de professores desempregados e com formação e conhecimentos sobre a temática da sobredotação, que estão a ser subaproveitados.

Variável independente: situação profissional dos professores

Variável dependente: conhecimento dos professores sobre sobredotação. (aferida pela questão 9)

Há quanto tempo está "Desempregado" ou "Empregado noutra área"? * Se "Desempregado" ou "Empregado noutra área" tem formação e conhecimentos na área da Sobredotação? Crosstabulation

Count		Se "Desempregado" ou "Empregado noutra área" tem formação e conhecimentos na área da Sobredotação?		Total
		Sim	Não	
Há quanto tempo está "Desempregado" ou "Empregado noutra área"?	<1 ano	3	0	3
	>1 ano	8	0	8
	>3 anos	14	3	17
Total		25	3	28

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	2,174 ^a	2	,337	,543		
Likelihood Ratio	3,224	2	,199	,274		
Fisher's Exact Test	1,484			,668		
Linear-by-Linear Association	1,745 ^b	1	,187	,398	,208	,208
N of Valid Cases	28					

a. 4 cells (66,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,32.

b. The standardized statistic is 1,321.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal Contingency Coefficient	,268	,337	,543
N of Valid Cases	28		

Tabela 30 Teste de hipóteses H3

Não há evidência estatística que possa por de parte a hipótese de a situação profissional dos professores e o seu conhecimento em matéria de sobredotação serem independentes (p_value (Fisher)=0.668 > α).

H4 - Os professores que estão atualmente a trabalhar nas escolas portuguesas sentem dificuldades em identificar os alunos sobredotados.

Variável independente: situação profissional dos professores;

Variável dependente: capacidade de identificação dos alunos sobredotados. (aferida pela questão 18)

Situação profissional atual * Conseguiria identificar um aluno Sobredotado na sua sala de aula?
Crosstabulation

Count		Conseguiria identificar um aluno Sobredotado na sua sala de aula?		Total
		Sim	Talvez	
Situação profissional atual	Estudante (educação)	12	0	12
	Empregado (educação)	36	39	75
	Desempregado	0	3	3
	Empregado (outra área)	0	13	13
Total		48	55	103

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	27,773 ^a	3	,000	,000		
Likelihood Ratio	38,460	3	,000	,000		
Fisher's Exact Test	30,976			,000		
Linear-by-Linear Association	24,605 ^b	1	,000	,000	,000	,000
N of Valid Cases	103					

a. 2 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,40.

b. The standardized statistic is 4,960.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal Contingency Coefficient	,461	,000	,000
N of Valid Cases	103		

Tabela 31 Teste de hipóteses H4

A menos de 5% de probabilidade de erro afirma-se que a situação profissional dos professores e a capacidade de identificação de alunos sobredotados são dependentes (p_value (Fisher) $< 0.001 < \alpha$).

O grau de dependência é moderado-forte (coeficiente de contingência excede 0.3).

H5 - Os professores que estão atualmente a trabalhar nas escolas portuguesas não conhecem as características dos alunos sobredotados.

Variável independente: situação profissional dos professores

Variável dependente: conhecimento dos professores sobre sobredotação. (aferida pelas questões 17 e 20).

Questão 17

Situação profissional atual * Conhece as principais características de um Sobredotado?
Crosstabulation

Count		Conhece as principais características de um Sobredotado?		Total
		Sim	Algumas	
Situação profissional atual	Estudante (educação)	12	0	12
	Empregado (educação)	8	67	75
	Desempregado	0	3	3
	Empregado (outra área)	0	13	13
Total		20	83	103

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	57,326 ^a	3	,000	,000		
Likelihood Ratio	50,474	3	,000	,000		
Fisher's Exact Test	43,893			,000		
Linear-by-Linear Association	23,082 ^b	1	,000	,000	,000	,000
N of Valid Cases	103					

a. 4 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,58.

b. The standardized statistic is 4,804.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal Contingency Coefficient	,598	,000	,000
N of Valid Cases	103		

Tabela 32 Teste de hipóteses H5 (questão 17)

Questão 20

Situação profissional atual * Os alunos Sobredotados são alunos com necessidades educativas especiais?
Crosstabulation

Count		Os alunos Sobredotados são alunos com necessidades educativas especiais?			Total
		Sim	Não	Não sei	
Situação profissional atual	Estudante (educação)	12	0	0	12
	Empregado (educação)	26	45	4	75
	Desempregado	0	0	3	3
	Empregado (outra área)	0	0	13	13
Total		38	45	20	103

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	99,256 ^a	6	,000	,000		
Likelihood Ratio	91,356	6	,000	,000		
Fisher's Exact Test	77,422			,000		
Linear-by-Linear Association	56,005 ^b	1	,000	,000	,000	,000
N of Valid Cases	103					

a. 7 cells (58,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,58.

b. The standardized statistic is 7,484.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.	Exact Sig.
Nominal by Nominal	Contingency Coefficient	,701	,000	,000
N of Valid Cases		103		

Tabela 33 Teste de hipóteses H5 (questão 20)

A menos de 5% de probabilidade de erro pode-se afirmar que a situação profissional dos professores e conhecimento dos professores sobre sobredotação são dependentes (p_value (Fisher) $< 0.001 < \alpha$ para ambas as situações).

O grau de dependência é forte (0.598 e 0.701 para as questões 17 e 20 respectivamente).

3 Dados de opinião

✓ *Os professores que se encontram a lecionar, atualmente, nas escolas portuguesas têm formação que lhes permita trabalhar com alunos sobredotados?*

Procura-se, nesta parte do trabalho, responder de forma fidedigna e argumentada à pergunta de partida e aos objetivos definidos no início deste trabalho, cruzando a informação dos resultados obtidos com a revisão bibliográfica.

Verificou-se, após a análise de todos os dados recolhidos e tratados, no que concerne à dimensão – Formação – a maior parte dos inquiridos, 58,25%, não teve no seu plano de estudos inicial uma disciplina na qual obtivesse formação em educação especial, resultados que demonstram que a amostra está em consonância com o que defende Neves (2008), que as escolas não possuem oferta formativa no âmbito da educação especial. E o que leva a perceber que em Portugal a educação especial ainda não é valorizada, contrariamente ao que se passa em vários estados dos EUA (por exemplo), onde se impõe que os professores sejam versados em todas as facetas da educação incluindo a educação especial, como refere o Independent (2006).

Dos docentes que tiveram a disciplina de educação especial, 41,8%, apenas (n=31) referiu ter trabalhado o tema sobredotação. O que permite verificar que a maior parte dos inquiridos, num primeiro ciclo de estudos não teve formação que lhes permitisse adquirir conhecimentos para trabalhar com alunos sobredotados. O que leva ainda a reforçar as ideias de Freeman e Guenther (2000) e Neves (2008) ao considerarem que os professores do ensino regular não possuem formação nem conhecimentos para identificar crianças sobredotadas.

Porém há um grupo de 30,10% da amostra que optou por ampliar a sua formação na área da educação especial, sendo que para tal, a maioria optou pela especialização e pós-graduação (Gráfico e Tabela 13). Desses inquiridos a maior parte informou que o tema sobredotação não foi trabalhado nessa formação complementar (Gráfico e Tabela 14). Ou seja, apesar de os docentes terem optado por ampliar os seus conhecimentos na área da educação especial, a sobredotação não foi o tema procurado. Neste sentido defende-se mais afincadamente a ideia de Serra (2015) e Correia (2008) que demonstram que é de extrema importância que se repense a formação especializada em

Portugal, uma vez que ela é, no caso dos alunos com NEE [onde incluo os alunos sobredotados] um dos pilares fundamentais para o seu sucesso escolar.

Consultando as opiniões da amostra, procurando saber se consideravam que a abordagem ao tema sobredotação na formação académica inicial é importante, 71% dos auscultados defende que ela é necessária (Gráfico 25), o que permite concluir que os inquiridos corroboram a opinião de Serra (2015) de que a formação [em sobredotação] é importante, seja para o professor do 1.º ciclo ou diretor de turma a partir do 2.º ciclo.

Mediante os valores anunciados deduz-se que os docentes sentem necessidade de realizar formação em sobredotação, porém uma larga percentagem, 75,73% da amostra, onde se inclui a totalidade dos docentes com mais de 10 anos de serviço, defende não sentir necessidade de formação nessa área. Dos restantes inquiridos, a larga maioria, 64,1%, refere que talvez tivesse interesse em frequentá-la (Gráfico 27).

Relativamente aos temas que os inquiridos consideram importantes serem abordados na formação em sobredotação, são perentórios na concordância com o estudo das características para identificação e com as estratégias educativas para intervenção (Gráfico 26). A totalidade da amostra selecionou dois dos conteúdos mais defendidos por nomes conhecidos no estudo da sobredotação atualmente, como é o caso de Martins (2010), Neves (2008), Pocinho (2008), Serra (2008), Correia (1994) entre outros.

Ainda neste âmbito da formação verificou-se que há um grupo de professores que estão neste momento desempregados, ou colocados a exercer funções noutras áreas que não a educação (Gráfico e Tabela 5), professores esses que referiram ter conhecimentos e formação na área da sobredotação (Gráfico e Tabela 9), situação que permite validar a hipótese de que há conhecimento no âmbito da sobredotação que está a ser desperdiçado, desaproveitado, comprovado com a Tabela 30 Teste de Hipótese.

Efetuando uma análise à dimensão dos Conhecimentos que possuem os docentes sobre as características e a identificação dos alunos sobredotados verificou-se que, sem receios, 98,1% da amostra defende conhecer o tema sobredotação (Gráfico 19) e a larga maioria dos questionados, 90,29%, defendem que se sentem preparados para trabalhar com estes alunos em contexto regular de aprendizagem (Gráfico 15). Todavia, a maioria dos inquiridos, 95,2%, referem que nunca trabalharam com alunos sobredotados, ou que não conhecem alunos sobredotados (Gráfico e Tabela 16). Mas partilhando Tourón, (1999) os alunos sobredotados existem e é importante que não arruinemos as suas possibilidades por abandono ou negligência. A obtenção destes resultados leva-nos ainda a repensar Serra (2015) que expõe que nos ensinos básico e secundário são mais

de 60 mil crianças, muitas vezes com comportamentos agressivos e ninguém dá por elas. E ainda Pereira (2000) que refere que há professores que dizem nunca ter tido alunos sobredotados porque não os conseguiram identificar. Argumenta-se ainda com base em determinadas respostas obtidas através do inquérito que conduziram a alguma contrariedade, uma vez que os inquiridos referiam que sentiam que conseguiriam identificar um aluno sobredotado na sua sala de aula (Gráfico 18), no entanto perante as opções de respostas referentes às características dos alunos sobredotados demonstraram, por vezes, conhecimento antagónico (Gráficos e Tabelas 20, 21, 22 e 23). Exemplificando, 43,7% da amostra considera que os alunos sobredotados não são alunos NEE (Gráfico e Tabela 20) e que são crianças mais realizadas do que as outras, na escola (Gráfico e Tabela 21); no entanto defendem também que os alunos sobredotados apresentam níveis díspares de desenvolvimento ($n=97$) e que são alunos que sofrem desajustes emocionais e sociais ($n=91$). Desta forma conclui-se que a amostra apresenta alguns conhecimentos, mas com algumas contrariedades e lacunas.

Sintetizando, de forma argumentada, perante a obtenção destes dados relativamente às dimensões Formação e Conhecimentos em sobredotação pode-se concluir que nas escolas portuguesas há professores sem formação na área da sobredotação e com conhecimentos de senso comum. Apesar de demonstrarem algum conhecimento, apresentam resultados dissemelhantes na caracterização da sobredotação e dos alunos sobredotados. São docentes que defendem conhecer o tema e sentir-se capazes de identificar e trabalhar com crianças sobredotadas. Porém, informam que não conhecem, nem trabalharam, com alunos sobredotados. A maioria dos docentes que se encontram a lecionar consideram a formação importante, defendem o seu estudo, especialmente dos conteúdos: características dos alunos sobredotados e estratégias educativas para intervenção; no entanto não demonstram interesse em frequentar formação em sobredotação.

Há ainda um grupo de docentes com formação em sobredotação, mas em situação de desemprego, ou empregados noutra área.

Como conclusão desta reflexão pessoal mas, obviamente fundamentada com base na revisão de literatura e na análise dos dados apurados, é plausível responder à pergunta de partida, afirmando que os docentes que se encontram atualmente a lecionar nas escolas portuguesas não têm formação em sobredotação e apresentam falta de conhecimento rigoroso e científico no âmbito da temática referida.

4 Linhas futuras de investigação

Como havia sido referido anteriormente, este tema é, sem dúvida, um tema pertinente, atual, riquíssimo e repleto de novos caminhos para futuras investigações pois, demonstrou ter uma riqueza vastíssima em assuntos para investigar.

Apesar de ser um tema sensível e com pouca exploração, ainda, são vários os caminhos por onde se podem enveredar numa próxima abordagem.

Na minha opinião e por grau de interesse pessoal, seria curioso fazer-se um levantamento das instituições superiores públicas e privadas, que possibilitam aos seus alunos (futuros profissionais de educação), no primeiro grau de estudos, ter acesso a formação na área da Educação Especial e qual/que tipo de destaque é atribuído ao tema sobredotação.

Um outro tema que causou inquietude e como tal apresentou-se como curiosidade e interesse de investigação futura é a Legislação. Seria interessante um estudo no qual se fizesse uma reminiscência à evolução e retrocessos pelos quais tem passado a sobredotação ao longo dos tempos. Este tema suscita particular interesse, isto porque a primeira vez com que me deparei com o tema sobredotação foi há seis anos, na minha licenciatura, na disciplina Escola Inclusiva adestrada pela professora doutora Helena Serra, diretora da associação de sobredotados APCS, na qual foi estudada até ao mais ínfimo pormenor a legislação aplicada à sobredotação, porém passados estes anos verifiquei que se deram significativas alterações na legislação da sobredotação, não no sentido da evolução, mas sim do recuo.

Ainda dentro do próprio conceito da sobredotação, seria pertinente alargar a amostra deste projeto de investigação a uma população mais vasta. Ou então sair da sala de aula e extrapolar a investigação para a comunidade educativa abrangente, nomeadamente com os pais. Optar-se-ia pela realização de um trabalho mais direcionado para os pais, talvez com um estudo de caso; com o intuito de compreender as suas reais preocupações, as suas dificuldades, os seus receios, as suas alegrias, etc. Isto de forma a poder contribuir para a elaboração de estratégias que lhes permitissem um auxílio adequado.

Conclusão

Todo o projeto de investigação requer tanto empenho no seu esboçar como na sua realização e aplicação. Assim sendo, procurou-se encontrar um equilíbrio entre os depoimentos de autores conhecidos do nosso panorama escolar atual, na literatura científica sobre sobredotação e nas abordagens práticas e experimentais efetuadas.

Citando Adela Allen (s/data) “devíamos aceitar as diferenças, devíamos saudar as diferenças, até que a diferença deixe de fazer diferença”. Ninguém é precisamente igual, isso designa que todos somos especiais, quer seja pelas nossas dificuldades, quer seja pelas nossas extraordinárias capacidades, e tanto umas como outras devem ser aceites e harmonizadas em contexto regular.

Todas as crianças têm vivências, fraquezas e talentos únicos. Todas são [todos somos] pedaço da diferença. Assim, para que ocorra o processamento de inclusão de todas as crianças, particularmente das crianças com NEE, nas quais se inclui sem dúvida alguma, as Crianças Sobredotadas, nas nossas escolas e na nossa sociedade torna-se essencial que haja uma série de medidas de equidade que permitam o desenvolvimento das suas capacidades de emancipação, de escolarização e inclusão social adequadas. Em qualquer turma há necessidades educativas, contudo só algumas são especiais, mas em todas elas é preciso “preparar a terra para semear o conhecimento”.

Como defende Tourón,(1999) “os alunos sobredotados existem, estão aí e continuarão a estar. Podemos identificá-los, reconhecê-los ou não, o importante é não arruinarmos as suas possibilidades, por abandono ou negligência, por comodidade ou ignorância”. Nesse sentido, é primordial que no processo de aprendizagem e progresso académico e social destas crianças se determinem as suas características exclusivas para que se determinem intervenções pedagógicas ajustadas, para coadjuvar a construção de uma educação justa, que respeita, ajuda, integra e atende, independentemente das suas heterogeneidades, apreciado as suas singularidades excecionais.

A identificação destas crianças é uma tarefa complexa, devido à sua própria natureza, o que resulta em complicações a nível de um adequado diagnóstico. Assim sendo, como alerta Pocinho (2009) não se pode esquecer primeiramente de que antes de ser sobredotada, está-se a trabalhar com uma criança.

Perante o assumir da importância da identificação dos alunos sobredotados, lanço as minhas ilações no sentido de defender que todos os professores deveriam ter,

pelo menos, os conhecimentos elementares sobre a temática sobredotação para a “eventualidade” de lhes surgir um aluno sobredotado na sala de aula. Sim, porque eles não são utopia, e qualquer um de nós, profissionais na área da educação, pode encontrar o desafio de entrar numa sala de aula e deparar-se com a presença de um aluno sobredotado e não saber como lidar com ele. Ou pior, pedir-lhe para esperar, esperar, esperar...quando estes alunos tão ávidos de aprendizagem e de desafios, precisam que os façam seguir em frente e não que os façam esperar infinitamente, ou que os prendamos à nossa insipiência sobre as suas reais necessidades educativas. É essencial uma preparação adequada dos profissionais da educação, para que façam frente a estas lacunas e possibilitem uma inclusão correta e digna destes alunos, que ajudem a desenvolver personalidades de forma sadia e equilibrada, em todos os seus potenciais.

Mas com os resultados obtidos nesta investigação facilmente se depreende que é urgente apostar numa formação eficaz dos docentes no âmbito da sobredotação. Pois pressupõe-se que o professor seja capaz de identificar e sinalizar alunos sobredotados, que conheça as suas necessidades educativas, que adapte as suas práticas às necessidades desses alunos e que avalie se as estratégias adotadas contribuem para o desenvolvimento integral desses alunos, DEB, (1998).

De forma paralela a estes resultados alisto um conjunto de recomendações que considero importante divulgar, na esperança que sejam entendidas como sugestões pertinentes, apoio-me no depoimento de Fonseca (pp:106) quando defende que “A formação deve nortear-se pela adaptação à mudança tornando-a especial, visto que toda a criança é especial”. É necessário aprofundar-se conhecimentos e adquirir *know-how* em Educação Especial, nomeadamente na área da sobredotação, que permitam obter ferramentas estratégicas diversificadas e ter estabilidade para trabalhar com eles.

Porém, não parte apenas de nós, profissionais diretamente ligados à educação, esta mudança de paradigma em relação aos alunos sobredotados. É necessária uma mudança de mentalidade e comportamento de todos aqueles que elaboram o conjunto de leis que determinam uma escola para todos, uma escola inclusiva.

Para começar, aprecio que é urgente uma reavaliação dos currículos das escolas superiores, aquelas que formam profissionais de educação que desempenham funções com grupos heterogéneos de crianças, compostos pelas crianças típicas e também pelas que apresentam NEE nos mais distintos domínios, uma vez que se verificou que grande parte dos docentes não tem formação inicial em sobredotação.

Como refere Correia (1999) a formação inicial de professores deveria incluir módulos de educação especial, de avaliação, programação e adaptações curriculares em educação especial, que permitissem ao professor do ensino regular identificar e intervir adequadamente, com ou sem apoio do professor de educação especial. Este autor salienta também a necessidade de formação contínua nesta área.

Verifica-se que não existe ainda um curso de formação inicial em Educação Especial. É necessária a obtenção duma licenciatura, para posteriormente se adquirir uma especialização nessa área. Os professores terminam os cursos e só poderão aumentar a sua formação em Ensino Especial, cinco anos após trabalharem com eles. Todavia, durante esse período, já se perderam e foram asfixiadas capacidades de alguns alunos sobredotados e outras crianças com NEE foram incorretamente acompanhadas.

Felizmente brota, no meio desta falta de estrutura, o bom senso e há instituições superiores que têm disciplinas que permitem aos seus alunos adquirirem conhecimentos, sobre Educação Especial. Entre outros aspetos, esta investigação permitiu concluir que existe uma nova geração de professores mais conscientes e sensibilizados para as NEE e para o reconhecimento das características reais dos alunos sobredotados.

Ao assumir que o reconhecimento das características dos alunos sobredotados, por parte dos professores, é essencial e decisivo para a construção da personalidade destes indivíduos, permitindo o desenvolvimento integral, correto e normal do aluno, potenciando nele o espírito de autoconhecimento, de aceitação, desenvolvimento social e de autoestima, assim como o espírito crítico, motivacional e criativo, defendo um grupo de indivíduos com dificuldades de integração numa sociedade veloz e indiferente para com os sobredotados, como se caracteriza a nossa sociedade atual.

Prieto e Martínéz (2000 cit. por Neves, 2008) despertam-nos ainda para a ideia de que é necessário a implementação de medidas educativas que impliquem sensibilidade e comprometimento no atendimento a alunos com necessidades educativas especiais. Para isso, é necessário tomar medidas nomeadamente a nível das políticas educativas relativas ao atendimento das crianças sobredotadas.

Nesse sentido defendo, à semelhança de Nielsen (1999), que é urgente reler e atualizar de forma clara e positiva as leis, a legislação que se refere à Educação Especial, nomeadamente no que se refere aos alunos sobredotados. Ao abrigo da legislação atual devem ser feitos todos os esforços no sentido de acompanhar estes alunos especiais. Nas últimas décadas, devido a significativas mutações sociais, culturais, ideológicas, políticas (...) acenou-se na direção de que o ensino deveria ser

universal, obrigatório e para todos os Homens, subentende-se com este princípio que também os alunos sobredotados estão incluídos, contudo quando se minudência a lei, verifica-se que os decretos, os artigos, a legislação apresentam cada vez mais revogações para estas crianças. Não se compreende este discernimento perante as crianças sobredotadas, visto que em alguns países a legislação e os respetivos sistemas educativos estão adaptados para receber crianças sobredotadas através de programas especializados, nomeadamente a existência de turmas específicas, onde os alunos com capacidades mais avançadas formam grupos de trabalho.

Concluído este trabalho e partindo do pensamento que a educação é, essencialmente, desenvolver nas crianças o espírito crítico para que as crianças de hoje se tornem cidadãos ativos amanhã, conhecedores dos seus direitos e cumpridores dos seus deveres, é da nossa responsabilidade contribuir para que não se promovam resistências e receios inibidores da ocorrência de mudanças culturais e sociais positivas que impeçam a transformação da escola num espaço realmente inclusivo.

Corroborando Roldão, sempre que se pense curricularmente agindo diferenciadamente caminha-se para uma verdadeira escola inclusiva, ancorada na diferenciação pedagógica, rumo ao sucesso dos nossos alunos, do nosso próprio sucesso, ao sucesso da nossa sociedade e do nosso mundo.

Como comentário final gostaria de deixar claro que é minha convicção que, com a realização deste trabalho de investigação, assumo o compromisso de contribuir para a transformação da escola e, em última instância da Educação, em defesa da integração dos alunos sobredotados numa escola que deve ser para todos. Pretendo com este trabalho dar um grito de esperança, de sublevação, proferindo com Tourón que os sobredotados existem, eles podem estar na nossa sala de aula, eles são crianças, só querem viver e aprender como todos os outros, pois como refere Pocinho (2009), uma criança sobredotada é apenas uma criança, e o “melhor problema” que esta tem é o de ser sobredotada.

Bibliografia

Alencar, E. (1986). *Psicologia e educação do superdotado*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Almeida, L.S. & Oliveira, E.P. (2000). *Os professores na identificação dos alunos sobredotados*.

Almeida L.S., Oliveira E.P. & Melo A.S. (2000). *Alunos sobredotados: Contributo para a sua identificação e apoio*. Braga: ANEIS

Alonso, J.A., & Renzulli, J. S. & Benito, Y. (n/d) *Manual internacional de superdotados: Manual para profesores y padres*. Editorial EOS.

Associação Portuguesa de Crianças Sobredotadas (1987). *Deixem-me passar!: orientações aos pais e professores de crianças sobredotadas*. Porto: APCS

Bastos, A.M.O.S.G. (2009). *A perceção dos professores sobre os alunos sobredotados versus o alheamento da escola* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, Portugal

Camacho, M.J.J. (2008, janeiro, fevereiro e março) *O fascinante mundo dos talentosos. Diversidades*, nº 19, 3-27. Região Autónoma da Madeira: Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação

Coutinho (2015) *Metodologias de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*, Coimbra, Edições Almediana

Campenhoudt, L., Quivy, R. (1982). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Editora Grávida.

Coelho, M.J.C. (2006). *Sobredotação e Competências Filosóficas: Uma perspetiva transversal* (Dissertação de pós graduação). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, Portugal

Dias, J. C. (1999). *A problemática da relação família/escola e a criança com necessidades educativas especiais*. Lisboa: Secretariado nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência

DGEBS, (1992). *Crianças Sobredotadas – Intervenção educativa 1º ciclo*. Ministério da Educação.

Ferreira, V. (2003). O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos. In A. S. Silva e J. M. Pinto (orgs), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 165 – 195). Porto: Edições Afrontamento.

Gardner, H. (1993). *Multiple intelligences. The theory in practice*. New York: Basic Books.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O inquérito*. Oeiras: Celta Editores

Guggenheim, E. (2003). *Agora IX Modelos alternativos de formação Salónica, 26-27 de junho de 2000*. Luxemburgo: Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional CEDEFOP.

Falcão, I. (1992). *Crianças sobredotadas, que sucesso escolar?* Rio Tinto. Editora Asa

Fonseca, V. (1980). *Reflexão sobre a educação especial em Portugal*. Lisboa Moraes editores

Kirk, S. & Gallagher, J. (1996). *Educação da criança excecional*. São Paulo: Editora Martins Fontes

Laville, J. & Dionne, L.M. Siman (adaptado), (1999). *A Construção do Saber*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Madureira, I.P. & Leite, T.S. (2004). *Necessidades educativas especiais*. Lisboa: Universidade Aberta

Miranda, L. & Almeida, L.S. (2002). Sobredotação em Portugal: contributo das associações portuguesas para a divulgação do tema. *Sobredotação*, 2(3), pp.39-60.

Miranda, L.R.C. (2008). *Da identificação às respostas educativas para alunos sobredotados: Construção, aplicação e avaliação de um programa de enriquecimento escolar* (Dissertação de doutoramento). Universidade do Minho, Portugal.

Maroco, J. (2014). *Análise Estatística: Com o SPSS Statistics* (6ª ed.). Lisboa:

Oliveira, E.P. (2007). *Alunos sobredotados: a aceleração escolar como resposta educativa*, Tese de doutoramento em Psicológica – Área de Especialização em Psicologia da Educação, Braga: Universidade do Minho

Palhares, C. & Oliveira, E. & Melo, A. (2000). ANEIS: Programas de enriquecimento. In *Sobredotação*, nº 1 (1e2), pp. 190 – 200.

Pereira, M. (2000). Sobredotação: a pluralidade do conceito. IN *Sobredotação*. Vol.1, nº1 e 2, pp.100-171

Pereira,M.A.M ou P. M. 1998. *Crianças sobredotadas: estudos de caracterização*. ed. 1, 1 vol.. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Pereira, M. (2006). Educação e desenvolvimento de alunos sobredotados: fatores de risco e de proteção. In *Revista Portuguesa de Pedagogia*, nº 2, Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação e Ciências Sociais* (2ª ed). Lisboa: Editora Gradiva.

Salomon, D.V. (1996) *Como fazer uma monografia* (4ª ed). São Paulo: Martins Fontes

Serra, H. (2001). Projeto Sábados diferentes. *Revista Saber Educar*, Porto: ESE Paula Frassinetti

Serra, H. (2003, outubro). Não se fabricam sobredotados. *Notícias Magazine*, nº 596, 67-72.

Serra, H. (2004). *Alunos sobredotados / A criança sobredotada*. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro

Serra, H. (2004). *O Aluno Sobredotado compreender para apoiar – Um guia para educadores e professores*. Vila N. de Gaia: Edições Gailivro.

Serra, H. (2004). *A criança sobredotada. O aluno sobredotado*. Porto: APCS

Serra, H. (2015). *Será o meu filho sobredotado*. Porto: Porto Editora

Silva, M. (1997). A criança sobredotada vista pelos pais. In *Atas da Conferencia sobre Sobredotação*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.

Silva, M. (1992). *Sobredotados: as suas necessidades educativas específicas*. Porto: Porto Editora

Terrassier, J. C. (1989). *Les enfants surdoués ou La précocité embarrassante*. Paris : Les éditions ESF, (2a édition).

Winner, E. (1996). *Crianças Sobredotadas: Mitos e Realidades*. Lisboa, Horizontes Pedagógicos, Editora Instituto Piaget

Sites consultados na internet

<http://www.aneis.org/>

<http://aneiscoimbra.no.sapo.pt/legisla.htm>

<http://www.institutodainteligencia.net/>

<http://sobredotados.com.sapo.pt/>

<http://www.apcs.co.pt/>

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>
<http://www.sg.min-edu.pt/pt/informacao-do-sistema-educativo/legislacao-e-regulamentacao-da-educacao/lei-de-bases-do-sistema-educativo/>
www.educ.fc.ul.pt
<http://www.deficiente-forum.com/ensino-especial/professor-do-ensino-especial-funcoes/>
<http://br.monografias.com/trabalhos-pdf902/a-importancia-ler/a-importancia-ler.pdf>
http://www.malhatlantica.pt/aeiou/pdf/criancas_jovens_sobredotados.pdf
<http://www.unicef.pt/artigo.php?mid=18101111&m=2>
www.youtube.com/watch?v=PMQantX9EPo
<http://www.trainingvillage.gr>
<http://www.cedefop.eu.int>
www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm32/sobredotados/atendimento.htm
www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm32/sobredotados/formas_at.htm
www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm32/sobredotados/tendencias.htm
www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm32/sobredotados/indicacoes.htm
www.educare.pt/artigo_novo.asp?fich=ESP_20010604_118
www.educare.pt

Legislação consultada

Circular nº22/93, de 2 de março, da Direção Geral do Ensino Básico e Secundário

Decreto-lei nº 3/2008, de 7 de Janeiro. *Diário da República* nº 4 – I Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-lei nº 319/91, de 23 de Agosto. *Diário da República* nº 193 – I Série – A. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei nº 152/2013 de 4 de novembro. *Diário da República*, 1.ª série — N.º 213 Ministério da Educação. Lisboa.

Departamento de Educação Básica. (1998). *Crianças e jovens sobredotados: Intervenção educativa*. Lisboa: Ministério da Educação.

Despacho nº 14788-A/2013 *Diário da República*, 2.ª série — N.º 221 — Ministério da Educação. Lisboa.

Despacho nº 173/ME/91 de 23 de Outubro. *Diário da República* nº 244 – II Série.
Ministério da Educação. Lisboa. - 129 –

Despacho da Secretaria de Estado da Educação e Inovação nº 16935/99 de 30 de agosto
que revoga o Despacho nº 6/SERE/88, de 15 de março

Despacho Normativo nº 50/2005, de 20 de Outubro. *Diário da República* nº 215 – I
Série – B. Ministério da Educação. Lisboa

Despacho Normativo nº 1/2005, de 5 de Janeiro. *Diário da República* nº 3 – I Série – B.
Ministério da Educação. Lisboa.

Despacho Conjunto nº 36/88, de 17 de Agosto do Gabinete do Secretário de Estado
Adjunto do Ministro da Educação e Secretaria de Estado da Reforma Educativa. Lisboa

LBSE – Lei nº 49/2005 de 30 de agosto

Declarações e Convenção

Declaração dos Direitos da Criança (1924)

Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948)

Declaração de Salamanca Unesco (1994). Princípios, Política e Prática na área das
Necessidades Educativas Especiais. Espanha.

Convenção sobre os Direitos da Criança (1990)

Apêndice



O presente questionário está a ser aplicado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação- Educação Especial: Domínio Cognitivo Motor, com o objetivo de aferir os conhecimentos dos professores/educadores acerca do tema SOBREDOTAÇÃO. Leia, por favor, todas as questões e assinale todas as opções que indicam a sua resposta. ESTE INQUÉRITO É ANÓNIMO.

PARTE I – CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

- 1. Género:** Masculino ☐ Feminino ☐
- 2. Idade:** Até 25 anos ☐ De 26 a 36 anos ☐
De 37 a 50 anos ☐ Mais de 50 anos ☐
- 3. Nível académico:** Bacharelato ☐ Licenciatura ☐ Pós graduação ☐ Especialização ☐
Mestrado ☐ Doutoramento ☐ Outro ☐ Qual? _____
- 4. Há quanto tempo terminou a sua formação académica base:**
Ainda não terminei ☐ Entre 1 a 5 anos ☐ Entre 6 a 10 anos ☐ Há mais de 10 anos ☐
- 5. Qual a sua situação profissional, no momento:**
Estudante na área da educação ☐ Empregado na área da educação ☐
Desempregado ☐ Empregado noutra área ☐ Qual? _____
- 6. Se indicou estar “Empregado na área da educação”, indique há quantos anos leciona:**
Até 5 anos ☐ Até 10 anos ☐ Até 15 anos ☐ Mais de 15 anos ☐
- 7. Indique o(s) ciclo(s) que leciona:**
Pré escolar ☐ 1º ciclo ☐ 1º ciclo AECS ☐ 2º ciclo ☐ 3º ciclo ☐
Secundário ☐ Outro ☐ Qual? _____
- 8. Se respondeu “Desempregado” ou “Empregado noutra área”, há quanto tempo esta nessa situação?**
Menos de 1 ano ☐ Mais de 1 ano e menos de 3 anos ☐ Mais de 3 anos ☐
- 9. Se respondeu “Desempregado” ou “Empregado noutra área” tem formação e conhecimentos na área da sobredotação?** Sim ☐ Não ☐

PARTE II – CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO DOS DOCENTES

10. Durante a sua formação acadêmica inicial teve alguma unidade curricular na qual abordou o tema: Educação Especial? Sim ☐ Não ☐

11. Se respondeu SIM, a Sobredotação foi um dos temas trabalhado? Sim ☐ Não ☐

12. Fez alguma formação complementar em Educação Especial? Sim ☐ Não ☐

13. Se respondeu SIM na questão anterior, indique os tipos de formação que realizou.

Ação de formação ☐ Pós graduação ☐ Especialização ☐ Mestrado ☐
Outras ☐ Qual? _____

14. O tema sobredotação foi trabalhado nessa formação? Sim ☐ Não ☐

PARTE III - RECONHECIMENTO DO TEMA SOBREDOTAÇÃO E DOS ALUNOS SOBREDOTADOS

15. Sente-se preparada/o para trabalhar com alunos sobredotados? Sim ☐ Não ☐

16. Conhece, ou já teve algum aluno sobredotado? Sim ☐ Não ☐

17. Conhece as principais características de um sobredotado? Sim ☐ Não ☐ Algumas ☐

18. Conseguiria identificar um aluno sobredotado na sua sala de aula? Sim ☐ Não ☐
Talvez ☐

19. Independentemente das respostas anteriores, considere o tema - “Sobredotação”:

Desconheço o tema ☐ Conheço o tema ☐ Conheço bem o tema ☐ Domino o tema ☐

20. Na sua opinião, os alunos sobredotados são alunos com necessidades educativas especiais? Sim ☐ Não ☐ Não sei ☐

21. Considera que os alunos sobredotados são crianças mais realizadas do que as outras, na escola?

Sim ☐ Não ☐ Não sei ☐

22. Os alunos sobredotados são desenvolvidos em:

Todas as áreas ☐ Apenas numa área específica ☐ Algumas áreas ☐ Não sei ☐

23. Das seguintes afirmações assinale TODAS as que considera CORRETAS:

- Os sobredotados apresentam níveis díspares de desenvolvimento ☐
- Os sobredotados sofrem desajustes emocionais e sociais ☐
- São alunos que muitas vezes se anulam perante os outros ☐
- Tendem a ter comportamentos desajustados na sala de aula ☐
- São alunos pacientes ☐
- Adaptam-se facilmente a rotinas e regras ☐
- São um grupo minoritário, mas beneficiado no sistema escolar ☐
- Existe legislação específica para os alunos sobredotados ☐

24. Sente necessidade de fazer algum tipo de formação sobre sobredotação? Sim ☐ Não ☐

25. Considera que a abordagem ao tema sobredotação na formação académica é:

Indispensável ☐ Necessária ☐ Dispensável ☐ Sem opinião ☐

26. Qual/quais os conteúdos, acerca de sobredotação, que considera importantes serem lecionados na formação inicial de docentes?

Características para identificação ☐ Adaptações curriculares ☐ Legislação ☐

Estratégias educativas para intervenção ☐ Outra ☐ Qual? _____

27. Estaria interessado em frequentar uma ação de formação sobre sobredotação?

Sim ☐ Não ☐ Talvez ☐

AGRADEÇO A SUA COLABORAÇÃO

Parte I – Caracterização dos participantes	
1. Género	
Feminino	80
Masculino	23
Total	103
2. Idade	
Até 25 anos	12
De 26 e 36 anos	49
De 37 a 50 anos	33
Mais de 50 anos	9
Total	103
3. Nível académico	
Bacharelato	0
Licenciatura	61
Pós graduação	12
Especialização	11
Mestrado	17
Doutoramento	2
Outro	0
Total	103
4. Há quanto tempo terminou a sua formação académica base?	
Ainda não terminei	12
De 1 a 5 anos	20
De 6 a 10 anos	28
Mais de 10 anos	43
Total	103
5 Qual a sua situação profissional no momento?	
Estudante na área da educação	12
Empregado na área da educação	75
Desempregado	3
Empregado noutra área	13
Total	103
6. Se indicou estar “Empregado na área da educação”, indique há quantos anos leciona:	
Até 5 anos	13
Até 10 anos	26
Ate 15 anos	21
Mais de 15 anos	15
N.R.	28
Total	113
7. Indique o(s) ciclo(s) que leciona:	

Pré-escolar	9
1º ciclo	27
1º ciclo AECS	32
2º ciclo	5
3º ciclo	0
Secundário	2
Outro	0
N.R.	28
Total	103
8. Se respondeu “Desempregado” ou “Empregado noutra área”, há quanto tempo está nessa situação?	
Menos de 1 ano	3
Mais de 1 ano e menos de 3 anos	8
Mais de 3 anos	17
N.R.	75
Total	103
9. Se respondeu “Desempregado” ou “Empregado noutra área” tem formação e conhecimentos na área da sobredotação?	
Sim	25
Não	3
N.R.	75
Total	103
Parte II – Caracterização da formação dos docentes	
10. Durante a sua <u>formação académica inicial</u> teve alguma unidade curricular na qual abordou o tema : Educação Especial?	
Sim	43
Não	60
Total	103
11. Se respondeu SIM, a sobredotação foi um dos temas trabalhado?	
Sim	31
Não	12
N.R.	60
Total	103
12. Fez alguma formação complementar em Educação Especial?	
Sim	31
Não	72
Total	103
13. Se respondeu SIM na questão anterior, indique os tipos de formação que realizou.	
Ação de formação	5
Pós graduação	11
Especialização	12
Mestrado	3

Outro	0
N.R.	72
Total	103
14. O tema sobredotação foi trabalhado nessa formação?	
Sim	12
Não	19
N.R.	72
Total	103
Parte III Reconhecimento do tema sobredotação e dos alunos sobredotados	
15. Sente-se preparada/o para trabalhar com alunos sobredotados?	
Sim	93
Não	10
Total	103
16. Conhece, ou já teve algum aluno sobredotado?	
Sim	5
Não	98
Total	103
17. Conhece as principais características de um sobredotado?	
Sim	20
Não	0
Algumas	83
Total	103
18. Conseguiria identificar um aluno sobredotado na sua sala de aula?	
Sim	49
Não	0
Talvez	54
Total	103
19. Independentemente das respostas anteriores considere o tema - “Sobredotação”	
Desconheço o tema	0
Conheço o tema	101
Conheço bem o tema	2
Domino o tema	0
Total	103
20. Na sua opinião, os alunos sobredotados são alunos com NEE?	
Sim	38
Não	45
Não sei	20
Total	103
21. Considera que os alunos sobredotados são crianças mais realizadas do que as outras?	
Sim	49
Não	42
Não sei	12

Total	103
22. Os alunos sobredotados são desenvolvidos em:	
Em todas as áreas	28
Apenas numa área específica	19
Em algumas áreas	44
Não sei	12
Total	103
23. Das seguintes afirmações assinale TODAS as que considera corretas	
a)	97
b)	91
c)	59
e)	72
f)	46
g)	66
h)	52
i)	30
Total	
24. Sente necessidade de fazer algum tipo de formação sobre sobredotação?	
Sim	25
Não	78
Total	103
25. Considera que a abordagem ao tema sobredotação na formação académica é:	
Indispensável	27
Necessária	73
Dispensável	3
Sem opinião	0
Total	103
26. Qual/quais os conteúdos, acerca de sobredotação, que considera importantes serem lecionados na formação inicial de docentes?	
Características para identificação	103
Adaptações curriculares	98
Estratégias educativas para intervenção	103
Legislação	70
Outra	2
27. Estaria interessado em frequentar uma ação de formação sobre sobredotação?	
Sim	24
Não	13
Talvez	66
Total	103

Quadro 4 - Tratamento de dados

Questões	Opções de resposta	Tipo de variável
1. Género	1 = Masculino 2= Feminino	Nominal
2. Idade	1=Até 25 anos 2=De 26 a 36 anos 3=De 37 a 50 anos 4= Mais de 50 anos	Ordinal
3. Nível académico:	1=Bacharelato 2=Licenciatura 3=Pós graduação 4=Especialização 5=Mestrado 6=Doutoramento 7=Outro	Ordinal
4. Há quanto tempo terminou a sua formação académica base?	1=Ainda não terminei 2=Entre 1 a 5 ano 3=Entre 6 a 10 anos 4=Há mais de 10 anos	Escala
5. Qual a sua situação profissional, no momento?	1=Estudante na área da educação 2=Empregado na área da educação 3=Desempregado 4=Empregado noutra área	Nominal
6. Se indicou estar “Empregado na área da educação”, indique há quantos anos leciona:	1=Até 5 anos 2=Até 10 anos 3=Até 15 anos 4=Mais de 15 anos	Ordinal
7. Indique o(s) ciclo(s) que leciona:	1=Pré-escolar 2=1º ciclo 3=1º ciclo AECS 4=2º ciclo 5=3º ciclo 6=Secundário 7=Outro	Nominal
8 Se respondeu desempregado ou Empregado noutra área, há quanto tempo está nessa situação?	1=Menos de 1 ano 2=Mais de 1 ano e menos de 3anos 3= Mais de 3 anos	Ordinal
9. Se respondeu “Desempregado” ou “Empregado noutra área” tem formação e conhecimentos na área da sobredotação?	1=Sim 2=Não 3=N.R.	Nominal
10. Durante a sua <u>formação académica</u>	1=Sim	Nominal

<u>inicial</u> teve alguma unidade curricular na qual abordou o tema: Educação Especial?	2=Não	
11. Se respondeu SIM, a sobredotação foi um dos temas trabalhado?	1=Sim 2=Não	Nominal
12. Fez alguma formação complementar em Educação Especial?	1=Sim 2=Não	Nominal
13. Se respondeu SIM na questão anterior, indique os tipos de formação que realizou.	1=Ação de formação 2=Pós graduação 3=Especialização 4=Mestrado 5=Outras	Escolha múltipla
14. O tema Sobredotação foi trabalhado nessa formação?	1=Sim 2=Não	Nominal
15. Sente-se preparada/o para trabalhar com alunos sobredotados?	1=Sim 2=Não	Nominal
16. Conhece, ou já teve algum aluno sobredotado?	1=Sim 2=Não	Nominal
17. Conhece as principais características de um sobredotado?	1=Sim 2=Não 3=Algumas	Nominal
18. Conseguiria identificar um aluno sobredotado na sua sala de aula?	1=Sim 2=Não 3=Talvez	Nominal
19. Independentemente das respostas anteriores, considere o tema - “Sobredotação”	1=Desconheço o tema 2=Conheço o tema 3=Conheço bem o tema 4=Domino o tema	Escolha múltipla
20. Na sua opinião, os alunos sobredotados são alunos com necessidades educativas especiais?	1=Sim 2=Não 3=Não sei	Nominal
21. Considera que os alunos sobredotados são crianças mais realizadas do que as outras, na escola?	1=Sim 2=Não 3=Não sei	Nominal
22. Os alunos sobredotados são desenvolvidos em:	1=Todas as áreas 2=Apenas numa área específica 3=Algumas áreas 4=Não sei	Escolha múltipla
22. Das seguintes afirmações assinale	1=Os sobredotados apresentam níveis	Escolha múltipla

TODAS as que considera CORRETAS:	<p>dísparos de desenvolvimento</p> <p>2=Os sobredotados sofrem desajustes emocionais e sociais</p> <p>3=São alunos que muitas vezes se anulam perante os outros</p> <p>4=Tendem a ter comportamentos desajustados na sala de aula</p> <p>5=São alunos pacientes</p> <p>6=Adaptam-se facilmente a rotinas e regras escolar</p> <p>7=Existe legislação específica para os alunos sobredotados</p> <p>8=São um grupo minoritário, mas beneficiado no sistema</p>	
24. Sente necessidade de fazer algum tipo de formação sobre Sobredotação?	<p>1=SIM</p> <p>2=NÃO</p>	Nominal
25. Considera que a abordagem ao tema Sobredotação na formação académica é:	<p>1=Indispensável</p> <p>2=Necessária</p> <p>3=Dispensável</p> <p>4=Sem opinião</p>	Escolha múltipla
26. Qual/quais os conteúdos, acerca de Sobredotação, que considera importantes serem lecionados na formação inicial de docentes?	<p>1=Características para identificação</p> <p>2=Adaptações curriculares</p> <p>3=Estratégias educativas para intervenção</p> <p>4=Legislação</p> <p>5=Outra</p>	Escolha múltipla
27. Estaria interessado em frequentar uma ação de formação sobre Sobredotação?	<p>1=Sim</p> <p>2=Não</p> <p>3=Talvez</p>	Nominal

Quadro 5 Classificação das variáveis

O que é a sobredotação?

Um conceito abrangente que contempla diversas áreas da inteligência e atividade humana. São consideradas crianças/jovens sobredotados aqueles que apresentam desempenhos notáveis e/ou elevadas habilidades em qualquer das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: Habilidade intelectual - Habilidade académica - Habilidade motora - Habilidade artística - Habilidade social.

Algumas características dos sobredotados

- ✓ São curiosos, gostam de questionar e investigar;
- ✓ Rapidez e facilidade de aprendizagem;
- ✓ Sensibilidade face à injustiça tanto a nível pessoal como social;
- ✓ Tem dificuldade em aceitar respostas superficiais;
- ✓ Entende com facilidade princípios gerais;
- ✓ Perceção do desconhecido como um desafio;
- ✓ Empenha-se em satisfazer os seus interesses e curiosidades;
- ✓ Flexibilidade de pensamento;
- ✓ Demonstram grande imaginação e fantasia;
- ✓ Resolvem problemas de forma original;
- ✓ Reage positivamente a elementos novos e estranhos;
- ✓ Reagem de forma intensa à frustração;
- ✓ Sentem grande necessidade de falar com adultos;
- ✓ Têm dificuldades em encontrar amigos da mesma idade e com os mesmos interesses.

Algumas das problemáticas dos sobredotados

Dissincronia – discrepâncias, dissemelhanças existentes entre o veloz funcionamento intelectual que estas crianças apresentam numa área e as habilidades menos desenvolvidas que apresentam noutras.

✓ *Dissincronia intelectual e psicomotora*

O intelecto da criança evolui mais rápido do que as suas habilidades motoras.

✓ *Dissincronia entre linguagem e pensamento/raciocínio*

Disparidade existente entre a velocidade de pensamento de um sobredotado e a sua capacidade de comunicação oral.

✓ *Dissincronia afectivo - intelectual*

Ocorre quando a maturação emocional e o amadurecimento intelectual não seguem o mesmo ritmo. Apresentam dificuldades de relacionamento com os seus colegas de turma, por não estarem emocionalmente tão “maduros” como eles.

✓ *Efeito pigmaleão*

Necessidade de alteração de procedimento para corresponder às expectativas despojas sobre eles quer pela família, colegas ou professores.

Estratégias educativas essenciais

- ✓ Respeitar o ritmo de aprendizagem;
- ✓ Facultar informações sobre os assuntos que são as suas áreas de interesse, apelando sempre a um pensamento divergente e ao aprofundamento da pesquisa nesse e noutros temas;
- ✓ Estimular o espírito observador;
- ✓ Encorajar e permitir o trabalho independente, respeitando a sua individualidade alistando o debate de assuntos do seu interesse;
- ✓ Dar oportunidade para alcançar os seus objetivos e mobilizar-se em torno dos seus interesses;
- ✓ Evitar situações que causem desmotivação e desinteresse;
- ✓ Não rotular, ou exibir a criança como um troféu de sala de aula;
- ✓ Sustentar o espírito auto crítico para que procure elevar e aperfeiçoar as suas capacidades;
- ✓ Ensinar a lidar com os momentos de insucesso (motivo de grandes momentos de frustração nestas crianças);
- ✓ Criar situações problemáticas com nível de exigência cada vez mais rigorosas;
- ✓ Oferecer novas ideias sobre vários temas;
- ✓ Enriquecer a sua experiência de vida;
- ✓ Criar situações que lhe permitam fantasiar, imaginar e criar;
- ✓ Promover e enriquecer a relação com os seus companheiros;

Para refletir

Este é o tipo de criança que um professor sonha pelo menos uma vez na vida ter como aluno. Mas agora que o temos não sabemos o que fazer com ele”

Gallagher & Weiss (1979)

Não esqueçamos ...

*Os alunos sobredotados existem,
estão aí e continuarão a estar.*

*Podemos identificá-los ou não,
reconhecê-los ou não.*

O importante é não arruinarmos

as suas possibilidades por

abandono ou negligência,

por comodidade ou ignorância.

A tarefa, sem dúvida, merece a pena...”

Tourón (1999)

Hiperligações recomendadas

Academia de sobredotados

<http://www.academiasobredotados.com>

Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na
Sobredotação – ANEIS

<http://www.aneis.org/>

Associação Portuguesa para Criança Sobredotadas - APCS

<http://www.apcs.co.pt/>

Centro Português para a Criatividade Inovação e Liderança –
CPCIL

<http://sobredotados.com.sapo.pt/>

Instituto da Inteligência

<http://www.institutodainteligencia.net/>



Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Ciências da Educação
Especialidade em Educação Especial:
Domínio Cognitivo-Motor

SOBREDOTAÇÃO



Dissertação apresentada à sob a orientação da

Professora Doutora Cristina F. Saraiva Pires Gonçalves

Discente: Rosa Cristina Guimarães de Matos, nº Turma

Lisboa
Julho de 2015

*“Se os meus escritos valem alguma coisa, possam
os que os tiverem (...) utilizá-los do melhor
modo que entenderem”*

Descartes